REVISTA DA SEMANA

N.º 28 ★ 15-7-50

Cr$ 3,00 em todo o Brasil





NESTE NÚMERO:

MODAS DE INVERNO

SAIU

O ALBUM DE A CENA

CINEMA E RÁDIO ✶ TEATRO E MÚSICA

O ALBUM CONTEM:

★ Muitas fotografias coloridas e muitas outras numa só côr, porém tôdas em tamanho grande.

★ Fichário completo dos artistas, biografias e curiosidades a respeito dos mesmos.

★ Artigos especiais escritos por Alex Viany, Salvyano Cavalcanti de Paiva, Alberto Conrado e Leon Eliachar.



PREÇO: CR$ 25,00

Pedidos pelo Reembôlso Postal, mediante vale do Correio à **Cia. Editora Americana** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio

A' VENDA EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS



— Querido, não esqueça de trazer o ALBUM DE «A CENA», se não acaba!



— É isso mesmo: se não comprares o Album de A CENA, terminamos tudo



— Veja só Janet, saiu a sua foto no Album de A CENA. Vai esgotar!



— Mãos ao alto! Onde vocês esconderam o meu Album de A CENA?



TRYGVE LIE, O HOMEM DAS CONTROVÉRSIAS

Será a Coréia uma nova Serajevo? — E poderá a ONU evitar nova catástrofe mundial?

O sr. Trygve Lie, secretário geral das Nações Unidas, é uma das mais faladas e discutidas pessoas do mundo atual. Dono daquela serenidade dos escandinavos, é uma das mais interessantes personagens da Europa, atualmente em funções de magna importância naquela entidade. Desempenha o famoso norueguês o elevado cargo de Ministro de Estrangeiros da sua pátria e sua sensatez lhe dá uma certa auréola de sabedoria em face das desavenças do mundo contemporâneo. Para decidir em definitivo dos destinos dêsse mundo em direção da paz permanente, Trygve Lie luta no sentido de aproximar os maiorais do planêta: Truman, Auriol, Attlee e Stalin.

Acredita êle que se êsses dirigentes mundiais viessem a reunir-se em encontro cordial, assistidos por acessores de boa-vontade e valor indiscutível, as nuvens negras que pesam sôbre a humanidade estariam afastadas. E, com efeito, a vida das Nações Unidas depende, especialmente, da harmonia de vistas das potências seguintes: Estados Unidos, Inglaterra, França e URSS. Se, entre elas, cada vez se cavam divergências, o dique das paixões um dia se romperá e todo o mundo mergulhará numa calamidade de consequências tremendas.

A crise que Lie enfrentou e que lhe fêz temer uma desgraça foi a guerra na Coréia. Fêz temer desde o começo e ainda lhe parece perigosa a situação. Antes, houvera aquêle impasse aflitivo na ONU, quando a URSS se retirara da Sala do Conselho, afirmando que só ali retornaria quando a China estivesse também com sua cadeira entre as nações presentes.

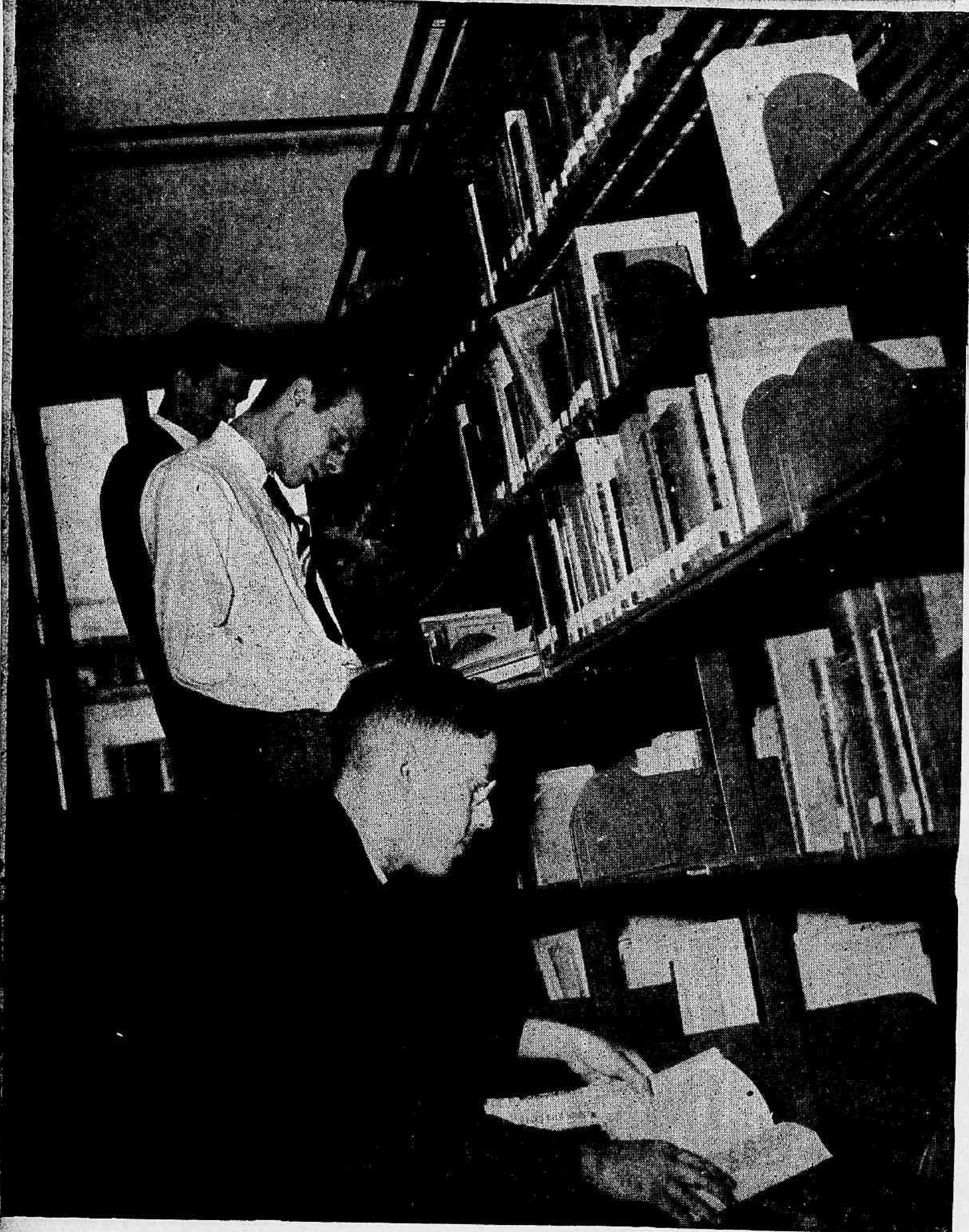
O caso tomou aspectos muito sérios. E não esperando que a guerra fria se agravasse de um momento para outro, Trygve Lie tomou um avião, transportando-se para a Europa. Depois de trocar idéias com os membros do govêrno francês e com os dirigentes do trabalhismo inglês, foi a Moscou. O que resultou de tudo isso ficou pouco conhecido e o próprio Lie declarou que sòmente dentro de mais algum tempo lhe seria possível divulgar o que obteve ou pretendeu obter.

Segundo os cronistas norte-americanos, êsse homem, atualmente, é uma espécie de "empresário" do "show" universal com sede em Lake Success e, reunindo qualidades de diretor, gerente de cena e agente de publicidade, é o comandante de um exército de mais de três mil pessoas distribuídas entre intérpretes, empregados, técnicos em energia atômica, desenhistas de mapas, economistas, advogados e uma infinidade de outros especialistas que servem aos delegados das cinquenta e nove nações sob a bandeira da ONU.

Ao lado de sua chefia nesse espetáculo, é êle, pessoalmente, um ator do conjunto. Em cada uma das reuniões ou assembléias se vê uma cadeira reservada para êle ou para seu substituto eventual. Mas sua posição é de absoluta equidistância das nações em discussão e, por êsse motivo, tem o cuidado precípuo de acomodar sempre as coisas quando elas ameaçam degenerar em conflito. Êste, aliás, vem a ser o seu dever, o caminho que tem a seguir em meio dos choques entre as delegações reunidas. Por isso já foi cognominado de "Watchman of World Peace", ou seja, "Sentinela da Paz Mundial", o guarda, o vigia, o homem alerta a qualquer desequilíbrio...

E por êsse motivo insiste sempre, êle, num entendimento entre os maiorais do mundo político de hoje. Lie é um homem experimentado no embate das ideologias. Está com cinquenta e quatro janeiros e tôda a sua vida, a passou entre o tumultuar das idéias que transformam o mundo.

Além de um observador perspicaz, é ainda um estudioso dos problemas sociais da atualidade, tendo formado o seu cabedal de conhecimentos, desde a mocidade, como secretário do Partido Nacional Trabalhista de sua pátria.



Cinco mil volumes, devidamente catalogados, encerrando trabalhos de utilidade e proveito mental para os estudantes, podem ser consultados na biblioteca da Casa. E ali, rapazes de todos os pontos do Brasil e às vêzes mesmo do exterior, sem maiores despesas, encontram o material que desejam

"MUNDO, VASTO MUNDO..."

BOLSAS DE ESTUDOS PARA O NOSSO PAÍS ★ LEGIÃO ESTRANGEIRA UNIVERSITÁRIA NA RUA SANTA LUZIA ★ DEPENDE DOS CONGRESSISTAS A SORTE DA GLORIOSA INSTITUIÇÃO FUNDADA PELA POETISA ANA AMÉLIA QUEIROZ CARNEIRO DE MENDONÇA ★ QUE SEJA CONCEDIDO O ESPERADO AUXÍLIO À C. E. B., SENHORES PARLAMENTARES!

Reportagem de ARMANDO PACHECO

Fotos de ANTONIO LIMA
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

NESTE país em que não são levadas a sério as iniciativas culturais, vai, dentro em breve, a Casa do Estudante do Brasil, festejar seu 21º aniversário de fundação, comemorando, assim, sua maioridade. Há vinte anos vem essa instituição prestando inestimáveis serviços aos estudantes do Brasil. Nascida do idealismo de um grupo de quase adolescentes nos idos tempos de 29, a Casa do Estudante, trazida, durante certo tempo, aos trancos e barrancos pelo pessimismo negativista do meio, se impôs pelo trabalho perseverante de seus diretores, e hoje desfruta de grande prestígio, tornando-se gloriosa tradição.

O MUNDO DOS ESTUDANTES

Desde os tempos difíceis do Largo da Carioca que a C.E.B. tem sido o lar dos estudantes pobres de tôda a parte do país, que vêm tentar a sorte na metrópole. Pelo seu restaurante, dirigido pelo velho Marcílio Bocco, secundado por D. Emília Mendes, passaram ginasianos e universitários, hoje em grande evidência nos vários setores da vida nacional. Também pela seção residencial da rua do Riachuelo, passaram estudantes que, talvez, sem o auxílio e a pousada que D. Ana Amélia autorizava, não resistissem mais um dia de Rio de Janeiro e regressassem, fracassados, desiludidos e amargos às suas províncias. Nos momentos terríveis de suas vidas incertas, na Capital da República, a Casa do Estudante, com ou sem restrições, lhes valeu, dando-lhes casa, e comida e assistência, se bem que precária na época, dadas as suas condições financeiras.



A sra. Ana Amélia mostra ao repórter um documento precioso: a ata da reunião fundadora da Casa do Estudante do Brasil, assinada por todos os elementos que deram impulso a êsse empreendimento de tão largo alcance social. Isso foi em 1929. E quantos obstáculos foi preciso vencer!

UM POUCO DA HISTÓRIA DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL



Uma senhorita universitária, encarregada da seção de correspondência com tôdas as instituições congêneres mundiais, mostra o fichário da Casa do Estudante do Brasil

Portanto, se ninguém pode combater essa respeitável obra, muito menos o poderão aquêles que já foram estudantes um dia. Se ela mais não fêz, a culpa cabe ao ambiente ruim em que vivemos. Direta ou indiretamente todos os estudantes devem alguma coisa a C.E.B., desde a gratidão ao respeito. Agora, vinte anos feitos, se não lhe podem atirar flores pelo muito que realizou em favor da Juventude Brasileira, que ao menos, pensem, reverentes, nos moços que virão depois e que necessitam de usufruir dos mesmos benefícios. Pela C.E.B. passaram antigos líderes de classe, atualmente espalhados e brilhando em postos diversos, como Paschcal Carlos Magno, Carlos Lacerda, Ivan Martins, João Neder, José Gomes Talarico, Paes Leme, Paulo Silveira, Wagner Cavalcante e outros que começaram a se revelar nas primeiras reuniões universitárias do Largo da Carioca, onde assentaram a fundação da U.N.E.

A CASA NOVA DOS ESTUDANTES

Com muita luta, suor e lágrimas foi construída a nova sede da rua Santa Luzia. Ao contrário do velho pardieiro da rua do Riachuelo, o arranha-céu em frente à Santa Casa oferece excelentes instalações e deixa os visitantes plenamente satisfeitos com tudo. A C.E.B. mantém três restaurantes, um no Largo da Carioca a preços populares, outro na terrasse, e um terceiro no primeiro andar arrendado a um empresário. Possui biblioteca de cinco mil volumes, o aplaudido teatro universitário, criado por Paschoal Carlos Magno, completa assistência social, oferece refeições gratuitas aos estudantes pobres, e socorre cêrca de uma centena de universitários, ocupando quatro pavimentos do edifício-sede. O ambiente ali é o mais heterogêneo e democrático do mundo. Estudantes bolivianos, argentinos, peruanos, uruguaios, colombianos, mexicanos e até franceses estão irmanados lado a lado dos nossos patrícios, unidos numa invejável compreensão humana. A C.E.B. oferece presentemente um belo espetáculo de civilização, pois já começamos a atrair estudantes estrangeiros e até bôlsas de estudos são distribuídas em países vários para o Rio de Janeiro. Um exemplo entre muitos, é o francês Edouard Bailby, nascido em Paris, filho de um conhecido médico, que preferiu estudar no Brasil, que leciona sua língua a dois ministros de Estado, que está noivo de brasileira, que está escrevendo uma história do Brasil em francês, e que está apaixonado pelo nosso país. Assim também são os latino-americanos e principalmente os peruanos.

Estudantes de vários países, residentes da CEB, confraternizam com o repórter e dão suas impressões. Todos procuram uma palavra de elogio para a Casa que os ajuda





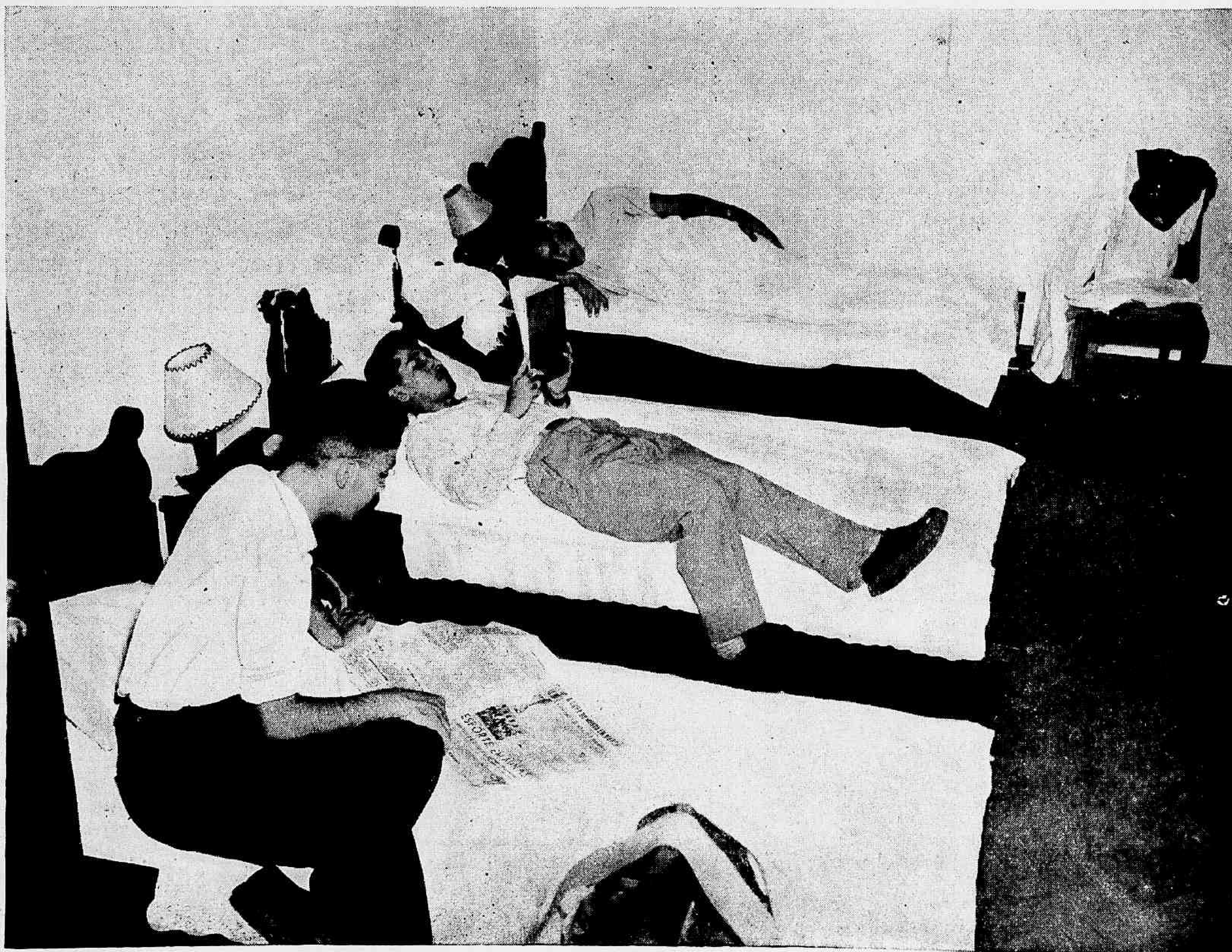
Também existe na sede da rua Santa Luzia, um 'bureaú de empregos que já colocou muitos rapazes. Aqui aparecem três candidatos fazendo suas inscrições nesse departamento

MERECEDORA DO NOSSO APOIO

A Casa do Estudante do Brasil merece apoio, aplausos e compreensão de todos os brasileiros. Em palestra com a reportagem a senhora Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, sua presidente e festejada poetisa, disse-nos que a esperança do pessoal da C.E.B. se volta para o Congresso Nacional, onde se encontra um projeto abrindo um crédito de 300 mil cruzeiros para auxílio a êsse vultoso empreendimento. E' preciso, pois, que os parlamentares pensem no futuro do país e concedam tão justo apoio financeiro.

Agora mesmo vai ser festejado, em Paris, o jubileu das organizações estudantis mundiais e o Brasil não poderá se fazer representar como deveria, simplesmente porque o atual dirtor do Lóide Brasileiro negou as passagens que o antigo diretor da autarquia, o comandante Amaral Peixoto, em boa hora, havia oferecido aos delegados da nossa mocidade ao conclave internacional. Eis porque o Brasil, que possui uma das modelares Casas de Estudantes do universo, estará ausente.

Aspecto de um dos dormitórios. São todos assim, limpos, higiênicos, espaçosos. Neles os estudantes repousam sem preocupações. Na manhã seguinte, outro dia começa...



A SEMANA EM REVISTA

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 28 ★ 15-7-50

ESPÍRITO ESPORTIVO



Não há a menor dúvida de que os norte-americanos podem não ser os reis do futebol, mas que são os reis do espírito esportivo, lá isso é incontestável.

Quando saltaram os seus jogadores, do avião ao aeroporto, entrevistados pelos nossos repórteres especializados, falaram com a maior sinceridade: «Não viemos ganhar jogos, nem sonhamos com o primeiro lugar no campeonato. Em matéria de futebol sòmente com pés e cabeça, somos crianças. Por isso, nada pretendemos». E saíram a cantar suas canções no ônibus que os trouxe à cidade.

Veio o primeiro jôgo: Espanha contra Estados Unidos, lá em Curitiba. Os americanos pregaram, durante quase todo o tempo regulamentar, tremendo susto aos ibéricos, um dos mais respeitáveis e temidos times do presente campeonato. Os americanos chegaram a esta façanha: abriram a contagem.

Já nos últimos minutos, como se nem mais ligassem para o placard, os espanhóis reagiram e meteram três tentos nas rêdes dos adversários despretenciosos.

Terminado o encontro com 3 a 1 contra êles, pensam que os vencidos foram chorar no vestiário ou amuar-se no hotel? Nada! Fizeram uma farra louca, deram vivas aos Estados Unidos, abraçaram os vitoriosos, acharam que o juiz foi ótimo, que o campo é uma maravilha, que a torcida os empolgou e, por fim, juraram que aquêles 3 a 1 era um milagre que mostrava o quanto êles já estavam «técnicos» no «association»! Que gente para saber viver! Por isso deram de 1 a 0 nos ingleses, em Belo Horizonte.

REVOLUÇÃO!



Calma, leitor, calma. Não se trata de nenhum movimento armado em nosso país. A revolução a que se refere o título acima é a que vai causar um modestíssimo funileiro da Bahia, residente na capital do Estado.

Que fêz êsse artífice para provocar uma revolução? Descobriu, leitor, uma coisa que vem preocupando todos os químicos do mundo: a solda para alumín o que resista a altas temperaturas.

Chama-se o descobridor Miguel Angelo dos Santos. Dizem os telegramas do Salvador que Miguel Angelo, depois de passar anos a fio soldando metais de tôda espécie, chegou, finalmente ao resultado de soldar alumínio e suas ligas leves.

Pelo que se sabe é êste o primeiro caso no mundo. Imediatamente o descobridor registrou seu invento, patenteendo-o e iniciando a produção comercial de sua nova solda, a qual será vendida a 40 cruzeiros o quilo.

Diante do ceticismo de muitos, inclusive de jornalistas, êle se prontificou a fazer provas práticas. Apresentaram-lhe fragmentos de alumínio; Miguel Angelo soldou-os empregando a liga de sua descoberta e depois levou a peça emendada ao fogo. Todo mundo ficou a observar o resultado. A solda resistiu heròicamente à mais elevada temperatura, ficando provada a perfeição do processo do já famoso baiano.

O outro Miguel Angelo, o do célebre Moisés, «pintou» santos e profetas; mas êste da Bahia, mais moderno, pinta os canecos.

S. PEDRO EM COPACABANA



O arranha-céu é o inimigo das crianças. Um apartamento no décimo andar de um edifício, mesmo à beira-mar, com maravilhosa vista sôbre a praia, o mar e as ilhas com farol ou sem êle, só provoca exclamações admirativas com entonações poéticas, aos indivíduos maiores e possuidores de emoção. Para uma criança, é mais belo, mais atraente, um pé de manga, uma jaboticabeira, um quintalzinho com mocós do reino e galinhas, do que tôdas as belezas panorâmicas de nossa aristocrática Copacabana.

Por isso, nas noites de São João e São Pedro, a gente fica com pena das crianças. Lá de muito alto procuram queimar seus fogos; mas, cá em baixo passa muita gente e as faíscas ameaçam a roupa e a pele dos transeuntes. De quando em quando vemos uma «pistola» expelindo com seus abafados estampidos as balas luminosas entre um enxame de faíscas assanhadas como vespas cuja casa foi atacada pelas crianças.

Mas isso não é possível fazer-se em Copacabana. Então as crianças e mesmo muita gente grande correm à Av. Atlântica. A festança pirotécnica toma proporções de loucura ígnea. Fogos e bombas, diabinhos e busca-pés percorrem os ares e o espaço reservado a pedestres e a veículos.

Estampidos e «chuveiros de prata»; fogos de assobio e «estrelinhas», traques e foguetões vistosos que se abrem nos ares como um pára-quedas de estrêlas multicôres, dão à praia um ar festivo. Mas, será isso possível em Copacabana ou é costume que só poderia ser admitido ou tolerado nas zonas rurais? Pobres crianças da capital...

SURPRESA DO BRASIL



Não nos queremos referir ao jôgo Brasil-Suíça, lá no Pacaembu. Vamos comentar uma surpresa muito maior: o regime pedagógico em Rio Branco, capital do território do Acre.

Ordinàriamente costumam os governos proporcionar ensino gratuito exclusivamente no que se refere à instrução escolar, e, até certo ponto, à alimentação dos educandos com a chamada merenda escolar. Fora disso, não cabe mais ao poder público auxiliar os estudantes.

Mas, na capital do território do Acre não se limita a isso a colaboração oficial diante dos seus alunos. Além de ser gratuita a instrução escolar, exerce a Divisão de Educação local a mais rigorosa fiscalização para tomar efetivamente obrigatória a freqüência às escolas do Acre. Mas, como muita gente deixaria de comparecer às aulas por falta de roupa, calçado e material escolar, o govêrno do Acre tomou a seu cargo suprir essa falta, aliás fundamental, e, além da merenda escolar, fornece à população escolar acreana, calçado, uniforme escolar e material pedagógico.

Se êsse exemplo fôsse registrado na Argentina, Uruguai, Estados Unidos, Suíça, etc., os nossos pedagogos, jornalistas e sociólogos não se cansavam de exaltar as medidas do govêrno estrangeiro que tal milagre conseguisse; pois fiquem sabendo que no Brasil também se faz isso. E' no Acre, o longínquo Acre, aquela imensa região conquistada pelos nordestinos sob a chefia de Plácido de Castro, o gaúcho imortal, e que, entregue a brasileiros decididos, está dando lições ao resto do país.

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1938

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa" Florida 299 tel. 32-avenida 9108, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A PERSONAGEM DA SEMANA

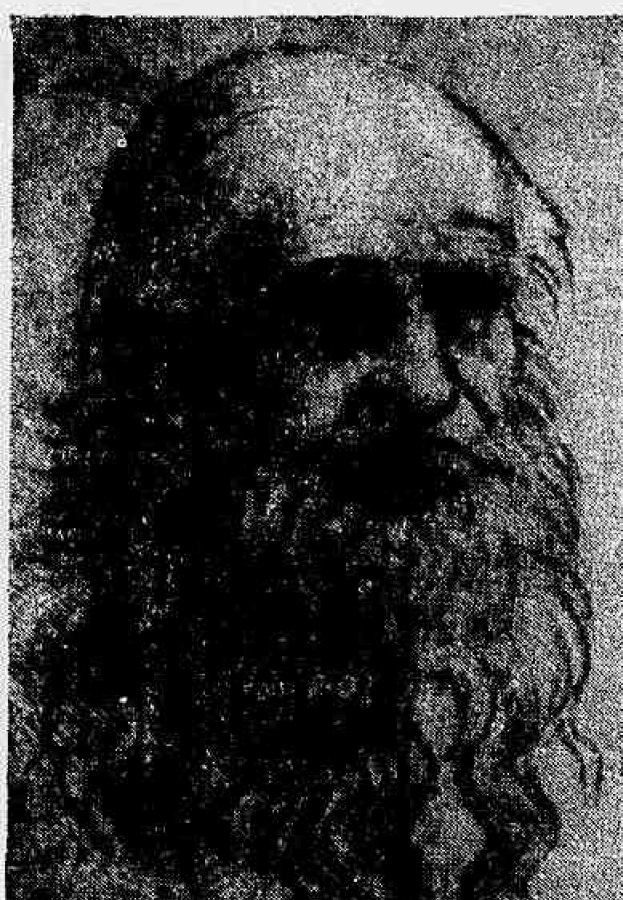
A recente viagem do sr. Artur Bernardes Filho a Belo Horizonte, com a finalidade política de entender-se com o sr. Milton Campos acêrca da posição do Partido Republicano em face da situação geral do país, aguçou a curiosidade pública e provocou comentários nos meios políticos nacionais. Qual seria o resultado das conversações entre os dirigentes do govêrno mineiro e os líderes do próprio PR montanhês? Dizia-se que o sr. Artur Bernardes, pais, havia dado ao filho tôdas as informações necessárias ao melhor desempenho de sua delegação junto ao Palácio da Liberdade, de forma que a probabilidade de votos do PR obtivesse a recompensa desejada: o govêrno de Minas para o sr. Artur Bernardes. Embora o caso não fôsse de sensível interêsse nacional, uma vez que o PR não pode ser colocado entre os chamados grandes partidos nacionais, o assunto interessou a quantos mantinham as vistas voltadas para a decisão dêsse partido em face da sucessão presidencial.

Com a sua Convenção Nacional sempre em adiantamento; notando-se visíveis dissensões no Diretório Central em relação a tendências de alguns dos seus membros para aderir ao candidato do PSD, o caso do PR passou para um nível um tanto jocoso, figurando sua atitude de indecisão como elemento de anedotário popular. A demora do emissário do PR a Minas Gerais foi curta. Ao regressar trouxera a firmeza da atitude do governador Milton Campos contrária à pretensão do sr. Artur Bernardes, de comprar o direito de primogenitura pela contribuição eleitoral do velho partido. O sr. Milton Campos não concordou, e teve o sr. Bernardes Filho que voltar à Capital Federal, sem poder decidir nada. Continuava, pois, o "quem dá mais?" do PR, não se animando a tomar uma decisão definitiva, corajosa, como deve fazer todo partido político numa encruzilhada como esta em que já se meteu. Ao escrevermos estas notas, dizia-se que os líderes do PR no Rio de Janeiro novamente haviam adiado a Convenção Nacional do partido, naturalmente porque duas corrente se chocam lá dentro: uma pró Brigadeiro; outra, em favor do sr. Cristiano Machado. O que ocorre com o PR é apenas uma questão de solidariedade à UDN com a qual formou na vigência do acôrdo interpartidário, e, antes, concorrera para eleger o governador de Minas na coligação estadual; vários próceres do PR sentem que não podem nem devem afastar-se da UDN no atual momento, tanto mais que, até agora, o PSD ainda não se apresenta com fôrça bastante para convencer os mais otimistas, de possível vitória sôbre o Brigadeiro numa disputa nas urnas. O procedimento protelatório do PR só poderá enfraquecê-lo perante os seus próprios eleitores, e, se continuar nessa "apalpação" de cego sem guia, será vítima da lei de economia política: "Quando a oferta é maior que a procura, deprecia-se a coisa oferecida...



DEPUTADO ARTUR DA SILVA BERNARDES, Presidente do Partido Republicano


FRA FILIPPO LIPPI (1406-1469)


LEONARDO (1452-1519)


GOYA (1746-1828)


RENOIR (1841-1919)

COMO OS PINTORES SE VÊEM A SI MESMOS

MENTIRA DE PINCEIS OU VERDADES FISICAS?

O auto-retrato de Rubens, uma das maiores atrações populares dos tesouros artísticos de Viena, está agora no "Metropolitan Museum". Contém êle duas das mais essenciais qualidades de um grande retrato: tem as magnificências da verdadeira pintura e a penetrante análise de um homem.

Desde a Renascença se têm os artistas ocupado em pintar os seus próprios retratos. Apresentamos nestas páginas alguns dos mais belos e impressionantes dentre tais obras cuidadosamente escolhidos na vasta seara de cada período e em cada país.

Qual o motivo por que cada artista tem, continuadamente, pintado os seus próprios retratos? Por muitas razões. Nos começos da Renascença, costumavam, frequentemente, incluirem-se êles mesmos em grandes painéis e cenas executadas para as igrejas, porque, assim como pintavam ali os rostos dos doadores também pintavam os seus, com o fim de receber as bênçãos de Deus.

Era hábito ainda, pintar o rosto do artista executor de tais quadros na mesma cena, servindo como assinatura autoral, e que testemunhava ser êsse artista o pintor do quadro, como sucedeu com Van Eyck no "Ghent Altarpiece", que escreveu estas palavras: "Johannes van Eyck fecit hic-here I am".

Traduzindo-se essa mistura de latim com inglês, temos: "João van Eyck fêz isto. Aqui estou".

Finalmente, a inclinação para o


VERMEER (1632-1675) em seu estúdio, pintado por êle mesmo


EL GRECO (1541-1614)


REMBRANDT (1606-1669)


CHARDIN (1699-1779)

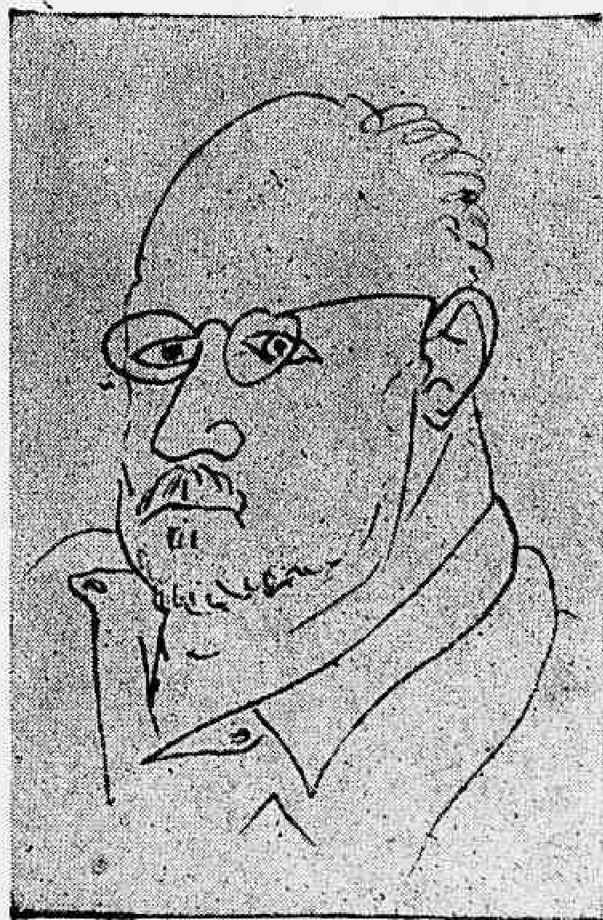

DURER (1471-1528)

auto-retrato deriva da ênfase que o homem da época costumava dar à sua própria importância. Sua habilidade para criar uma obra de arte era digna de reconhecimento por parte do próprio futuro, e, por êste motivo, sentia o artista justificativa para imortalizar sua própria figura.

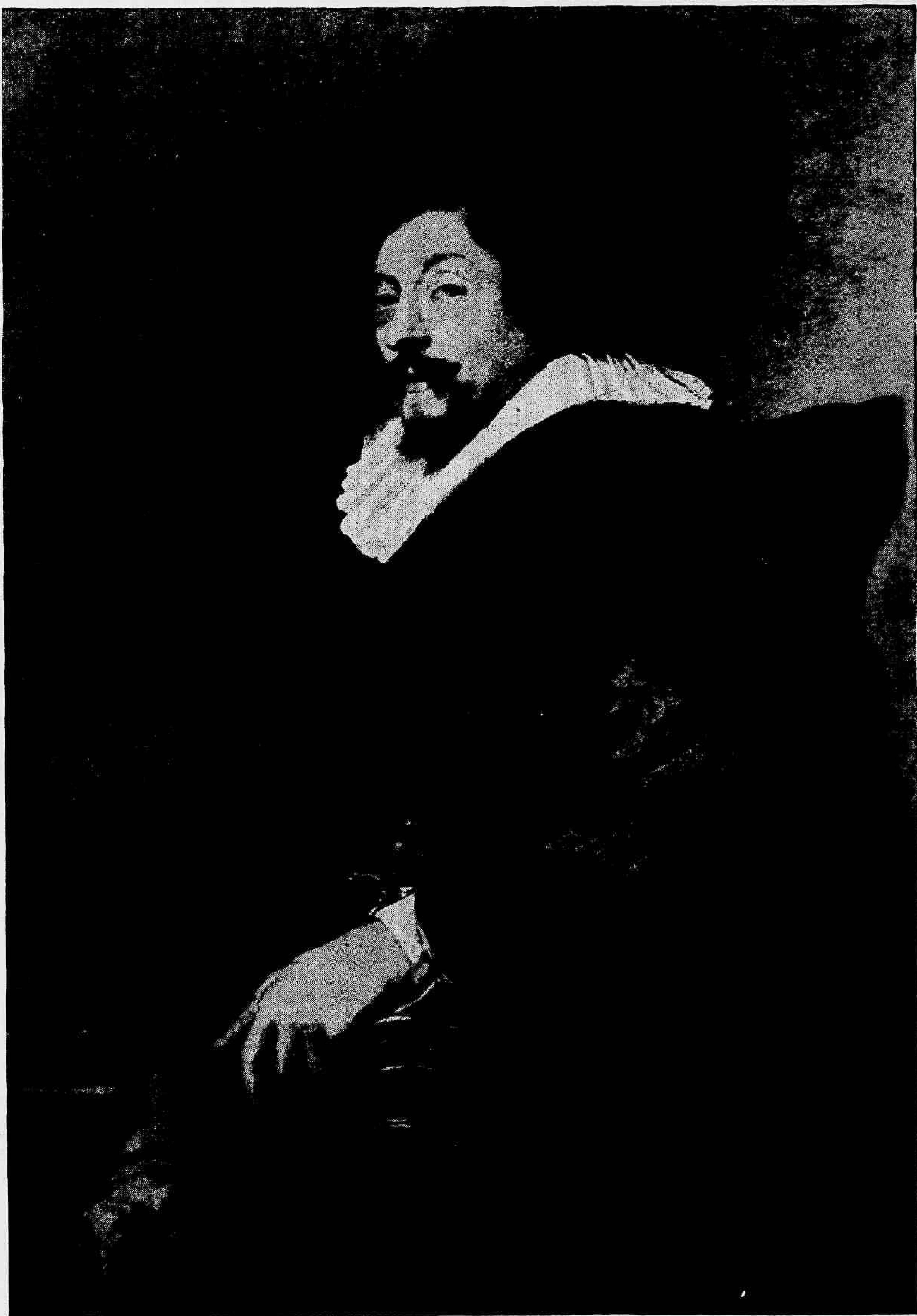
Simultâneamente, em sua evolução através do mundo, precisaram os homens conhecer-se a si mesmos, compreender-se mùtuamente. Que modêlo foi mais fácil e rapidamente objetivado? E que melhor material ou elemento para investigação humana poderia ser encontrado e estudado do que a face dos indivíduos que os homens deveriam conhecer ou já conheciam? Diz-se, e muito bem, que o rosto é o espêlho da alma.

Dürer, que fêz o seu próprio retrato quando estava apenas com 14 anos; Leonardo da Vinci, que executou sua discutida face quando já estava velho; Rembrant, que transformou os seus sucessivos auto-retratos em verdadeira autobiografia de caráter psicológico; Goya, que imortalizou o seu altivo desdém no qual como que realizava o seu próprio mundo, todos êstes e muitos outros, aqui estão registrados em seus mais significativos aspectos, com suas atitudes, as respectivas personalidades flutuando no rosto, nos gestos, na expressão do olhar com uma clareza que as mais modernas "câmeras" jamais poderiam dar.

Hoje, com a humanidade atravessando outras épocas, já os grandes pintores não se inclinam mais para a preocupação do auto-retrato. Modéstia? Talvez não. O retrato é, agora, um motivo de



MATISSE (1869-)



RUBENS (1577-1640) pintou o mais famoso auto-retrato entre 1638-1640. Jamais visto antes na América, é a maior atração do Metropolitan

luxo, coisa própria das residências abastadas e com os seus chefes possuindo inclinações de arte. As grandes pinturas murais, os painéis religiosos não mais ocupam os cuidados das religiões, mantendo-se com cuidado e devoção as pinturas antigas, como exemplos históricos da arte que se foi.

Os templos modernos que se vão erguendo já não possuem aquêles famosos afrescos da Idade Média, antes da descoberta da pintura a óleo. São mais simples as nossas catedrais e suas ornamentações se caracterizam pela sobriedade, paredes mais singelas, altares sem as pompas pictóricas dos velhos tempos de reinos e impérios.

Apenas continuam apreciados os vitrais representando cenas bíblicas, passos da vida de Cristo, figuras dos apóstolos, aspectos com a presença da Virgem, dos santos e de outros motivos religiosos.

As côres dos vitrais, quando feridos pela luz do sol, dão ao interior das naves santas, fulgurações de deslumbramento e infundem na alma dos crentes sentimentos de muita beleza e recolhimento espiritual.

NOVAS CATACUMBAS EM ROMA

NAS VIZINHANÇAS DE S. SEBASTIÃO, ENCONTRAM-SE OSSADAS DE 1.500 ANOS ★ EM PLENA VIA APPIA, IMPORTANTES EXCAVAÇÕES QUE EM BREVE HÃO DE SER NOVO ATRATIVO PARA OS TURISTAS ★ DENTADURAS PERFEITAS E CRÂNIOS QUE PENSARAM NO SÉCULO V

(Reportagem e fotos de CELESTINO SILVEIRA — Enviado especial da REVISTA DA SEMANA à Europa)

ESTAMOS na véspera do nosso regresso ao Brasil e ainda não sobrou tempo para fazer a clássica visita às catacumbas da Via Appia. Tiramos esta manhã algumas horas aos afazeres menos imediatos para dar conta dessa rápida peregrinação. Uma «carrozza» que alugamos por duas mil liras, nas imediações do Coliseu, vai levar-nos à mais antiga rua da Cidade do Perdão, a consagrada Via Appia cujas lajes foram pisadas pelos apóstolos. Raros vestígios dessas pedras sagradas ainda podem ser vistos, à margem da rua, mas o calçamento está, na maioria dos trechos, substituído e renovado. Deixamos para trás a encruzilhada do «Quo Vadis?», onde Jesus apareceu ao Chefe da Igreja, em milagre que os católicos cultuam veneradamente e onde hoje se levanta uma pequena ermida. O caminho é deserto, as patas dos cavalos soam, metálicas, nas lajes ôcas e as rodas do veículo quebram o silêncio com o seu girar barulhento. De longe em longe encontramos alguém que palmilha o caminho santo, indiferente às suas tradições. São homens e mulheres do povo, às voltas com os seus afazeres. E chegamos, finalmente, às catacumbas de São Sebastião. Por pouco era demasiado tarde: o portão de ferro e madeira vai cerrar-se daí a cinco minutos. Conseguimos entrar, e lá dentro um franciscano, de burel impecável e sorriso simpático, nos recebe. Oferece-nos uma vela em miniatura, com a qual o acompanhamos pelo subsolo, e, na companhia de uma senhora cubana, e duas filhas, mergulhamos naquelas ruínas preciosas de sagrada arqueologia.

★

— A denominação primitiva das Catacumbas cristãs foi simplesmente «cemitério» — vai explicando o frade. E «cemitério» vem do grego, «koimaó», dando a entender que os despojos dos cristãos não são corpos mortos. Para os cristãos, a morte é apenas um acontecimento físico transitório; a verdadeira morte é a da alma. E o cristão, fiel aos ensinamentos do Divino Mestre, «vive» no Senhor. A mesma carne desfeita e corrompida se vivificará na ressurreição final. Por tudo isso, o corpo na sepultura, não está para sempre abandonado, mas apenas dorme, ou descansa em paz.

Sabemos ainda que o vocábulo «catacumbas» é uma designação topográfica correspondente a uma só localidade e se fêz extensiva, tardiamente, a todos os cemitérios subterrâneos de Roma e fora dela. A localidade «ad Catacumbas» encontra-se em São Sebastião, fora dos muros. Ali, a rainha das «Vias», a Appia, apresenta sinuosidades pronunciadas que dão a idéia do côncavo de uma barca (cyma). Daí o vocábulo «kata» (do grego, significando próximo), e «cymbae» (vocábulo latino de formação grega) formando «catacombae» (com «ad» e o acusativo «ad Catacumbas», próximo da cavidade).

Nas catacumbas há muitas tumbas pagãs e só mais tarde ali foram guardadas as dos cristãos. A fama particular das catacumbas advém da chegada a êsses lugares, dos corpos dos apóstolos Pedro e Paulo.

Na antiguidade, era comum trabalhar câmaras ou galerias cravadas na rocha, os hipogéos funerários. Ali se colocavam sepulcros a incineração (colombarii: nichos) a inhumação (restos intatos dispostos dentro de um sarcófago ou dentro de uma cavidade na parede: «lóculo»). Mas a forma típica em largas ou estreitas galerias acabou por generalizar-se em tôdas as catacumbas romanas.

Essas e outras explicações, no-las fornece o prestimoso franciscano, à luz das velas minúsculas que empunhamos, nós e as três visitantes de Cuba. Vamos descendo para novas galerias, por vêzes estreitas, por onde mal conseguimos passar os ombros, outras vêzes amplas, mas sempre de reduzida altura, pisando terra fôfa e sentindo a umidade do ambiente. Nas paredes, os nichos escancarados mostram-nos, em aparente abandono, ossadas de ilustres desconhecidos que viveram há muitos séculos: crânios, tibias, esqueletos que não chegam a impressionar.

Alguns mausoléos surgem mais adiante, particularmente notáveis para a arte e para a história. Um dêles está decorado, no interior, e também no exterior, com pinturas. Mostra duas aves colocadas em um vaso. As pinturas variam de estilo e têm sempre significados místicos. No mausoléo que se encontra junto ao sepulcro de Cláudio Ermete, um cubículo interior deixa entrever afrescos de impressionante beleza. Num dos subterrâneos, deparamos com um grafito que se julga importantíssimo, com a palavra «ichtys» e o acróstico: «Jesus-Christo Filho de Deus, Salvador». Ao lado, um «T» simbólico, refere-se à cruz sagrada. Há maravilhosos trabalhos em ladrilho antigo.

E' nessa catacumba que se encontra a cripta de São Sebastião, o martir militar das perseguições de Deocleciano. Sua tumba estava, a princípio, oculta entre outras, mas posteriormente foi isolada e sôbre ela construído um altar. Mas a ossada do santo, padroeiro da capital brasileira, está fora das catacumbas, sob um altar da igreja que os franciscanos resguardam com tôda humildade e fervor.

★

Essa peregrinação pelas vielas em trevas, estende-se por duas horas bem medidas.



Crânios de mil e quinhentos anos, encontrados nas excavações que estão sendo feitas junto às catacumbas de São Sebastião. Mostram perfeito estado de conservação e as dentaduras perfeitas



A quem teriam pertencido estas cabeças? Elas viveram e pensaram, elas sofreram e seus olhos viram muitas coisas que o tempo apagou da memória. Isso aconteceu por volta do século V...

Curioso: a pequenina vela, mantida entre os dedos, pelos visitantes, resiste à longa caminhada, quando de início tudo fazia crer que não viagasse até volver à luz solar. E cada um de nós guarda o toquinho de vela como «souvenir».

Já nos despedimos do frade amável, já nos encaminhamos para a «carrozza» do velho italiano que nesse meio-tempo andou a distrair-se, ao ar livre, com os vendedores ambulantes de «ricordos», quando o bom homem nos apresenta a um jovem de aspecto humilde. E operário, excavador nos trabalhos que vêm sendo feitos para fora dos muros que isolam as catacumbas de São Sebastião:

— Quer ver uma coisa importante? Acompanha-me, «signore»...

Procuramos seguir o cocheiro e o trabalhador. Ambos nos levam para o terreno excavado, em meio ao qual uma fossa de regulares dimensões chama a nossa atenção:

— Pode descer. Lá em baixo há uma surpresa...

E havia mesmo. A dois metros de profundidade, outros homens cavavam a terra sólida, e os golpes vibrados pelas picaretas ecoavam, com vibrações fortes, soturnas, aos nossos ouvidos.

Outro franciscano, a quem está confiada a direção dos trabalhos, põe-se à nossa disposição:

— Faz menos de um ano, casualmente, um homem de campo ao fincar a picareta neste solo, sentiu que um corpo estranho era alvejado. Foi com espanto que êle se curvou para segurar, entre as mãos um crânio. Desde logo ficou evidenciado a existência de novas tumbas, em profundidade maior. E providências foram tomadas para realizar as excavações que o senhor está vendo. Nossos trabalhos vêm sendo bem sucedidos, como pode observar.

Juntando o gesto à palavra, o religioso encaminha-se para uma das cavidades maiores, dela retirando alguns crânios e outras partículas de ossadas humanas:

— Isto que seus olhos estão vendo, é resto de gente que viveu há mil e quinhentos anos. Entretanto, veja: que perfeição de dentes! Que maravilha de ossadura!

Realmente. Duas daquelas cabeças, pareciam rir com uma irrepreensível perfeita dentadura, para nós todos.

— Por acaso Shakespeare não lhe vem à memória, segurando êsse crânio? — indaga ainda o frade com um sorriso amável e expressivo.

Claro que nos lembramos de Hamlet. Mas não estamos dispostos, no momento, a maiores divagações filosóficas. O que nossos olhos enfrentam e nossas mãos seguram, com respeito e humildade, fala por tôdas as filosofias.

E voltamos para o carro que nos traz de regresso ao hotel, rodando, barulhento, pela Via Appia:

— Que bonitos dentes! Seriam de mulher? De homem?

Na boléia, o cocheiro palrador vai desfiando um mundo de considerações:

— Veja o amigo... De nada adianta viver, sofrer, pensar... Algum dia nós todos acabaremos assim..

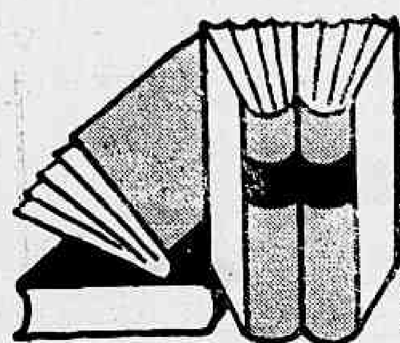
— Filosofia de cocheiro romano!

Um frade das catacumbas explica, ao repórter, o valor arqueológico dêsse fragmento de pedra retirado das excavações: «— Neste local, em princípios do século V, reuniam-se os fiéis para honrar os apóstolos...»

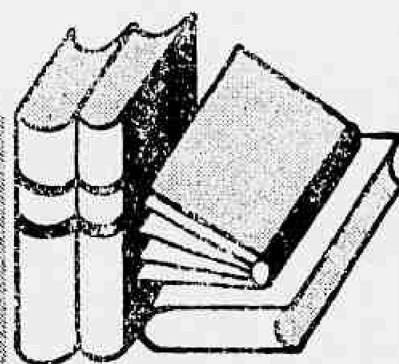


Um pedaço da Via Appia, conservando o calçamento do tempo em que São Pedro ali viveu. Essas pedras sagradas foram pisadas pelo Apóstolo. A pequena distância estão as catacumbas de São Calixto, São Sebastião e o Cemitério de Pretestato

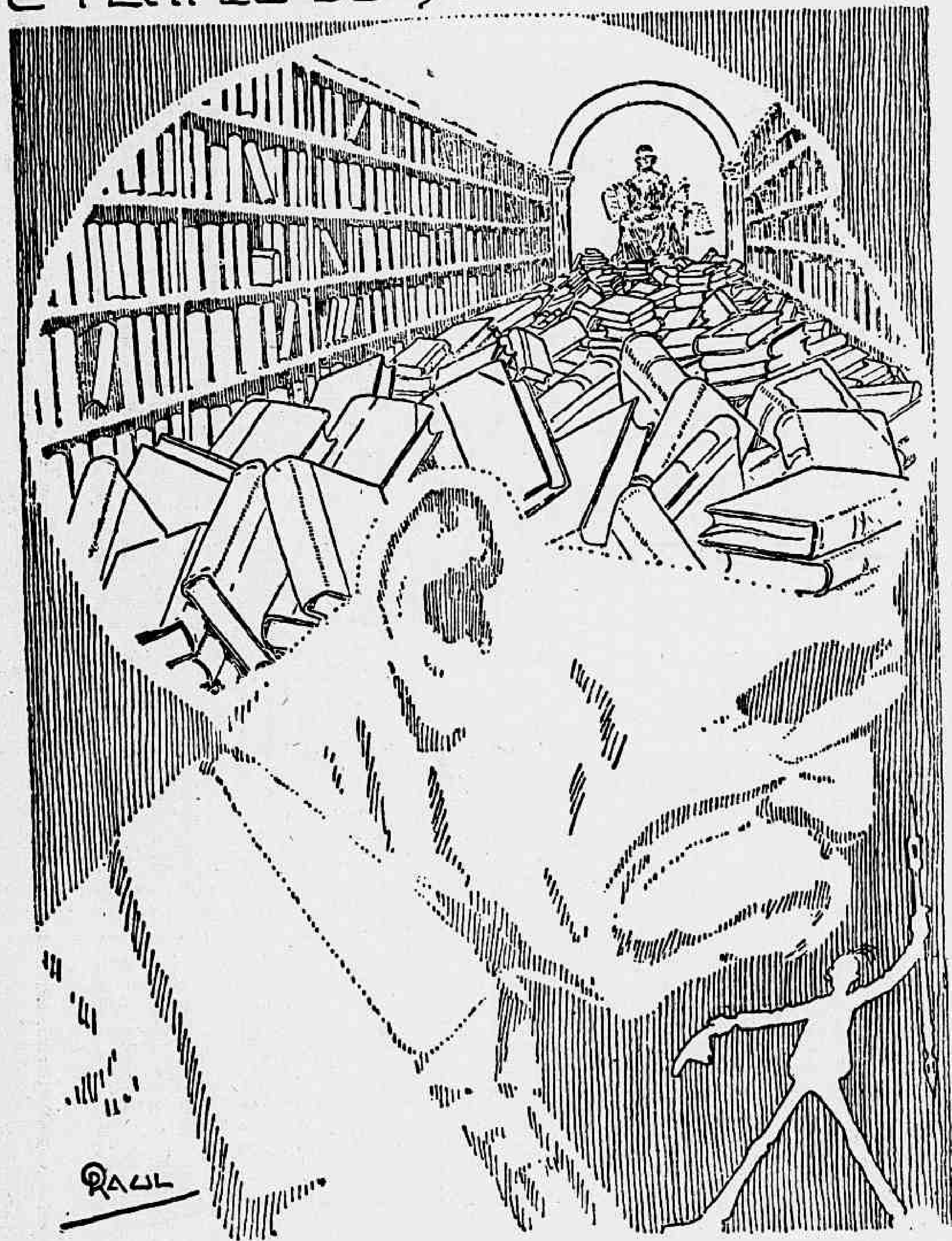




SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS



GEOGRAFIA DO BRASIL HOLANDÊS

Luís da Câmara Cascudo, folclorista e historiador de renome nacional, cuja reputação já ultrapassou mesmo as fronteiras do Brasil, principalmente nos países latino-americanos, Luís da Câmara Cascudo continua desenvolvendo extraordinária atividade literária, incansavel no terreno da pesquisa e da reconstituição do nosso passado em suas diversas manifestações. Autor de obra numerosa e solida pela análise e erudição, Luís da Câmara Cascudo já nos deu **Geografia dos Mitos Brasileiros**, **Vaqueiros e cantadores** e outros livros de igual porte, tendo no prelo, atualmente, **Literatura Oral**, volume que faz parte da grande **História da Literatura Brasileira**, que a Livraria José Olympio Editora está publicando. Além dessas obras, Luís da Câmara Cascudo já entregou à editora os originais de **Geografia do Brasil Holandês**, seu novo livro, onde mais uma vez nos revela suas notáveis qualidades de pesquisador erudito e intérprete dos grandes temas da história do passado brasileiro.

ACABA DE APARECER

Pedagogia do Catecismo, do Padre Álvaro Negromonte. — **A Grande Cidade**, romance de Edmundo Amaral, escritor paulista. — **Pequena enciclopédia de conhecimentos gerais**, por um grupo de professôres inglêses, 4 volumes. Trad. de Alnir de Andrade, que também escreveu um volume especial para o Brasil, 1.300 páginas de preciosos conhecimentos gerais, indispensáveis ao homem de nossos dias. — **Moby Dick**, romance de Herman Melville. Trad. de Berenice Xavier. Prefácio de Rachel de Queiroz. Coleção Fogos Cruzados. — **O Livro dos Provérbios**, atribuído a Salomão. Trad. do Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Prefácio de Tristão de Ataíde. Coleção Rubaiyat.

REDONDILHAS

LEALDADE

Deus quis punir, em verdade,
o homem: por provação,
tirou-lhe d'alma a lealdade
e deu a lealdade ao cão.

ADVERTÊNCIA

Ao Rico mau que fracassa
Acode — tarde de mais —,
que em presença da desgraça,
todos nós somos iguais.

DESTINO

Se sofres, guarda contigo
as dores que te consomem.
A vida é mesmo um castigo...
sofrer é o destino do homem.

"RUY E A CARICATURA"

O escritor Herman Lima vem de publicar uma obra sobremaneira interessante, sob a epígrafe ""Rui e a Caricatura" que, além de seu texto, se enriquece com uma brilhante documentação caricatural do gênio baiano. E' dêsse livro a caricatura acima, com a assinatura de Raul Pederneiras, intitulada ""O Templo do Sol", e publicada pela REVISTA DA SEMANA, em 10 de agosto de 1918.

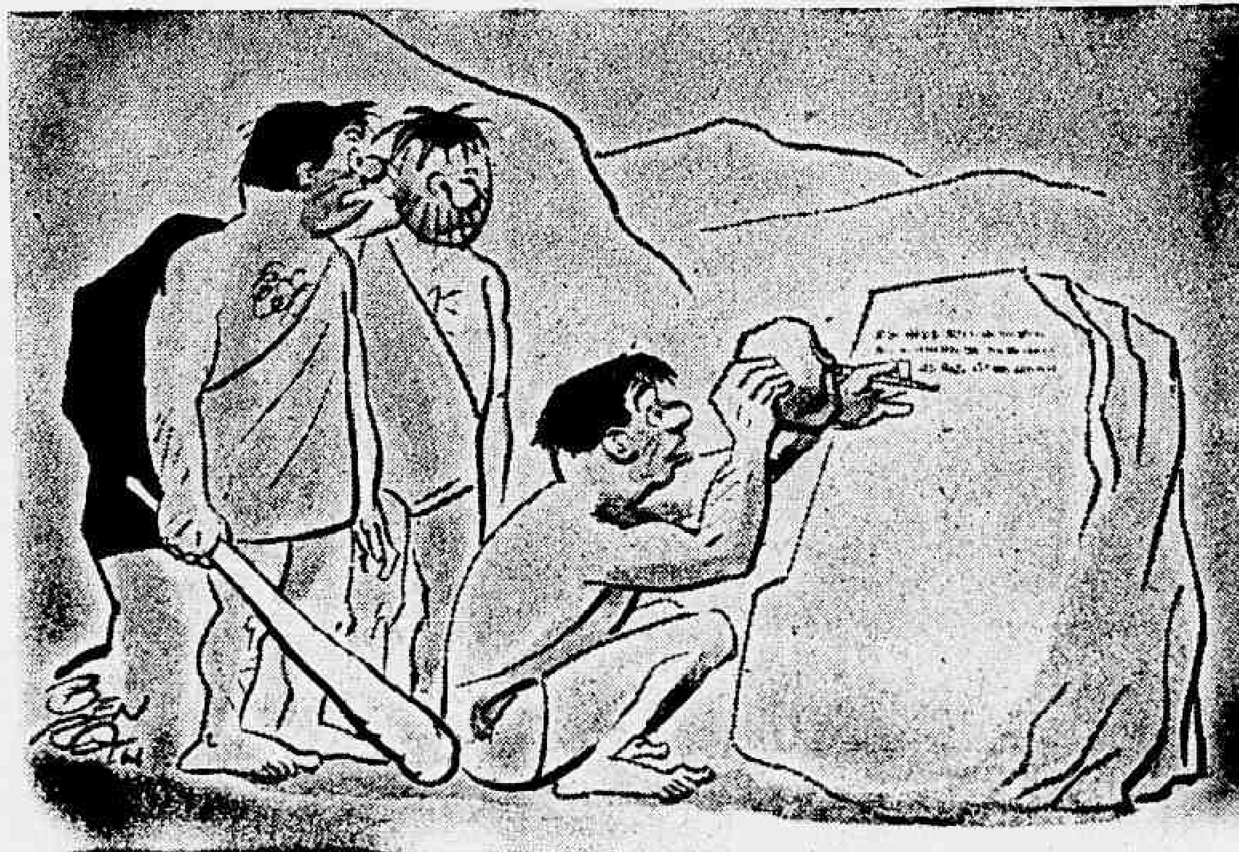
MORREU O PAI DE "TARZAN"

EDGAR Rice-Burroughs, falecido há pouco, inventou seu Tarzan, homem-macaco, em 1912, mas a história não teve maior êxito senão a partir de 1916, quando o cinema resolveu aproveitar a idéia e lançar uma série que continua até hoje com sucesso, tornando o pai de Tarzan multimilionário. E' curioso notar que o nome de Tarzan, de tanto sabor exótico, foi tirado da cidadezinha de Tarzana, situada a trinta quilômetros de Hollywood. Até hoje, nada menos de dez atores, já interpretaram o papel do homem-macaco: Elmo Lincoln, Herman Brix, Buster Crabbe, Glenn Morris, Johnny Weissmuller são os mais célebres, estando o papel agora entregue ao jovem e atlético Lex Barker.

Outra curiosidade a assinalar a respeito de Burroughs é o fato de não ter êle conhecido a "jungle", nunca desejando fazê-lo, temendo ser decepcionado. Além disso, como certa vez alguém lhe observasse que na Africa não existiam tigres, êle respondeu cândidamente:

— E' possível... Eu não sei geografia...

ÓCIOS LITERÁRIOS...



...sim, mas não é de hoje que os escritores fazem fôrça...

LAUREADA



A escritora Malu, de Ouro-Prêto, foi uma das estréias laureadas êste ano pela Academia Brasileira de Letras. Com o seu belo livro "Crônicas de Paris" concorreu ela ao "Prêmio Carlos de Laet", tendo vencido a competição pelas fortes qualidades que sua obra revela

MAURIAC E COCTEAU DECAPITADOS?



Não, nada disso... nem nada de macabro representa a fotografia destas duas cabeças dos famosos escritores dentro de uma mala... Êste aparente novo "crime da mala", que só deve ter incomodado aos dois escritores devido a sua intimidade que não agradaria, na vida real, a qualquer dêles e que nos dá idéia de ilustração para um conto de John Collier — tem uma explicação menos sinistra: estas cabeças de cêra, representando os dois célebres escritores franceses, foram encomendadas pelo "Museu Grévin", de Paris, ao cineasta J. Baratier e se destinam a figurar em um filme sôbre o já famoso bairro existencialista, Saint-Germain-des-Prés

FORA DO PRELO

PROIBIÇAO — ALEXANDRE DOS ANJOS — PONGETTI — RIO — Alexandre dos Anjos também nos apresenta, sob forma de «romance», um estudo sôbre o problema do incesto, das conjunções consanguineas, projetando sôbre êle as luzes da sociologia e da psicanálise modernas. Para expôr suas idéias sôbre o assunto, toma uma hipótese, o caso de dois irmãos que se vêem atraídos carnalmente um pelo outro — Alberto e Heloísa Em tôrno dêles, tece um enrêdo destinado, sobretudo, a possibilitar um exame da matéria e a conseqüente demonstração de sua tese. E, em vez de o autor analisar os personagens, êles mesmos se incumbem dêsse trabalho, expondo as teorias e conduzindo-se às conclusões a que o romancista desejava chegar

O enrêdo de «Proibição» está localizado na paisagem dos engenhos nordestinos — e êsse é outro traço muito simpático da obra forte e criteriosa de Alexandre dos Anjos. Êle sabe pintar os ambientes com bom gôsto, fazendo-os sensíveis ao leitor. E sabe, do mesmo passo, criar certo interêsse dramático em tôrno das «cobaias» sôbre que faz sua experiência e exerce sua análise bem orientada, revelando o conhecimento que possui da questão. Em certos momentos do livro, onde a dramatização substitui a «lição» que nos está dando sôbre o problema tão interessante quanto complexo e obscuro, sentimos no autor a fôrça do romancista que, por muitas vêzes, pelo tema, pelo comportamento dos personagens, pelo ambiente agreste, nos fêz recordar «A Carne», de Júlio Ribeiro. Aqui por exemplo:

«Heloísa sentia-se contaminada por êsse fluído de sensualidade tropical que emanava do coração da terra, do recesso verde da mata, da incandescência do ar; ansiava frenèticamente contaminar-se da seiva transbordante que refluía da universalidade das coisas; — e, como estas, queria também realizar o milagre divino da criação!»

«Proibição» é obra bem escrita e, do ponto de vista sociobiológico representa livro do maior interêsse, apresentando-nos o inquietador problema do incesto com um vigor de análise e uma compreensão que tornam êste livro uma apreciável contribuição ao conhecimento do assunto.

★

A MEGALOMANIA LITERARIA DE MACHADO DE ASSIS — H. PEREIRA DA SILVA — EDITORA AURORA — RIO — A figura de Machado de Assis, entre nós, como a de Eça de Queiroz em Portugal e no Brasil, tem sido um campo de estudos vastíssimos. Mas, por mais que ceifemos nessas seáras, elas são por tal espécie ubérrimas que há sempre nelas o que colhêr, às duas mãos, de farto e substancioso.

H. Pereira da Silva apresenta-nos em «A Megalomania literária de Machado de Assis» um interessante livro, em que dispensou o eruditismo fácil e a citação atravancadora, exame abundante e rigoroso de um fenômeno psicológico do complexo machadiano — a transferência literária. Procurou revelar as particularidades do gênio criador de Machado de Assis e, através da documentação psicológica de sua obra, descobrir as contingências humanas e até vulgares dêsse alto espírito de nossas letras.

Mostra-nos em cêrca de cento e cinqüenta páginas um Machado íntimo, não da intimidade «en pantoufles», familiar e social, mas da intimidade subterrânea, essa que êle tanto buscou esconder no trato cotidiano, como na produção literária, ignorando que a ciência psicológica, evoluindo, iria descobri-la sob a pele dos seus personagens.

A obra de H. Pereira da Silva, na análise do «transfert» machadiano é sobremaneira interessante. E escrita num estilo agradável, claro, conciso, de um movimento que revela o interêsse do autor pelo seu assunto, aliás sedutor, realmente.

A copiosa bibliografia sôbre Machado, vem assim acrescentar-se um volume que examina o mestre de «Braz Cubas» sob um ângulo diferente e dos mais importantes para o seu conhecimento.

Meritória e original a obra de H. Pereira da Silva sôbre o mestre do romance brasileiro.

★

COLEÇÃO ROSA — EDIÇÃO SARAIVA — SÃO PAULO — A Editora Saraiva S. A., de São Paulo, está realizando com a «Coleção Rosa», de agradável e cuidada feição gráfica, uma série de romances para moças. Oportuno? Demodée? Há os que não acreditam no «gênero» «água-com-açúcar», tradicional na literatura e que fêz a fortuna dos Delly, Ardel, Guy de Chantepleure, Condessa de Segur, Gyp e outros autores, sobretudo autoras, que se dedicaram à jardinagem dos líricos corações adolescentes.

Para nós, estamos em que o mal ou o bem dessas obras não está no gênero, mas na qualidade. Um romancezinho inocente, sentimental — e podemos citar aqui êsse esplêndido estudo de psicologia infantil que Gyp nos deu em «Miquette» — não fal mal a ninguém e menos a uma «jeunne fille en fleur» que não está com o sistema nervoso apto a leituras mais fortes e a que certos livros podem produzir choques emocionais de maior ou menor importância. E, além disso, essas histórias de amor, a que os mais velhos sorrimos irônicamente, não apenas lhe convém à idade do corpo e da alma, pondo-a em contato com as realidades, vistas com óculos côr-de-rosa, é certo, mas vistas — sobretudo, atraindo-a, habitua-a ao gôsto da leitura, o que é de valor inestimável pelo enriquecimento da curiosidade literária.

Tudo, pois, que deve prevalecer em obras como estas é a qualidade, o talento do ficcionista, o estilo do escritor. E tudo que deve orientar uma coleção como esta é a escolha exigente e severa, quanto às qualidades, não só romanescas, mas também literárias, das obras apresentadas.

Estamos em que a «Coleção Rosa» achou um rumo certo. Temos em mãos dois volumes da série, ambos de qualidades apreciáveis, de leitura agradável, sem exageros melodramáticos, muito interessantes e — «last, but not least» — em boas traduções: «Romance no Circo», de Peggy Dern, em tradução de Lília de Barros, e «Sempre há uma Esperança» de Jeanne Bowman, tradução de Jeannete Dente Melo Viana.

«Winter Circus» — título original do primeiro — situa sua história em um circo e só êsse ambiente já basta para lhe aumentar o interêsse, tanto as lonas dos circos nos parecem, na infância, recobrir um mundo estranho e maravilhoso, impressão que o tempo não apaga de todo. Além disso, sua heroína, Sherry, é uma encantadora figura feminina, movimentando-se nas dobras do seu drama com reações humanas e próximas, inspirando simpatia e ternura.

«That Girl», de Jeanne Bowman, recebeu um título de acôrdo com o seu conteúdo otimista — «Sempre há uma Esperança». E o otimismo não é uma lição fácil de ensinar à juventude de hoje, o que dá a êste livro um valor inestimável.

O HOMEM PERDIDO — CONSTANTINO PALEÓLOGO — EDIÇÕES CRUZEIRO — RIO — A literatura brasileira terá sido enriquecida com um herói a mais, depois dêste romance de Constantino Paleólogo?

Esta é a pergunta natural que ocorre, diante de todo romance, pois a faculdade clássica do romance é a de concorrer com o Registro Civil, pela criação de figuras «humanas». Daí o fato da fabulação romanesca ser posterior aos personagens, «independentes» do romancista, pois os incidentes do romance resultarão, sobretudo — da atividade do personagem e de suas reações lógicas, diante dos acontecimentos, de sua personalidade, da verdade dessa personalidade. Onde, então, entra a arte do romancista? Na criação dos personagens que deverão ter, nessa obra de criação, a verdade humana, somada ao cociente pessoal do criador, pela própria experiência, pelos dons da penetração psicológica, pela observação da vida mesma. Com êsse material, o talento da fabulação e a capacidade crítica — êle objetivará na sua obra pessoas reais e, até, «mais» reais do que as vivas. A tal ponto que, como no caso de Balzac — há pouco lembrado numa destas páginas — o romancista admite os seus heróis como existentes, mais existentes do que os próprios homens, dotados dessa existência superior que êles criaram.

Constantino Paleólogo não é porém um romancista, no sentido exato de criador de personagens. Dispondo de talento e cultura, é, antes, um ensaísta, um crítico, aparelhado com elementos abundantes e modernos para essa missão, o que prova sobejamente seu admirável estudo psicanalítico da obra de Eça de Queiroz — «Eça» — que trouxe soluções definitivas para os problemas que o grande escritor representa. Numa obra anterior — «Histórias Verídicas» — o autor se limitou a colhêr fatos reais, apresentando-os ficcionados, isto é, «compondo» com a realidade — mas, não «criando» com a realidade. E' a criação pelo depuramento, pela soma à realidade do cociente pessoal, é que é o caráter da ficção, mesmo no conto, onde a criação do personagem pode ser substituída pela criação do episódio.

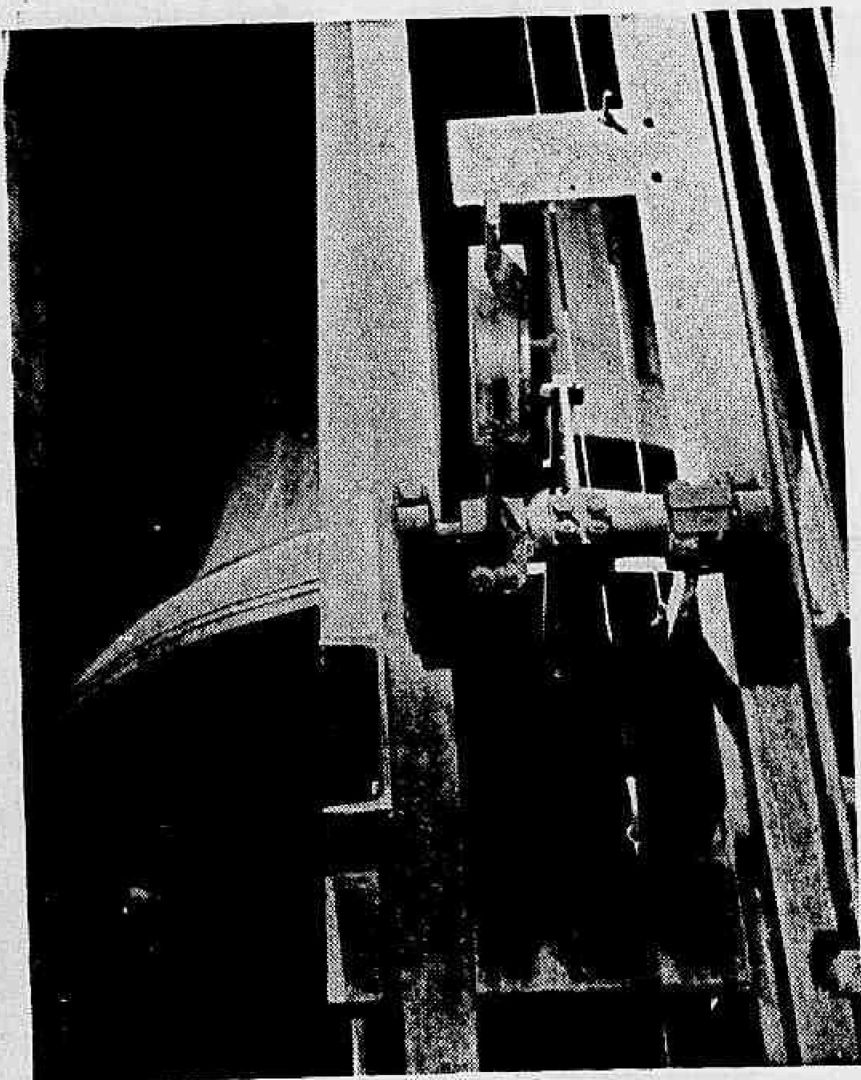
Agora, «O Homem Perdido» vem confirmar, ao que nos parece, as qualidades do ensaísta, do estudioso, do crítico, e os defeitos do ficcionista. Êste romance é também composto «d'aprés» realidade, mas não «criado» com ela. Ao longo das 222 páginas de «O Homem Perdido», o autor não se faz presente nos seus personagens, falta-lhes com a sua contribuição, observa-os, espia-os, mais, estuda-os, porém, à distância como «casos» a observar, com a neutralidade e a frieza do cientista, dissecando uma cobaia.

Através a habilidosa fabulação do livro, realmente bem escrito e conduzindo seu enrêdo com brilho e facilidade, Constantino Paleólogo tenta explicar — e o explica realmente — o caso clínico de um criminoso passional, movido por seus impulsos.

Não estamos fixando isto por motivo de o autor ter-se inspirado exatamente num fato real — o famoso «crime da mala», ruidoso drama ocorrido no Rio — fechando mesmo a sua história com uma crônica nossa a respeito, publicada em «O Globo». Êste romance será, antes, um «crime romanceado», de literatura agradável e interessante, tantas são as qualidades do escritor, cujo livro sôbre Eça de Queiroz tem a nossa mais irrestrita admiração. A única objeção que fazemos a «O Homem Perdido», é quanto à sua técnica, quanto à falta dessa realidade superior que fundamenta a obra do romancista.

A TÔRRE DA PAZ EM OTTAWA

E O SEU CARRILHÃO



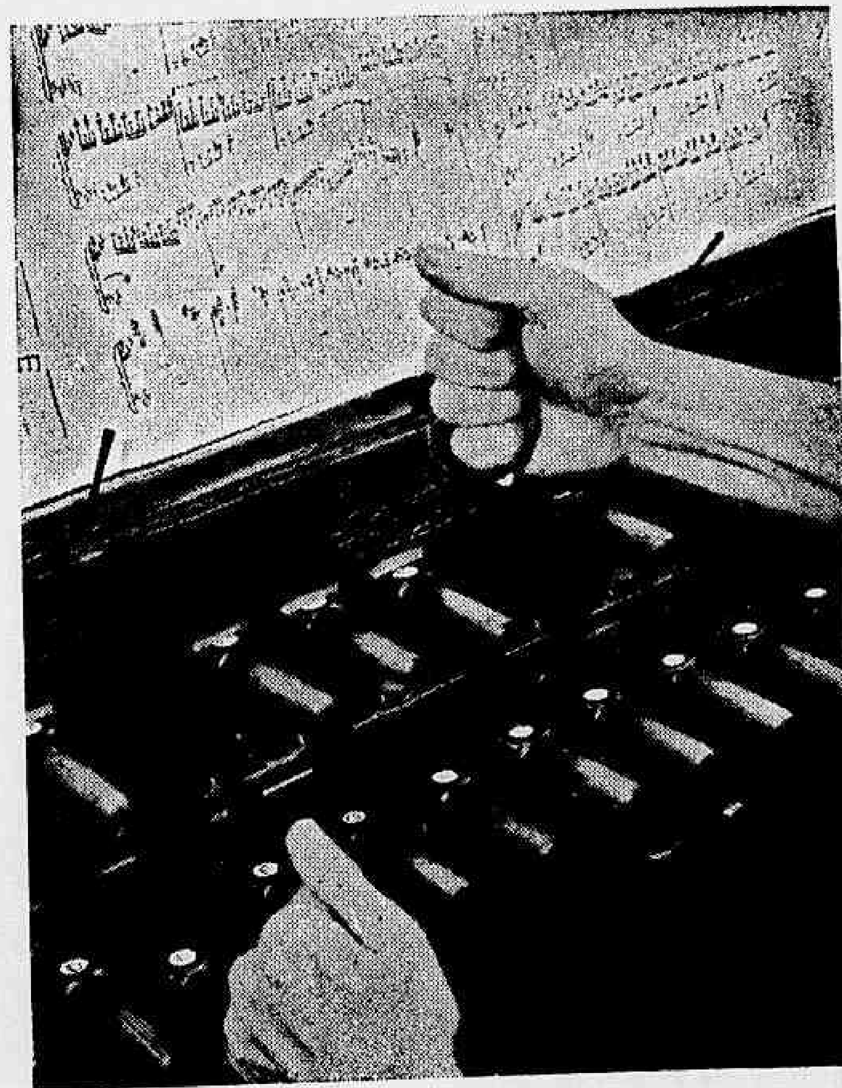
UM DOS SINOS do carrilhão da Tôrre da Paz, em Ottawa, vendo-se o mecanismo que articula o martelo ao teclado

PROJETANDO-SE para o alto, a Tôrre da Paz de Ottawa monta guarda ao Parlamento do Canadá e à formosa capital do grande país. Harmoniosa na concepção do traçado e imponente no porte, está bem à altura da sua dupla finalidade — perpetuar a memória dos que tombaram na guerra e testemunhar o desejo de paz e concórdia do povo canadense. Verdadeiro marco simbólico da cidade, a Tôrre da Paz é visível a quilômetros de distância, na campina ondulante que permanentemente vela e para onde ressoa o badalar das horas que passam. Frequentemente, em determinadas datas do ano, ou para assinalar acontecimentos de relêvo nacional, a Tôrre da Paz desprende um brado que repercute pela urbe, pelos rios circunvizinhos e pela imensidade da planície, com o multi-sonoro canto dos sinos do seu famoso carrilhão. Todos os anos, no dia 1.º de julho as melodias que lança no espaço têm significado especial para os canadenses, pois assinalam mais um aniversário da Confederação — o dia de nascimento do Canadá.

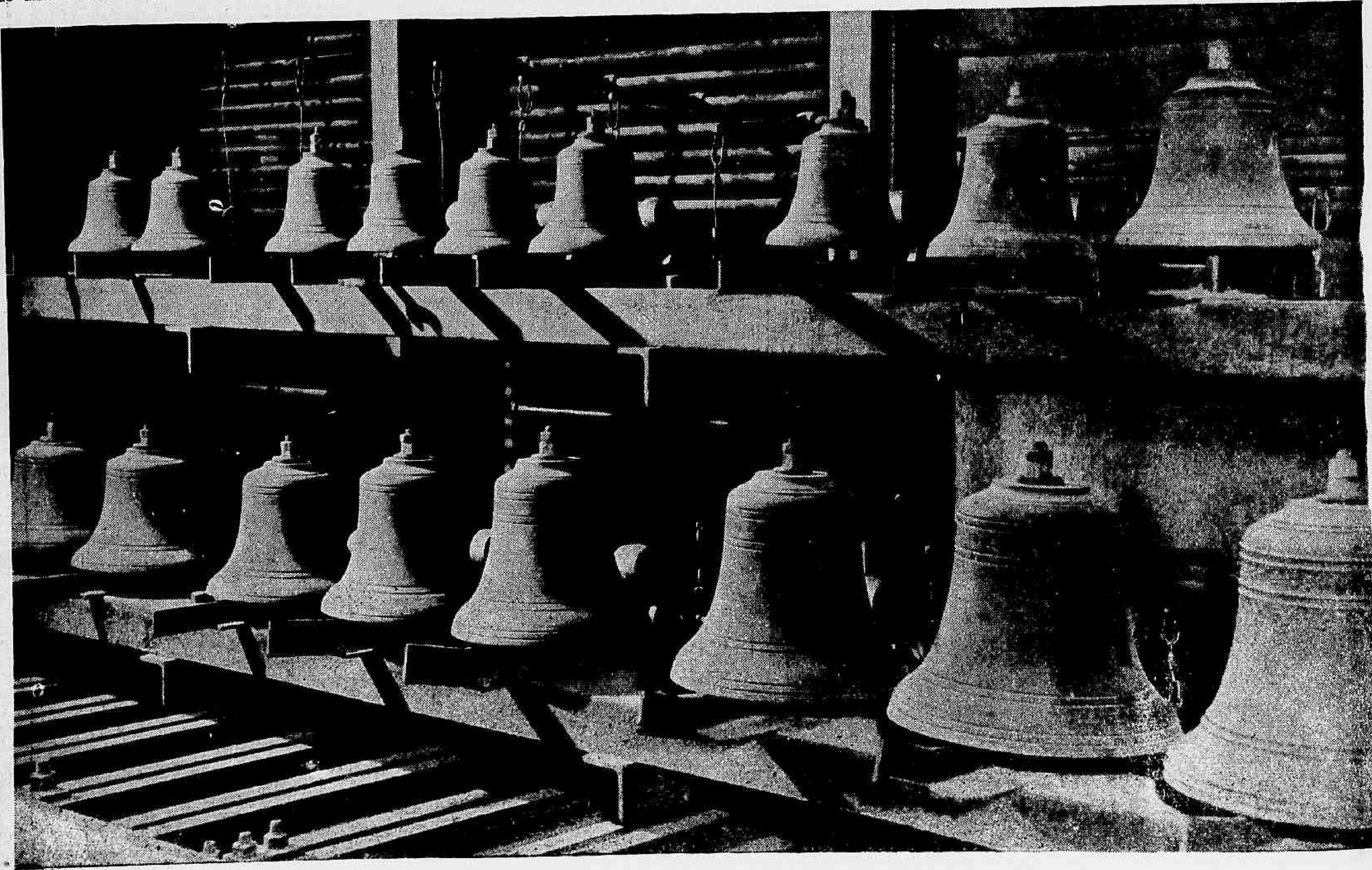
Foi para comemorar o sexagésimo aniversário do Canadá, a 1 de julho de 1927, que o carrilhão deu o seu primeiro concêrto. O país inteiro o ouviu, e a tôda parte, do Reino Unido à Austrália, através da mais sensacional radiodifusão da época, chegou o canto entoado pelos seus sinos. Desde então, muitas vêzes, em tardes ensolaradas, ou ao pôr do sol de calmos dias estivais, vêm as melodiosas vozes do carrilhão inundar de vibrações o ambiente. Assim, têm elas umas vêzes refletido a tristeza da nação, outras a sua alegria, conforme a natureza dos acontecimentos na parada da vida. Também lhes coube dar as boas-vindas a ilustres personagens em visita ao Canadá, entre as quais, bem recentemente o Presidente Truman, o Primeiro Ministro Attlee e o Pandit Nehru.

Dispõe o carrilhão de, pelo menos, duas oitavas de sinos, dispostos em séries cromáticas, afinados de maneira a produzirem gamas harmoniosas, quando tocados, em grande número, ao mesmo tempo. A execução é feita sôbre teclado especial, de teclas redondas e pedais para controlar a batida do martelo no sino. O carrilhonista precisa, frequentemente, ferir as teclas com punhos cerrados, embora lhe cumpra ser sempre cauteloso, a fim de que a batida, embora bastante forte para produzir o som, não lhe altere a expressão.

O carrilhão da Tôrre da Paz é composto de 53 sinos de várias dimensões, o maior dos quais pesa 10 toneladas e está afinado em Mi. O menor de todos pesa apenas 5 quilos e está afinado em Lá, quatro oitavas e meia acima. No sino mais pesado — o tenor do carrilhão — acha-se gravada uma inscrição em memória dos canadenses mortos na Primeira Guerra Mundial. Um pouco abaixo, entre círculos paralelos, traçados acima da bôca do sino está gravada a velha mensagem, sempre plena de atualidade: **"Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa-vontade".**



É DIFÍCIL TOCAR o carrilhão. Muitas vêzes o executor bate-lhe as teclas redondas de madeira, com o punho cerrado



NADA MENOS de 53 sinos se alinham no alto da imponente tôrre gótica do Parlamento de Ottawa, e dali espalham os sons harmoniosos de seus hinos à Pátria, à Paz e à alegria do povo, especialmente quando se comemora em todo o país mais um aniversário da sua independência. Os sinos são colocados em ordem, com o menor, no cimo da Tôrre

TÔRRE DA PAZ, DO PARLAMENTO CANADENSE ONDE, A 1.º DE JULHO DE CADA ANO, SEU CARRILHÃO FESTEJA O NASCIMENTO DA NAÇÃO

SILVEIRA SAMPAIO FALA DE

O "IMPACTO" E SEUS HERÓIS

ANTES de abrir o pano, tal como fêz em "A Inconveniência de Ser Espôsa", Silveira Sampaio vem ao proscênio do teatro de Bôlso para dizer as seguintes palavras: — "A peça que vão assistir tem a pretensão d apresentar um herói poético. Como, para o **autor, poesia é um grito da alma, êle espremeu a** de Florácio e com isso obteve o primeiro ato. Não há nesse ato outro prsonagem que não seja Florácio, com sua alma espremida. Para espremer a alma do personagem o autor se utilizou do mais antigo e ao mesmo tempo do mais conceituado dos espremedores de alma: o amor. O paladar do suco da alma de Florácio saiu em versos. E como Florácio é um homem moderno, saíram modernos os versos. Foi aí que entrou em c.na o diretor exigindo que o ator que os fôsse dizer lhes desse uma interpretação em harmonia com a desarmonia da vida moderna, já tão bem refletida na dissonância da música e na deformação da pintura. O poético que o autor, o diretor e o ator tentarão transmitir ao público, nada tem que ver com as formas clássicas da poesia. E como na vida os climas psicológicos não p.rmanecem sempre os mesmos, a peça tem trechos satíricos, chegando aos de pura farsa, tendo o autor o cuidado de nêles não envolver diretamente o personagem pretendidamente poético. Assim, o esp ctador será levado de um clima psicológico para outro diametralmente oposto, quase sempre abruptamente, como acontece na vida atual. E para nos irmos habituando a essas mutações bruscas...

Lourival, abre o pano. Vamos acertar as luzes. Corta as gambiarras. Liga o refletor da direita. Corta a platéia! José, o disco de Ravel...

E a cena começa.

★

Depois do espetáculo, perguntamos a Silveira Sampaio se existe diferença entre Florácio, o seu herói poético e os seus outros heróis da trilogia do herói grotesco, Aloísio, Petúnio e dr. Iseu.

— Parece-me que sim — responde. — Florácio, creio eu, é o anti-Petúnio por excelência. Florácio ama. Petúnio — o polígamo — está interessado em fazer uma revolução "psico-sexo-sentimental de natureza econômica". O que êle quer é estabelecer a primeira célula poligâmica. Seus problemas são d. caráter sociológico e não sentimental. Petúnio não ama. Petúnio é como todo pa.anóico, **um louco raciocinante"**. Por isso é tão claro e tão explícito quando conta à mulher que tem uma amante e revela as razões pelas quais deve trazê-las para o lar, e estabelecer a poligamia oficial no mundo. Já Aluísio — o grotesco da "Inconveniência", é apenas um vaidoso, não ama nem a mulher nem a amante. O que êle quer é cartaz d. sujeito que dá sorte com as mulheres. Se êle fugiu com a espôsa do amigo, que era muito bonita, era só para bancar que era o tal. Tanto que, quando pensa ter o amigo fugido com a dêle, antes, volta atrás, traz a do amigo de volta, pede a dêle e "boquinha de siri, **nossa amizade acima de tudo". Dr. Iseu**, o herói de "Garçonnière", é diferente. E' o burguez intelectual, perfeitamente **integrado dentro da sua classe** social. Lar é lar. Agora, um apartamentozinho discreto onde s possa descansar um pouco, isso não é mau. Antes é bom, desde que tudo seja feito com muita discreção e até mesmo dignidade...

Sampaio continua:

— Iseu amou a mulher. Agora gosta dela. Mas não quer saber de outros amôr s, porque lar é lar. Já Florácio ama. Ama a mulher e ama a outra. Seu problema é essencialmente sentimental e só sentimental. Aí está o que faz o pret ndido herói poético diferir, a meu ver, de Petúnio, Aluísio e Iseu, que formaram a trilogia do herói grotesco...

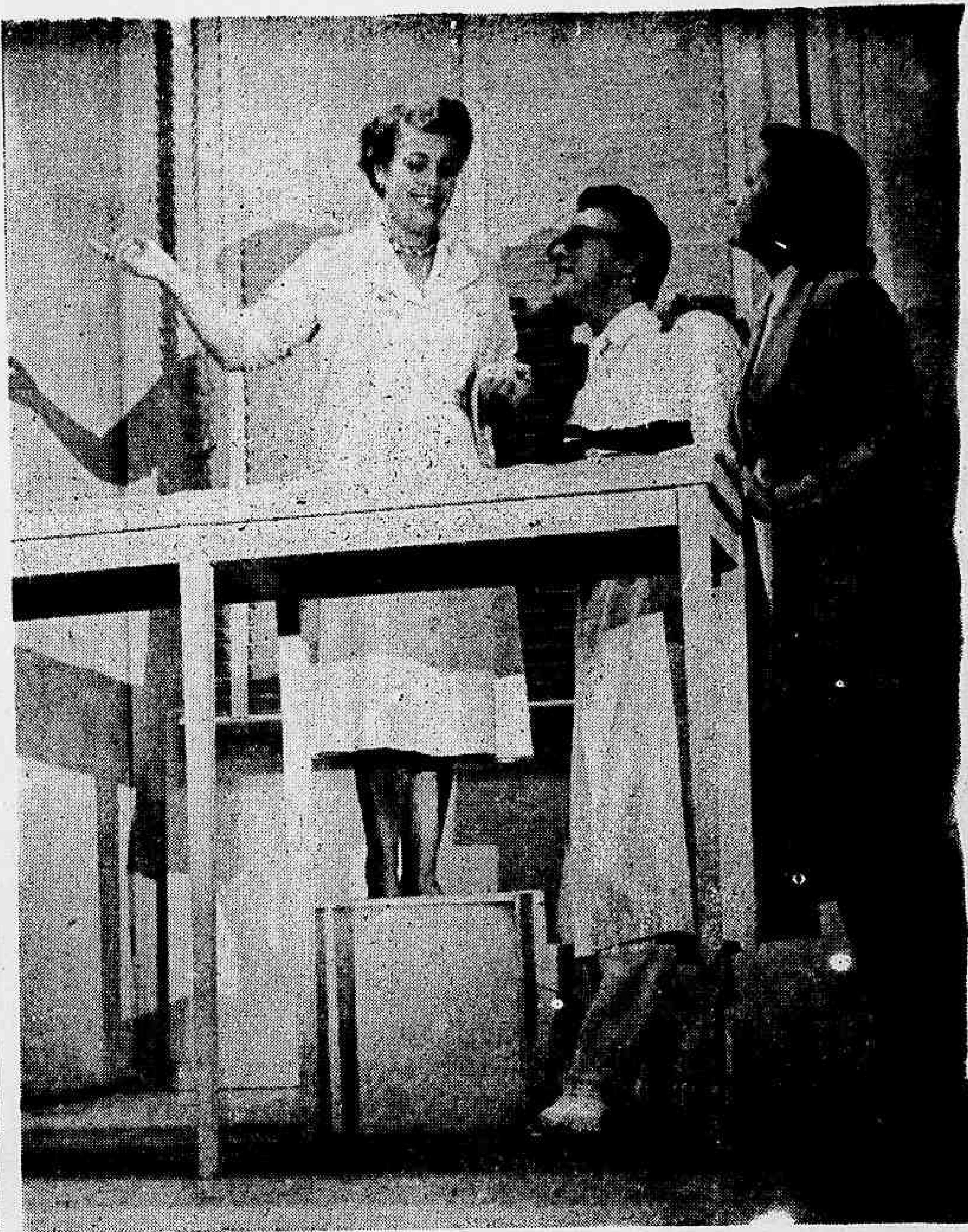
FLORACIO, herói de «O Impacto», ama a espôsa. É um sentimental. Floracio, Silveira Sampaio. A espôsa, Laura Suares



NA CONCEPÇÃO do autor — Silveira Sampaio — que teve a colaboração de Clotilde Pereira Prado nesta peça, Florácio é o anti Petúnio por excelência. Porque foi o protagonista da «Inconveniência de ser polígamo». Na gravura, um momento de «O Impacto», com os protagonistas e Renato Machado no entregador das flores. Não é Procópio, como parece. Mas é parecido



AINDA QUANDO ela recorre a um psico-analista, para saber o que se passa com o marido, pouco adianta. O psico-analista — novamente Luís Delfino — está precisando de um colega para o tratar...



LUÍS DELFINO e Laura Suarez recebem instruções da sra. Clotilde Pereira Prado, no tocante à colaboração que ela deu ao último original de Silveira Sampaio. Aqui a vemos, e aos intérpretes



A ESPÔSA de Florácio vai consultar um detective, para resolver o seu caso com o marido. O detective, com jeitão de malandro, tipo policial de tôdas as terras, é desempenhado por Luís Delfino



MAS A ESPÔSA (Laura Suarez) recorre também a uma cartomante. E a cartomante tem outro caso, dela mesma, para resolver... Também Luís Delfino interpreta essa personagem. E faz rir bastante

RECENSEAMENTO

O Recenseamento, apesar de ser uma coisa séria, não podia escapar ao bom humor popular.

A balzaqueana — Ora essa! Para que o govêrno quer saber a minha idade?!

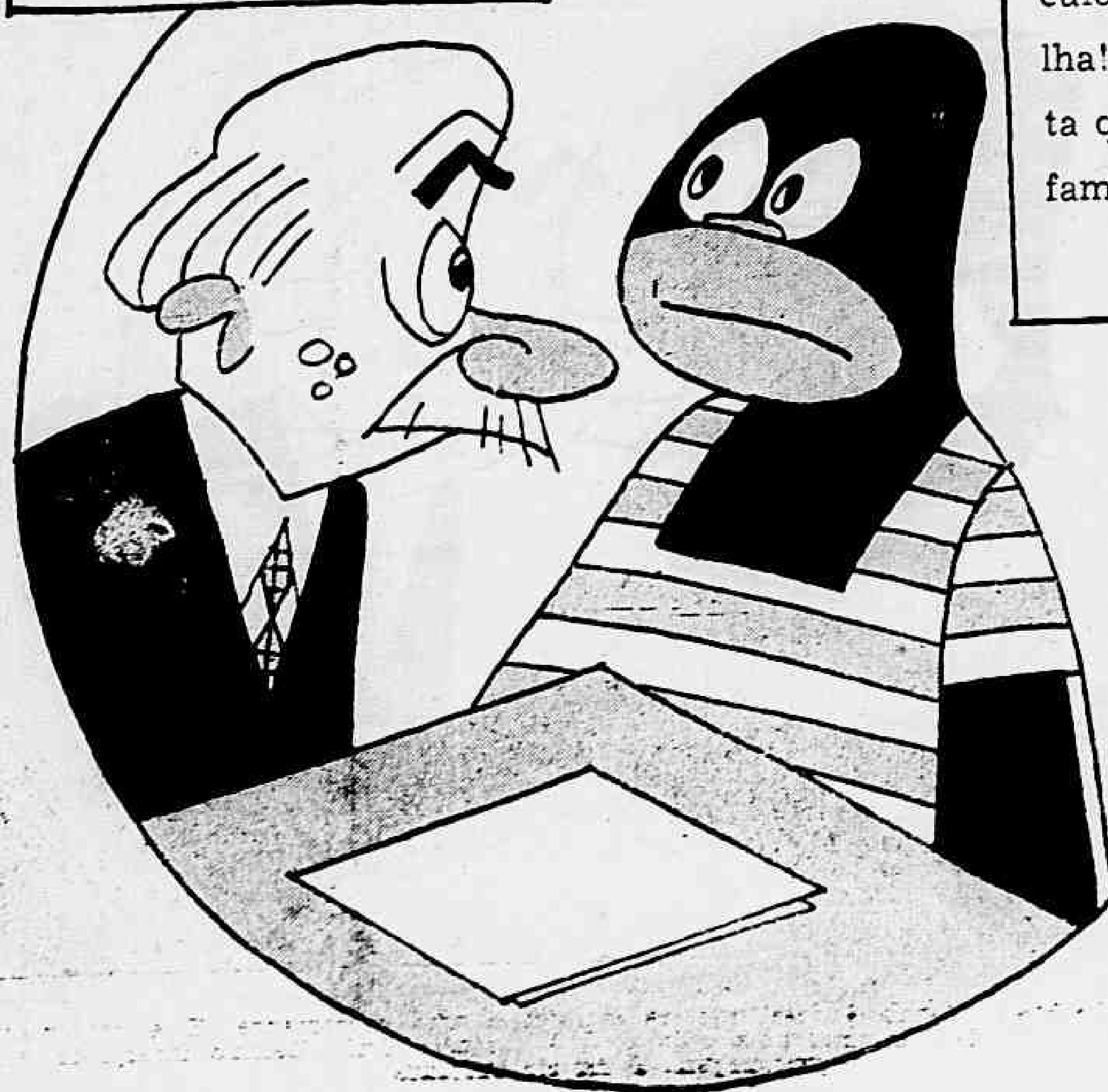
— Aí não tem lugar para mim, seu moço! Não há lugar para as **morenas...**

O delegado — Você veio recensear-se na delegacia?!

O malandro — Pois é. Eu passo mais tempo aqui que lá no barraco...

— Não entrei no Recenseamento. Êles querem saber onde dormi na noite de 30 para 1.º e eu passei a noite na rua...

— Estou em dificuldades, minha filha! Aqui se pergunta quem é o chefe da família!







Esta é uma fotografia de maio de 1918, vendo-se Humberto de Campos envergando o fardão, bordado em fundo verde, da Academia Brasileira de Letras, ladeado por dois «imortais». Nessa recepção, fêz o elogio a Emílio de Menezes a quem sucedeu. Por onde andará o fardão? Tinha nessa época, o prosador maranhense, 32 anos. Vivendo no convívio dos imortais 16 anos

AS MEMÓRIAS COMPLETAS DE HUMBERTO DE CAMPOS

FREUD TERÁ, NO ANO PRÓXIMO, A COLABORAÇÃO DO ESCRITOR MARANHENSE ★ ATÉ ABRIL SERÃO PUBLICADOS OS CAPÍTULOS INÉDITOS ★ HAVERÁ CORTES NOS ORIGINAIS? ★ PEREGRINO JÚNIOR PROMETE VOLTAR AO MUNDO PARA PUXAR AS PERNAS DE QUEM LHE MUTILAR AS OBRAS, POSTUMAMENTE

Texto de CARLOS TENÓRIO

— Está vendo aquêle rapaz de azul no meio daquela fila?

— Qual?

— Aquêle perto da árvore.

— Ah, sim!

— E' o Ademir.

— O Ademir?!...

— E'. Aquêle que joga no Vasco. Aquilo é que é jogador. E' o maior... Começou garôto lá em Pernambuco. O pai — um espertalhão, o velho Menezes — viu que o menino dava para o futebol trouxe êle para o Rio. Aqui houve um corre-corre depois que o garôto se apresentou pela primeira vez. O Fluminense queria, mas o Vasco dava mais e êle foi para a Cruz de Malta. Depois de uns anos o Fluminense ofereceu uma "bolada" e o Ademir foi ser tricolor. Então voltou p'ro Vasco com emprêgo garantido para o velho, os manos, e interêsse lá na casa de um "cartola".

— E agora na "Copa do Mundo", já viu? E' um malabarista.

Caminham um pouco os dois amigos, atravessam uma rua movimentada, aproveitando uma luz verde que se acende num sinaleiro de esquina. Um dêles esbarra num senhor já meio idoso, trajando o terno um pouco surrado, um chapéu prêto quase jubilado no serviço ao seu dono. O senhor cambaleia um pouco, e prossegue sua caminhada. O outro amigo vira-se assustado:

— Sabe quem é êsse?

— Quem?

— Agripino Grieco.

— Agri, o quê?

— Agripino Grieco.

— Que apito êle toca?

E assim é o cotidiano carioca. Não vai aqui qualquer ilusionismo, intuito de fazer blague ou ofender a alguém. Por vêzes a vida diuturna copia uma obra de literatura ficcionista. Nessas, a ficção ganha tanto espaço e da realidade tanto se aproxima que, com ela, se confunde e identifica.

Não fôsse a oposição da maioria das famílias dos nossos grandes escritores e teríamos um alargamento na propaganda e conhecimento dêsses autores, ganhando todos com isso: público, herdeiros e editôres.

O que, entretanto, ainda movimenta a curiosidade pública, de ledores, são as "Memórias Inacabadas", de Humberto de Campos, cujos originais que dariam a conclusão daquele livro, foram por êle depositados nos cofres da Academia Brasileira de Letras, com a promessa de devolução à sua família, êste ano de 1950, logo que requisitados. Isso sucedeu em 1933, não se sabendo, porém, em que mês ou sessão. Sabe-se que no invólucro do diário — pois a conclusão das Memórias está disposta em característica de diário — dizia, escrito: "Para ser entregue e publicado em 1950".



Esta é a última pose fotográfica do inspirado prosador e poeta maranhense, uma das glórias da literatura nativa. E aqui o temos antes da dolorosa e deformante enfermidade que o acometeu inesperadamente

Êsse ano, na última sessão do primeiro período de funcionamento da Academia, antes dos "imortais" tomarem férias, a família solicitou os documentos, e concordaram êles em, prontamente, entregá-los.

Até aí era do nosso conhecimento êsse emaranhado de fatos.

Procuramos por isso Henrique de Campos, um dos filhos do renomado escritor maranhense, trabalhando presentemente na editôra Jackson. Atendendo-nos cortêsmente, respondeu quando interrogado:

— Realmente, a Academia entregou-nos os originais do diário que completam as Memórias de meu pai, logo que os pedimos. Havia o compromisso da devolução, a qual não estava sujeita a data, efetuando-se quando requeridos.

— E a publicação, quando se dará?

— Nós temos, com a editôra Jackson, conforme o senhor vê aqui na cópia do contrato — e mostrou num papel dactilografado, um trecho marcado por asterisco e uma chave, que referia o que nos diz — o compromisso de entregar os originais até outubro. E ela, conosco, se compromete em publicar as Memórias, 180 dias após êsse tempo. Creio, porém, como é de interêsse da companhia editôra, que em três ou quatro meses já estarão prontos os exemplares.

Estranhamos que tanto tempo se fizesse necessário para a publicação de alguns capítulos, talvez tão maduramente pensados. Disso demos ciência a Henrique de Campos.

— Para isso — respondeu-nos — temos explicação. Primeiramente, porque há alguma dificuldade em nos reunirmos, eu e meus irmãos, pois temos que acertar horários para tal fim. E depois, precisamos rever os documentos para fazer alguns cortes.

— *Mas haverá necessidade de cortes?* Não advirá daí prejuízo para a obra, ou estilo, ou mesmo no pensamento oculto do autor, no seu desejo de expressão?

— Não creio que isso aconteça. A supressão se fará por certo de alguns parágrafos. E isso não quebrará o ritmo do estilo. Outros cortes serão feitos em algumas ironias muito fortes do autor contra certos acadêmicos ainda vivos (como o sr. Cláudio de Souza), a fim de não melindrar essas pessoas e não suscitar discussões.

Lembramo-nos, no entanto, que Humberto de Campos em seu primeiro volume

de Memórias deixara alguns capítulos em branco e outros com extensas lacunas, fazendo mesmo uma chamada no primeiro dêsses capítulos que denominou "Capítulos para Freud", onde dizia: "A parte que se segue será acrescentada em edição póstuma. Os originais, como os de outros capítulos freudianos, encontram-se depositados, com êsse objetivo, no cofre da Academia Brasileira de Letras."

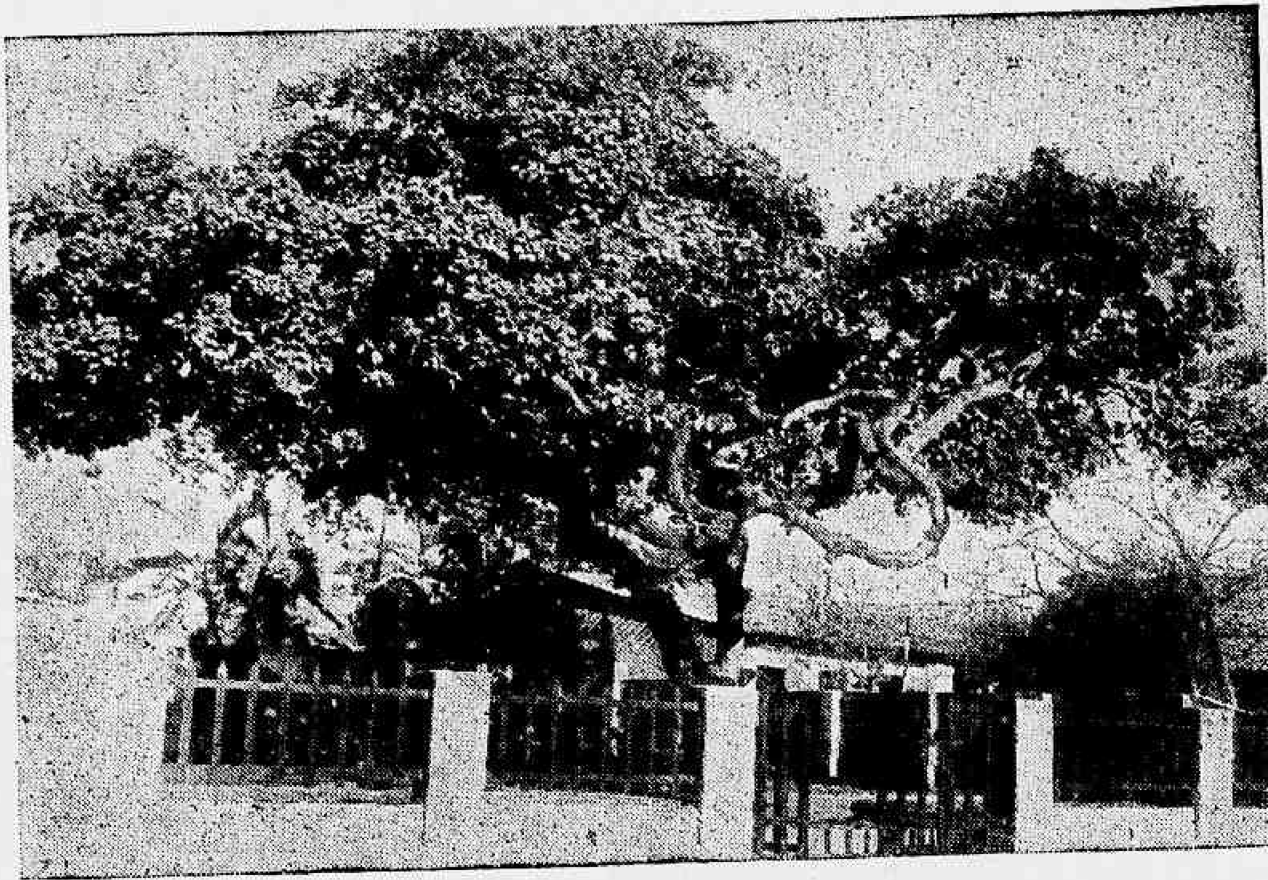
Inquerimos nosso entrevistado e êle nos diz:

— Êsses capítulos serão, como os outros, incluídos na próxima edição, devendo figurar no primeiro volume.

A nossa entrevista, ao colhermos essa última resposta, aí se encerrava. Restava-nos, então, saber a opinião dos acadêmicos sôbre o que nos dissera Henrique de Campos.

Era uma quinta-feira, dia em que se realizava uma sessão secreta no Petit-Trianon. Chegamos um pouco tarde e a sessão acadêmica já se procedia, estando, talvez, em seu fim. Aos poucos retiravam-se os "imortais". Na sala de espera aguardávamos o ensejo da palavra de algum daqueles senhores. Sentamo-nos num banco circular, ao centro da sala, e olhavamos, situado numa cavidade, o busto soberbo de Machado de Assis. Fronteiriço a êle, como que aguardando um bafejo intelectual, o do sr. Getúlio Vargas. Passou, rápido, com a bela e despenteada cabeleira grisalha, o poeta Olegário Mariano. Levantamo-nos e só tivemos oportunidade de abordar o que lhe vinha após — era o sr. Rodrigo Otávio Filho. Dissemos do nosso intento, penetramos o assunto. O acadêmico foi breve e incisivo:

— O amigo vai perdoar-me, mas o que sei é que a Academia já entregou os originais de que era depositária. Mas, para melhores esclarecimentos, fale aos srs. Peregrino Júnior e Gustavo Barroso, que foram encarregados de estudar o assunto.



Três coisas um homem deve fazer: plantar uma árvore, escrever um livro, ter um filho. Tôdas três Humberto efetuou. Aqui temos a primeira, o cajueiro plantado em Parnaíba, no Piauí, quando criança, ao qual veranava

Os "imortais" desciam da sala, no elevador, em pequenos grupos. Sòzinho veio o sr. Luís Edmundo; alto, espigado, flexível, com um "pince-nez" a cavaleiro no nariz. Mais atrás, num grupo, o sr. Peregrino Júnior palestrava com o Ministro Ataulfo de Paiva.

Acercamo-nos daquele, quando só, e falamos do nosso interêsse da palavra da Academia sôbre o assunto, e do que dissera o filho de Humberto de Campos:

— Bem, a Academia já entregou, e o fêz religiosamente, quando pedidos foram os originais. E entregamo-los, lacrados, sem lê-los, como era desejo da viúva, pois, disse-nos, havia queixas do autor contra a própria família.

— Mas, alegou-nos Henrique de Campos, que a supressão de periodos se fariam no sentido de algumas ironias contra alguns acadêmicos ainda vivos.

— E' possível, e até aconselhável que o façam, pois suscitariam aborrecimentos, polêmicas desagradáveis.

— Entretanto, não crê o sr. que êsses cortes iriam prejudicar a obra do autor?

— Não posso, de momento, dizer coisa alguma, nem li os originais, que estavam lacrados. Mas se suprimirem periodos, parágrafos ou capítulos, isso não prejudicará, por certo, o estilo do escritor. Falei como acadêmico. Agora falo como escritor. Se eu deixar alguma coisa para ser publicado após a minha morte, e fizerem cortes, independentes de minha vontade, volto aqui para puxar a perna de quem o fizer.

Assim, deixamos o "Petit-Trianon".

Uma pergunta se nos acode. Teriam os herdeiros materiais do grande escritor maranhense, direitos tamanhos como o de cortar seu pensamento, a sua modalidade de sentir e de expressar? Será de direito dos vivos abusar dos sentimentos de um morto, que da escuridão de um túmulo, não pode levantar-se e dar testemunho de seu desejo?

As respostas, porém, fogem de nossa alçada, que nos dita a imparcialidade jornalística. Os leitores, de per si, fazendo um confronto com seu sentir individual, responderão por certo.

Humberto de Campos, nascido em 1886, no Maranhão, foi em sua época, aqui no Rio, o cronista mais lido e admirado. Hoje, que já fazem 15 anos que é morto, ainda se institui um assunto inesgotável — a sua sólida personalidade de poeta e prosador. A REVISTA DA SEMANA que, há anos, dêle se ocupou, volta aqui, hoje, a focalizá-lo.

E' com uma advertência dêle oriunda, dêsse fecundo e versátil homem de letras — que, como nos dizia um médico, há dias, nos apareceu dois, comumente — que nos dispusemos à feitura dessa reportagem:

— "Há muito pensamento que aparece no cérebro mas sobe das pernas. E' como a flor que surge no galho como um beijo vivo, e, no entanto foi estrume, e subiu do tronco."

Entretanto, as palavras que se seguem virão, talvez, num amontoado de idéias, sem a beleza das gratas arrumações, sem a possibilidade de estrita sequência, pois o assunto é sobremodo apaixonante e a imaginação nêle se embebeda perdendo, portanto, a ereção e o caminhar seguro das coisas graves.

Em 1934 falecia Humberto de Campos nesta cidade, em quase extrema penúria, deixando publicados, em livros e na imprensa: crônicas, contos e poesias. Surgindo no mundo literário e nêle permanecendo, numa época de transição em que o simbolismo arregimentava fôrças contra a contrastante rotundidade e beleza parnasiana, e nos primeiros alvores do Modernismo — não se filiou a Escolas. Possuia um estilo calmo, natural e fluente, cheio de orientalismos — aí mais se identificando a Coelho Neto, que a Machado de Assis — e foi, sòmente no final de sua vida, que nos deu o que existe de valioso e profundo em sua obra, como conteúdo literário filosófico.



O acadêmico Peregrino Júnior, secretário geral e presidente substituto, no Petit-Trianon, quando fazia suas declarações acêrca das mutilações que se farão no texto original do diário do autor de «Destinos»



Vanda e Marilena, as duas únicas netas de Humberto de Campos, são aplicadas alunas do Regina Coeli. Grandes admiradoras do avô, lêem sua obra «Fatos e Feitos», uma compilação de crônicas recém-editadas



Este é Henrique de Campos, a terceira das condições para que Humberto fôsse completo, lendo a cópia do contrato que se fêz entre a família do autor e a Editora Jackson, para a publicação das «Memórias Completas». Num trecho marcado estão ressaltadas as bases do contrato. Estranho é que a Academia Brasileira de Letras e a editora incumbida da publicação da obra permitam cortes nos originais

Era, segundo alguns críticos, mais poeta que prosador. Em realidade isso se evidencia quando se lê Humberto de Campos. Muitas de suas crônicas, tamanho é o ritmo que as acompanha, poderiam ser metrificadas e dispostas em quadras e tercetos.

Após estudar as primeiras letras e fazer suas primeiras investidas literárias, foi, já rapazola, residir no Pará, na casa de um tio, lavando garrafas, dormindo em farmácia e padaria e trabalhando como tipógrafo, mais tarde, até que ingressou na imprensa paraense. E foi lá que projetou seu espírito, cujo reflexo todo o Brasil conheceu e gozou, pois nêle saciava, de quando em vez, a sêde das crônicas, que como ninguém sabia fazer, cheias de citações, colocando, a cada caso, um exemplo histórico, sempre típico, sempre característico, sempre proveitoso, muito embora de uma simplicidade recuada mas, como as coisas da vida, de sublime modéstia. Sôbre essa sua preferência disse êle certa vez: "O que me interessa no estudo da História são os pequenos episódios, os acontecimentos aparentemente insignificantes e, em particular, os que se relacionam com os varões eminentes que urdiram o drama do século. Mais do que o monumento no seu conjunto majestoso, atrae-me o friso da coluna, o dístico da lápide, o relêvo da fantasia. Daí a preferência que dou, entre os artigos, a Heródoto e a Valério Máximo, a Suetônio e a Plutarco, a Plínio e o Auto-Gélio. Prefiro, em suma, como guias do Passado, os bisbilhoteiros aos filósofos. A anedota é a rosa da roseira da História. E eu me acerco da roseira ùnicamente para colhêr a rosa."

Assim a tudo exemplificava, ora contando uma história bonita — que certamente aprendeu em Manuel Bernardes — de um eremita que gemia ao Senhor, sempre, pelo seu alimento diário: uma maçã e uns goles d'água, julgando-se o mais infeliz dos homens, e que depois soube que mais abaixo, numa curva do riacho, vivia um outro monge que se alimentava das aparas de sua maçã que o riacho trazia na correnteza... Ou o exemplo grego de Tales e o maior dos sete sábios. Foi Alfred Adler quem disse, certa vez, que o exemplo, sempre que se deseja provar alguma coisa, denota o conhecimento sòmente parcial do que se quer exprimir. E não vemos nisso desmerecimento para Humberto de Campos ou qualquer outro escritor. A prosa, já se sabe, não é o ponto máximo, ideal, de expressão. O prosador deve ser, antes de tudo, claro, conciso, singelo e direto, além da condição primária de se valer da redação para expressar algo de robusto ou valioso. Assim, portanto, se ciências outras que têm propriedades de se valer de números, de ser sintética por excelência, voam às vêzes por catatais de algarismos; a estilística recorre, também, a teoremas outros para provar a validade daquele, cuja expressão era posta em dúvida.

E isso no escritor maranhense era comum, porque satisfazia a uma condição de sua personalidade, e não, tibieza de inteligência.

Era um talento forte e poderoso, um espírito ávido de vencer e estudar. Sua personalidade, no entanto, não era desejosa de negar como a de Raul Pompéia, mas duvidosa com a de Machado de Assis. Se êste, em meio de qualquer opinião, colocava um "talvez", Humberto entrava em conflito, muita vez, com o que dizia. Daí, em suas crônicas, ser um místico, um espiritista, é católico, é reverenciador do destino.

E sôbre isso, respondeu-nos seu filho, Henrique de Campos, da última vez que nos avistamos.

— Meu pai foi sempre o mesmo incrédulo. Eu, nesse livro, a que se refere, "Fatos e Feitos", incluí propositadamente duas crônicas de meu pai que são duas doutrinas divergentes. Êle mesmo nada demonstrou sôbre isso, quando, alguns meses antes de morrer, me faleceu um amigo de infância, na maneira por quê me consolou. Nada possuía de esperança do transcendental, foi puramente materialista.

★

Daremos, no próximo número, continuação a esta reportagem sôbre Humberto de Campos e a próxima aparição de seu livro de memórias, com os capítulos inéditos. Novas opiniões a respeito, que já recolhemos, serão divulgadas.

NOITE TRÁGICA



EXISTE em Cannes um hotel, que, sem ser dos mais luxuosos, atrai, pelo pitoresco de seus terraços e jardins, grande numero de turistas, principalmente americanos.

A guerra fôra como uma nuvem escura que toldara a alegria de Cannes. Agora tudo passara e já parecia muito distante, a cidade resplandecia em todo o seu antigo esplendor.

Nessa bela tarde de verão, algumas criaturas de diversos países, conversavam, sentadas em confortaveis poltronas de vime. Eram elas: J. Fisher rico plantador da Carolina, homem de quarenta e muitos anos, corado e ligeiramente calvo; Herr Heimann, um suiço, filho de alemães que se jactava de conhecer quasi tôdas as partes do mundo; Mistress Smith, de Los Angeles, em companhia de sua filha, espigada mocinha de 17 anos; Singrid, loura e languida suéca, Monsieur Leland, o unico francês, e os Powell um casal de inglêses, chegados ha pouco tempo da África do Sul.

A discussão surgiu quando Herr Heimann declarou que, na roda, não havia quem tivesse viajado tanto e em lugares mais estranhos do que êle. Foi nêsse momento que Fisher, tirando da boca o cachimbo, retrucou: — Não creio que nem você, nem outra qualquer pessoa tenha estado em lugar mais lúgubre, mais estranho do que eu.

Heimann impertigou-se: — E pode, indagou, se saber que lugar tão estranho foi êsse?

Todos, instintivamente, apuraram os ouvidos.

— Molokay — disse lentamente Fisher. Sim Molokay, repetiu depois de ligeira pausa, todos os senhores, estou certo, já ouviram falar na ilha sinistra do Pacífico.

Molokay!

Quem já não ouvira falar naquele nome?! Molokay, a tétrica ilha para onde eram levados, como trapos humanos, verdadeiras postas de carne putrefacta, os léprosos de tódas as raças, existentes nas ilhas dos mares do sul. Onde terminam seus dias as belas bailarinas de corpos flexiveis e olhos de amendôa, as vendedoras de prazer dos pôrtos do Pacífico, os contrabandistas de ópio, os desgraçados trabalhadores das plantações, tudo enfim que atingiu a mais infeliz, baixa e degradante escala humana e que pulula naquela parte do mundo.

Bem poucos homens, que nao estejam no cumprimento de um dever, se tem atrevido a pisar aquela ilha. A simples pronuncia do seu nome causou súbito silêncio. Betty, a americanazinha, foi a primeira a rompê-lo com sua voz estridente:

— O senhor esteve na ilha dos leprosos?!

— Sim, estive, mas, como é de supor, não foi a simples curiosidade de turista que me levou até la.

Heimann olhou-o de revés. Compreendeu que daquela vez o americano vencera-o; mas indagou, traduzindo a curiosidade geral: — O que, então, o levou até la?

— O que me levou até lá, foi um sentimento que, em tôdas as épocas, em todos os países, pôs no coração do homem, uma coragem indomavel, capaz de enfrentar qualquer perigo...

— O dinheiro — disse, praticamente, Heimann.

— Ou o amor — contrapôz a branca Singrid.

— Sim, foi o amor que me levou a Molokay.

Mistress Powell deu um pulo na cadeira. Seus olhos esbugalhados, pareciam ainda maiores dentro dos vidros grossos dos óculos.

— Mister! Mister amou uma leprosa?!

Fisher sorriu: — Não, essa história começou há muito, muito tempo...

— Conte, Mister Fisher! Conte, implorou Betty.

Mistress Smith, acompanhada pelos outros insistiu: — Yes, conte, conte.

Houve uma pausa. Fisher tirou mais uma baforada do seu cachimbo.

— O caso que lhes vou contar, começou há muitos anos e há anos também terminou. Dos personagens, só eu existo e como amanhã deixo Cannes e talvez nunca mais nos tornemos a vêr, não vejo inconveniente em que o narre.

Começou há uns cincüenta anos, quando meu pai e meu tio, recem casados, iniciaram juntos o plantio de algodão, nos campos do sul. Construiram duas casas iguais, proximas o mais possivel uma da outra e instalaram-se. Meses depois nascia Dot, minha prima, e um ano mais tarde eu. Fomos os únicos filhos. Criados juntos, eramos inseparaveis. Nossos pais deixavam-nos à vontade, sem fazerem projétos para o futuro. Eramos parentes muito proximos para se pensar em casamento, assim como eramos queridos demais para que se opusessem a um desejo nosso. Deixaram, dessa forma, entregue ao destino o nosso futuro.

Logo, muito cêdo ainda, se patenteou a diferença do meu temperamento e o da minha prima. Eu herdara a natureza calma, concentrada, porém apaixonada e sincéra de minha mãe; Dot, o gênio altivo, o temperamento voluntarioso, inconstante, ávido de aventuras, dos Fisher. Quando tinha dez anos, morreu-lhe a mãe, o que contribuiu para que êstes defeitos se acentuassem.

Aos 16 anos, pela primeira vez, atrevi-me a revelar-lhe o grande amor que me inspirava. Olhou-me demoradamente, como a um ser estranho, depois pôs-se a rir. Ao vêr-me indignado tentou explicar. Eu era um tôlo. Como se podia amar uma pessoa com quem se vivera dêsde a infância? Só podia haver amor, interêsse, na novidade, no desconhecido, no imprevisto...

Fiquei aniquilado, mas não deixei de amá-la. Nunca mais admitiu que eu lhe tocasse no assunto. E eu, aos poucos, transformei-me para minha prima, numa espécie de criado indispensavel, mas que devia saber ver, ouvir e calar. Seus caprichos por outros rapazes me faziam sofrer; eram, porém, felizmente, passageiros. Por qualquer motivo ou mesmo sem nenhum, abandonava-os e voltava a procurar a minha companhia.

Aos vinte anos, morreu-lhe o pai, deixando-a como única herdeira. Possuindo tão grande fortuna, não pensou em ir para os grandes centros, como tôdas nesta idade. Seu temperamento aventureiro manifestou-se em tôda a sua pujança. Sua única preocupação foi conhecer os mais distantes e esquesitos países do globo. Propús acompanha-la e ela acedeu com satisfação.

No seu iate, acompanhados por um pequeno grupo de pessoas jovens e alegres, iniciamos aquêle cruzeiro que iria ter consequências tão trágicas.

E uma manhã, uma dessas manhãs maravilhosamente belas, sob um céu cor de turqueza, que só os trópicos nos podem oferecer, fundeamos na baía da Guanabara.

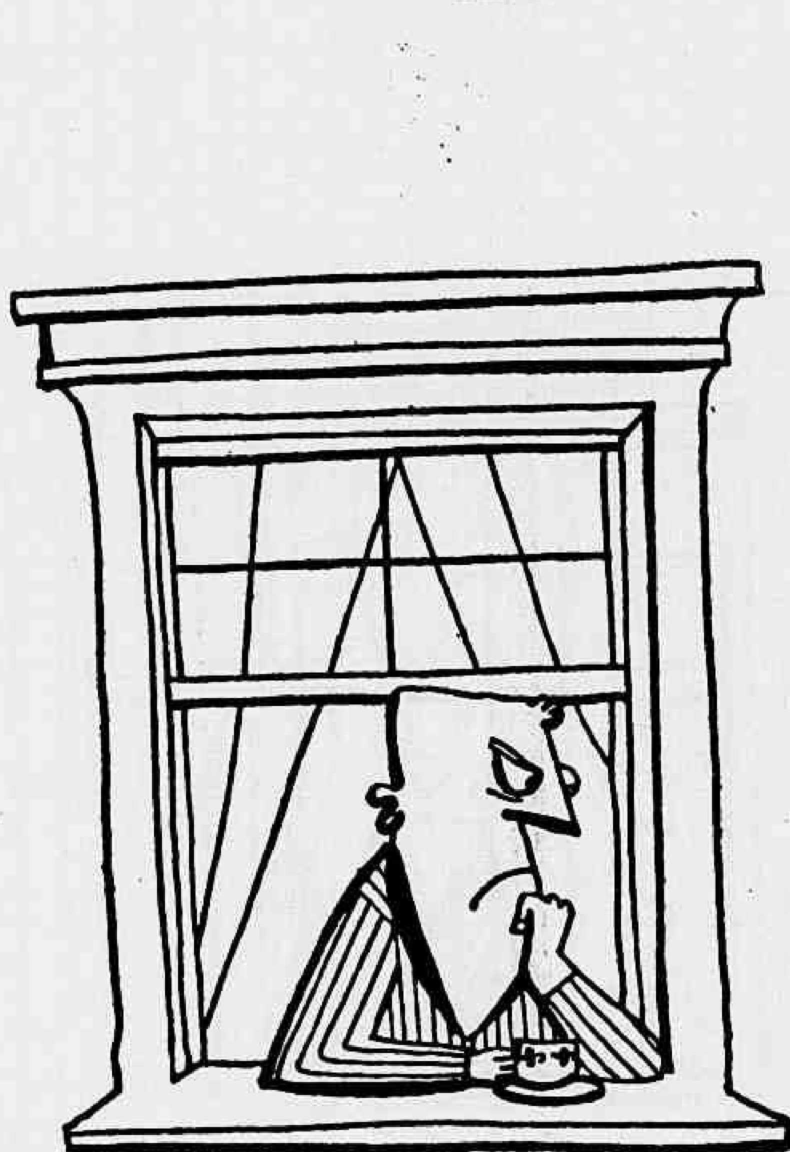
Lá, ao longe, a cidade parecia uma jóia encaixada no estôjo verde das montanhas, a comparação está vulgarisada, principalmente para êles, brasileiros, porém, com franqueza, não encontro outra melhor para traduzir aquela minha primeira impressão. Dot fremia de entusiasmo. Chegaramos a tempo de assistir ao último dia do carnaval, a maior festa do país. Ansiosa aguardava o momento de saltar. Em vão tentei dissuadi-la. O

(Continua na pág. 44)

NOVELA DE YVONE DE MIRANDA

Nicodemus MORDE AS UNHAS DE INCONTIDA

raiva



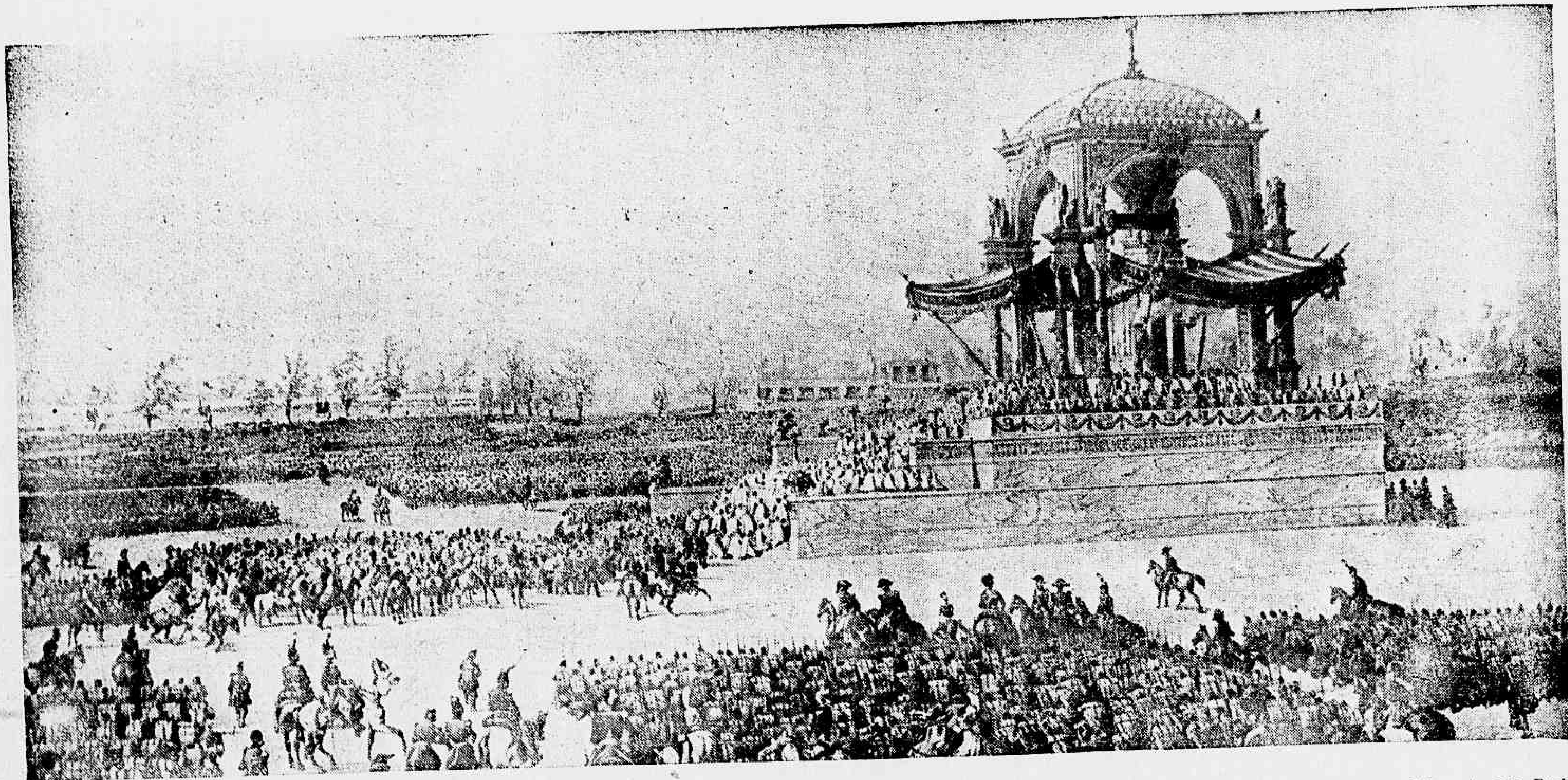
MIMOSA,
BATIDA ESPUMANTE
DE VARIOS INGREDIENTES
PERFUMADOS
QUE TONTEIAM AOS POUCOS,
CURVAS APERFEIÇOADAS
NA GINASTICA RITIMICA
E POR SUAVES MASSAGENS,
CABELOS SOLTOS
CAINDO SOBRE OS OMBROS,
TUDO ISSO
NUMA SÓ MULHER,
MORAVA SOSINHA
DO OUTRO LADO DA RUA.

EU SEI DE CÓR E SALTEADO
A HORA EM QUE
SE LEVANTA
A HORA EM QUE FAZ
O SEU PRIMEIRO ALMOÇO,
SUA BOQUINHA SENSUAL
SE ENTREABINDO E SEUS
DENTES PEQUENINOS
MASTIGANDO SEM PIEDADE
A SALADA DE ALFACE —
SEI QUE À NOITINHA
PELO SEU CANTO
DE SEREIA
BANHA
EM FELIZARDA AGUA
O SEU CORPO MIMOSO...

BICHO FEIO!
AH, CACHORRO
VIRALATA,
BULLDOG
DESCLASSIFICADO
QUE NÃO ARREDA
UM PASSO DO PORTÃO!

HOMEM INVISÍVEL:

QUANTO QUERES
PELA TUA FÓRMULA?



O 14 DE JULHO entre os franceses sempre se revestiu de grande pompa, de entusiasmo popular, de desfiles compactos de tropas, de alegria pública, especialmente em Paris. Nesta foto vemos povo e tropa, aristocracia e a Família Real de Luís Filipe, na parada de 14 de Julho de 1840, na solenidade do juramento à bandeira no famoso Campo de Marte

14 DE JULHO - DATA UNIVERSAL

DIAS DE FESTA E DE LUTO = UMA ESTA'TUA COBERTA DE CREPE DURANTE 47 ANOS =

Por ROBERT CHRISTOPHE

AS noticias não andavam ligeiro, em 1789; Versalhes só soube da queda da Bastilha na noite de 14 para 15 de julho. O Duque de La Rochefoucauld fêz despertar Luís XVI, para lhe anunciar o acontecimento.

— Ah! — disse o rei — é uma revolta!

— Sire — replicou o mensageiro — é uma revolução.

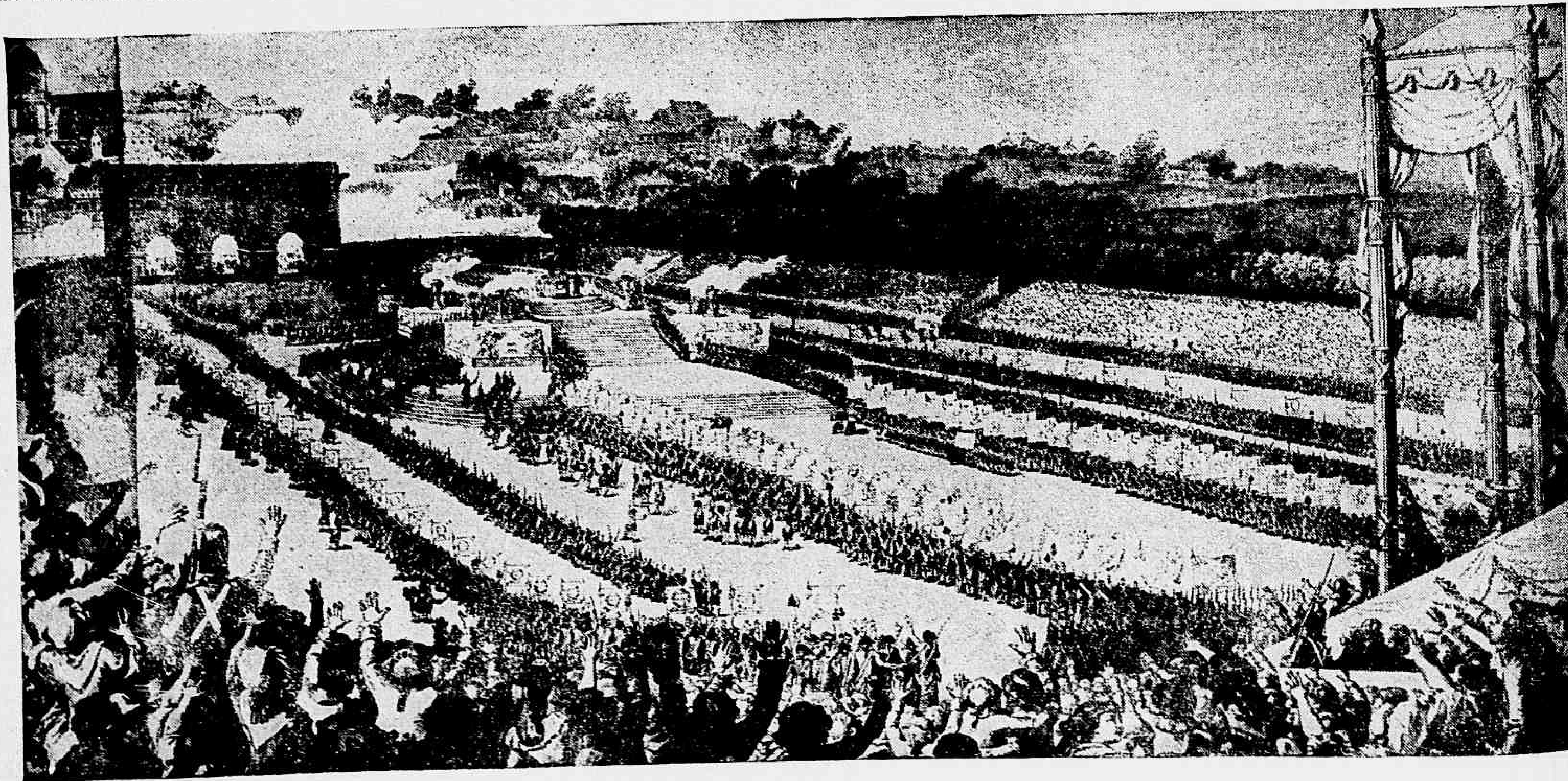
Passado um ano, quis o povo parisiense celebrar o acontecimento. Realizou-se a festa no "Champ-de-Mars", no local em que hoje se ergue a Tôrre Eiffel; foi denominada a "Festa da Federação". Nesse dia, o Príncipe de Talleyrand, que ainda não abandonara a mitra de bispo, oficiou pontificadamente no altar da Pátria. O "Champ-de-Mars" estava cheio de povo: — 400.000 espectadores lhe enchiam as arquibancadas; 60.000 soldados evoluíam no local, terreno em cujo centro se erguia o altar, de 25 pés de largura.

Trezentos padres, com alvas brancas e estolas tricolores acolitaram Talleyrand. Celebrou-se a missa. Os coros acompanharam-lhe a voz. Os canhões deram salvas; soaram os clarins. Terminado o Santo Sacrifício, La Fayette tomou das mãos de Luís XVI a fórmula do juramento cívico e subiu os degraus do altar para entregá-lo ao oficiante.

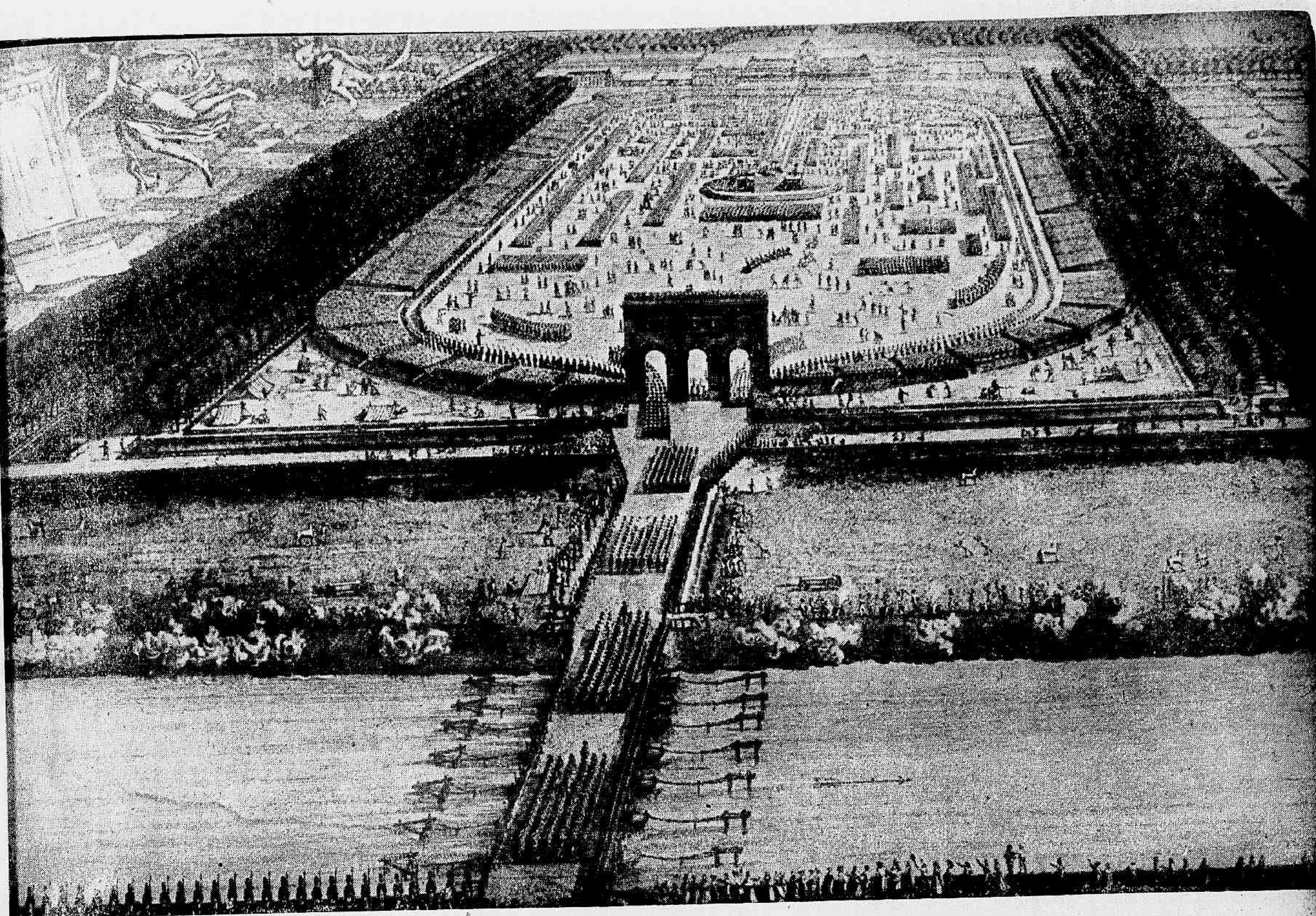
Voltou-se Talleyrand para o povo e, desenrolando o manuscrito, leu-o em alta voz, enquanto os sabres brilhavam ao sol e as bandeiras flutuavam ao vento: "Juramos manter a Constituição decretada pela Assembléia Nacional e aceita pelo Rei". 500.000 gritos responderam: "Nós juramos". O próprio Luís XVI pronunciou o juramento.

Foi assim a primeira consagração oficial ao 14 de julho. Foi, também, a última, antes do advento da Terceira República. Passaram-se 79 anos antes de ser êsse dia consagrado. E não o foi sem conflitos. Após 1870 e a queda do Segundo Império, políticos o festejaram, em reuniões. Em 1898, proibiu o govêrno êste gênero de manifestações; descontentes, porém, vingam-se glorificando o centenário do nascimento de Jean-Jacques Rousseau, apóstolo dos ideais da liberdade.

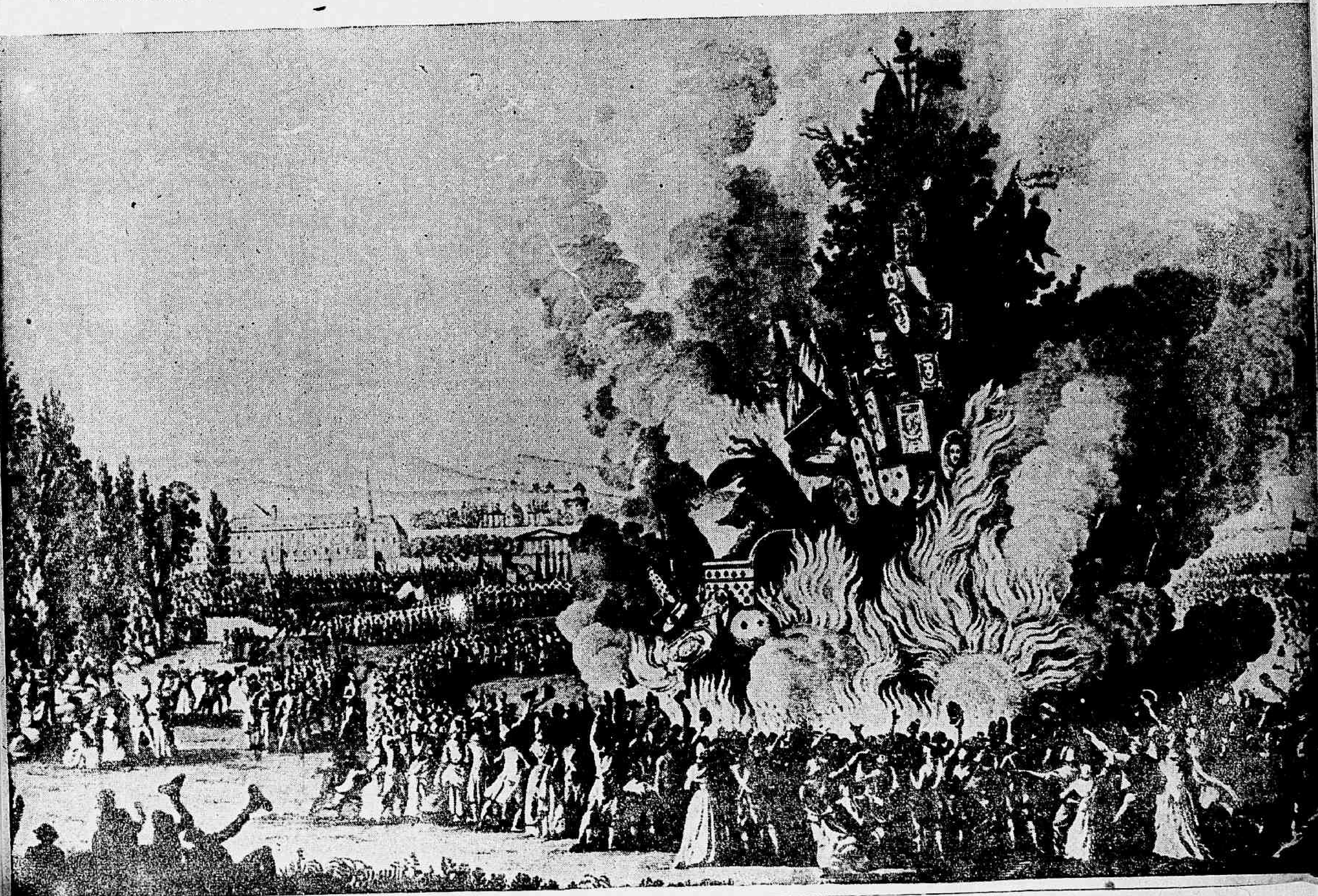
(Cont. na pág. 48)



DEPOIS DA QUEDA da Bastilha a 14 de Julho de 1789, uma das maiores paradas cívico-militares de tôda a história da França, teve lugar um ano depois, ao comemorar-se o primeiro aniversário da tomada da famosa prisão do Estado. Aqui vemos a Festa da Federação do Campo de Marte, na capital francesa, comemorando-se o 1º ano da Grande Revolução



O 14 DE JULHO de 1792 tornou-se inesquecível no espírito dos franceses. A cidade de Paris se mobilizou tôda para ir ao Campo de Marte. Ao fundo, a Escola Militar. Em baixo, uma visão alegórica do que foram as solenidades comemorativas do terceiro aniversário da Queda da Bastilha. Além dos desfiles militares, a queima de tudo o que era do antigo regime



KATERINE DUNHAM

SEM MAQUILAGEM



SACERDOTISA E RITOS VODÚ EM PLENO RIO

KATHERINE DUNHAM E SEU CONJUNTO AFRO-AMERICANO ★ BAILARINOS, CANTORES E MÚSICOS ★ RITMOS BÁRBAROS NUM ESPETÁCULO DE ALTA CLASSE ★ COORDENAÇÃO DE MÚSCULOS E NERVOS ★ FORMA E FUNÇÃO ★ OS RITMOS BRASILEIROS NA APRECIAÇÃO DA DANÇARINA NEGRA ★ EVOLUÇÃO DA DANÇA ★ SUPERIOR AO "BALLET" RUSSO ★ MARCO NO PROGRESSO DA EXTERIORIZAÇÃO DOS SENTIMENTOS HUMANOS

Reportagem de SABINO CANALINI
Fotos de ADIR VIEIRA



EM SEU REPERTÓRIO constam números com música brasileira, que ela executa de maneira estilizada, o mais aproximado possível da realidade.



FOI O RITMO dos tambores das Antilhas que incentivou Katherine a formar o conjunto de «ballet» afro-americano para divulgação no mundo inteiro da influência dos escravos africanos e seus descendentes em quase tôdas as manifestações artísticas dos povos dominadores.

SEMPRE consideramos a dança como a mais alta expressão dos sentimentos humanos, e quando soubemos que na América do Norte e na Europa havia aparecido nova modalidade de dança, a que se dava o título de expressionista, isto é, em que os movimentos e a música eram completados por outras manifestações da natureza humana, como sejam a palavra, o riso, e o chôro, acreditamos de fato na evolução dessa arte e ansiosamente esperamos a oportunidade de assistir a tais espetáculos. Felizmente, não foi preciso sair do Brasil. Num esfôrço louvável, para abrilhantar a realização do Campeonato Mundial de Futebol e brindar cariocas e forasteiros com espetáculos diferentes, foi contratado talvez o melhor conjunto atualmente existente no mundo inteiro de dança expressionista. Ainda uma vez, o palco escolhido foi o do República. Nota-se a dificuldade da emprêsa em dispôr de outros teatros mais centrais, mas, verdade seja dita, mesmo assim um público seleto tem procurado e achado a velha casa da Avenida Gomes Freire, num sinal evidente do agrado que a temporada da dançarina negra provoca.

Falamos em nova modalidade de dança, será ela executada por uma dançarina negra? Sim, e não é só isso, todo o conjunto é afro-americano. E tem mais, a música e os ritmos são também de origem afro-americana! Como será possível conciliar as duas coisas, um novo passo à frente na história da dança e o aproveitamento de motivos, instrumentos e ritmos considerados pelos civilizados, especialmente brancos, como primitivos e bárbaros? Pois aí é que está a prova evidente de que muita teoria ensinada nas escolas não passa de demagogia racista, de superioridade convencionalmente adotada pelos brancos. Pensávamos, nós também, que instrumentos dos mais primitivos e rudimentares, tambores, tam-tam, reco-reco, chocalhos, cabaças, sinos (reparem, são os mesmos dos nossos carnavais), servissem apenas para executar números folclóricos, isto é reviver músicas antigas para estudo ou curiosidade, ou ainda para servir de fundo a músicas regionais (é o caso dos nossos sambas). Nunca esperamos porém, que viriam a ser empregados nessa nova fase da dança universal, usando os ritmos bárbaros na evolução, na última metamorfose que a dança está espalhando pelo mundo e que ainda não é conhecida por todos, mas que, não tenham dúvida, empolgará quantos a assistirem.

Esperávamos algo de novo, mas não assim. Confessamos que o adiantamento foi além da expectativa, ainda mais por vir a saber que há muitos anos existe a escola de Katherine Dunham. Pois essa é a realidade. O conjunto que ora se exibe no Rio é formado por trinta figuras, oito dançarinas, oito bailarinos, cinco cantores e cinco músicos, contando mais com elementos nacionais para a temporada no Brasil e com a regência do brasileiro Vadico Gogliano, que há oito anos segue a companhia. Além da dança, os integrantes conhecem canto, música, elementos de antropologia, história e significado do que executam, motivos e razões dos mínimos movimentos em cena. Já havíamos observado em teatro de comédia de origem americana determinados fatôres que o conjunto de Katherine Dunham veio reforçar. Grande homogeneidade do conjunto, afinação entre os elementos, número elevado de artistas em cena, formando grupos isolados, cada qual executando coreografia diferente, que se reune, de vez em quando, num só conjunto para determinados movimentos, voltando depois cada qual à sua parte separada. Enquanto isso, em primeiro plano, bem rente à ribalta, atravessando totalmente a cena da esquerda para direita, ou vice-versa, ou ainda em diagonal, ou em arco, figuras isoladas, com movimentos nada semelhantes aos dos demais artistas, sem razão aparente, cruzam a cena, entremeiam-se aos companheiros, dão saltos, executam «solos». A atenção do espectador é invariàvelmente prêsa pelos elementos que



UM DOS PONTOS altos do espetáculo da dançarina negra é «L'Ag'ya», do folclore da Martinica, misto de superstições, danças populares, amores simples de gente simples, ciumes arrebatadores, feitiços, lenda do Zumbi, e a morte pelo sofrimento, reproduzida acima.

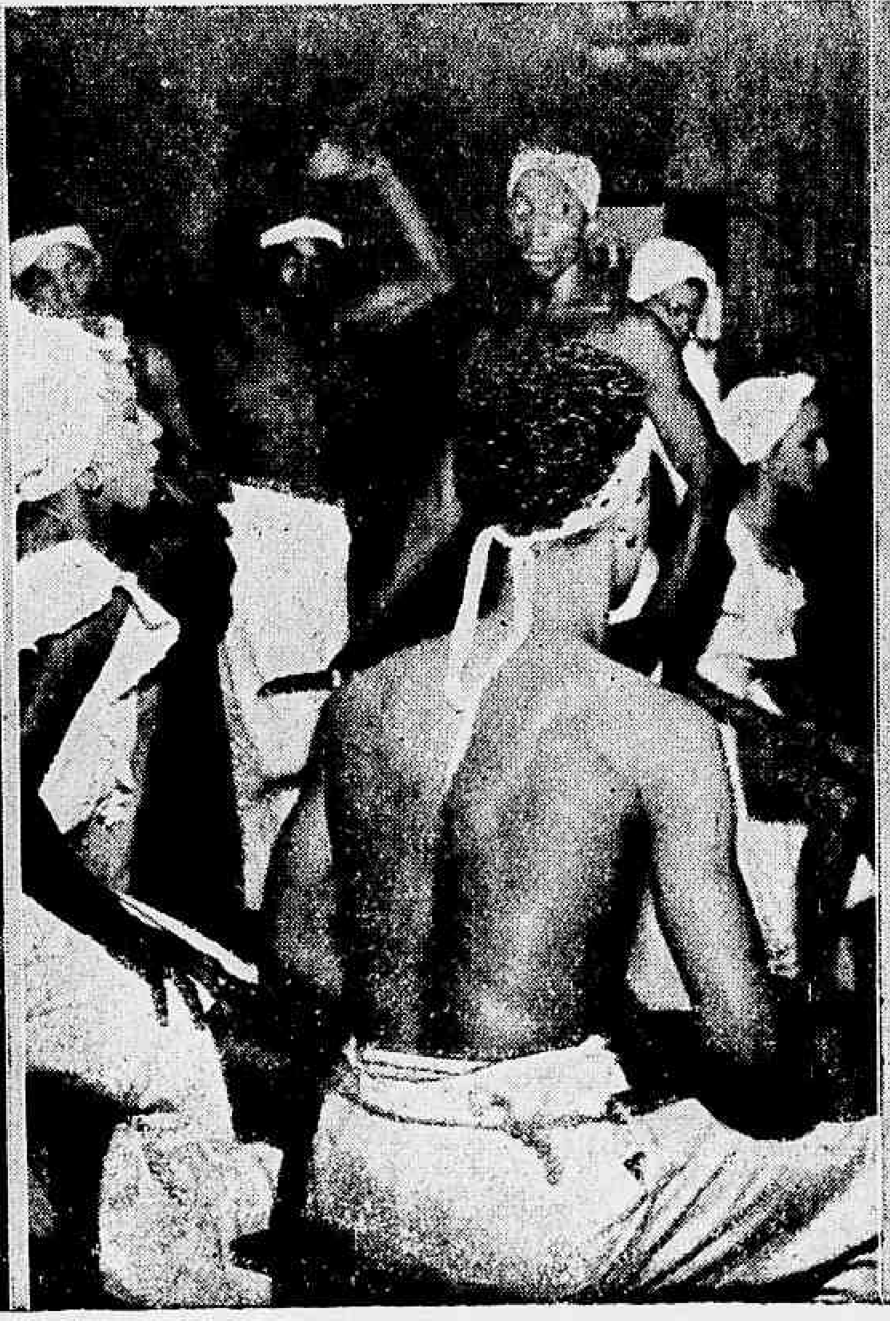


O CONJUNTO de músicos e de instrumentos de percussão da companhia é qualquer coisa de impressionante. Desde os ritmos mais compassados, quase imperceptíveis, aos mais enfurecidos e dominantes, constituem um belo exemplo de muitos anos de estudo e disciplina

parecem representar de maneira discordante do resto do elenco e vemos nisso um artifício para não cansar com a ação por vêzes monótona, seja das primeiras figuras como das outras, em obediência ao ritmo igual, maravilhosamente cadenciado, dos tambores, sem dúvida os instrumentos de maior importância nesse «ballet» negro. «Ballet», sim, todos aí conhecem e estudaram a fundo o «ballet», mas não o empregam à maneira clássica russa, mesmo porque a música é bem diferente. Foram aqui aproveitados os motivos populares de tribos semiselvagens que outrora habitaram especialmente as terras do centro-América, as mesmas tribos escravas que foram arrancadas de suas terras africanas, para virem servir o branco opressor e tirano, numa das mais negras páginas da história humana. Bem diferentes são portanto os motivos que provocaram essas expansões musicais dos negros. Instrumentos das mais remotas eras, os de percussão, usados pelos africanos para acompanharem seus trabalhos, suas intermináveis horas de folga, suas orações, seus rituais religiosos, seus acompanhamentos fúnebres, suas danças guerreiras e amorosas, os sacrifícios de animais e de homens, propiciatórios alguns, em honra às fôrças da natureza outros, à Lua, ao Sol, ao Vento e ao Trovão, à chuva e à Tempestade, aos mistérios da Morte e da outra Vida, aos Deuses do Bem e especialmente do Mal. Êsses instrumentos foram reproduzidos em terras americanas e agora, além de tôdas essas razões, tinham mais algumas para descrever: a saudade, a nostalgia da liberdade perdida, das terras nativas, o ódio contra o branco, a resignação, o desejo de vingança, a vontade de abafar em orgias sexuais a impotência de voltar para a África. E' o tambor que rege todos êsses sentimentos rufando, surdo, golpes secos ou prolongados, imperceptível ou acelerado, lânguido e endemoninhado, incitante, possesso, obsessivo, lancinante até extinguir repentinamente seus ruídos, para cair no mais absoluto silêncio, ainda mais apavorante que em plena excitação. Pois imaginem isso tudo apresentado por uma companhia disciplinada como até agora não vimos. Elementos cônscios de seus deveres e executando estrita e ùnicamente o que aprenderam e o que é necessário para o efeito de conjunto. As primeiras figuras, inclusive a própria Katherine, chegam a se perder entre os companheiros quando assim o requer a ação. Por ser música de motivo africano, por haver preponderância dos instrumentos de percussão poderiam muitos pensar em espetáculos de baixo teor artístico. Dá-se jus-



KATHERINE EXECUTANDO um chôro brasileiro. Baianas altamente estilizadas, gestos à la Carmen Miranda, [illegible] esfôrço de imitação dos nossos ritmos.



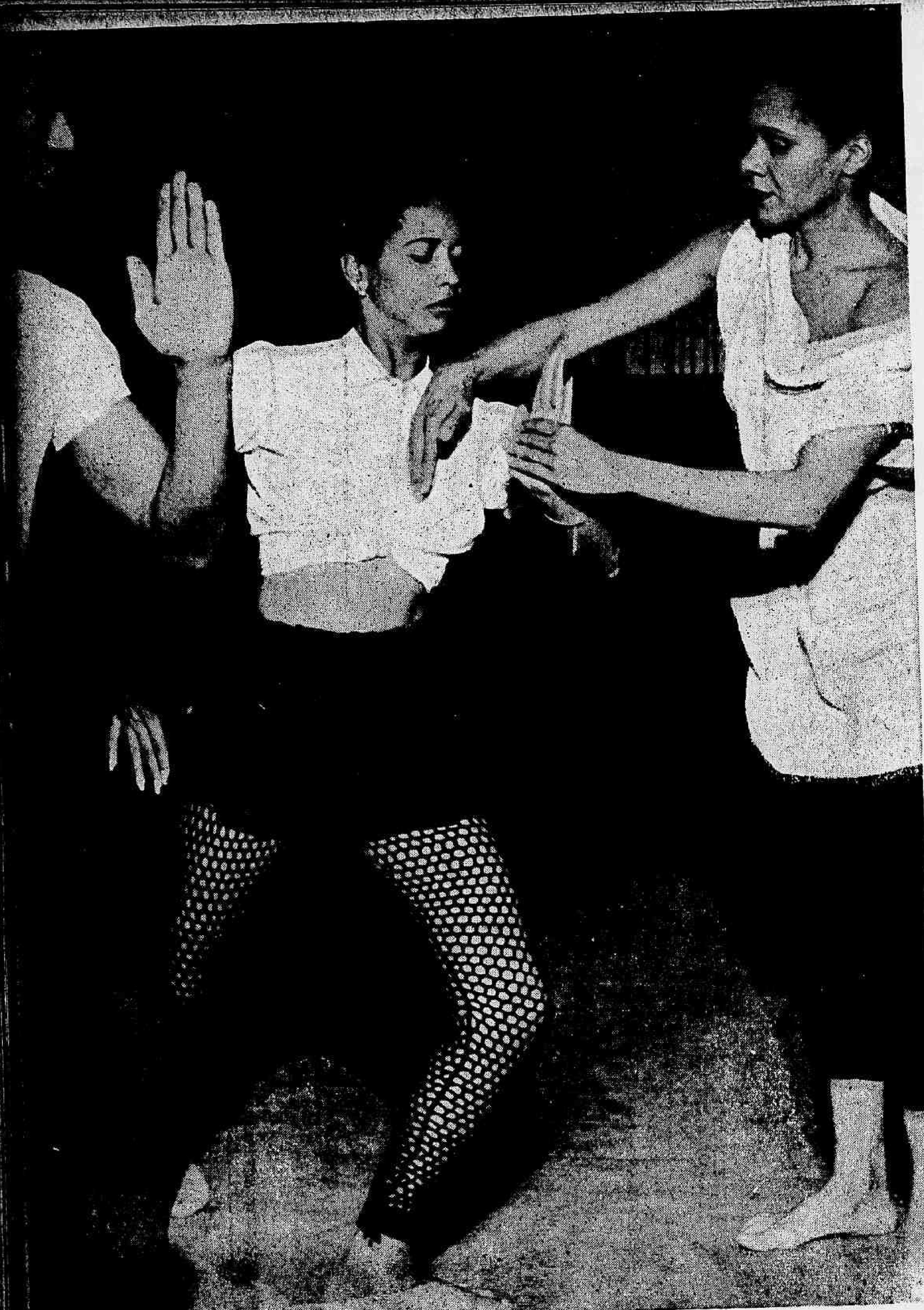
CENA DE MAGIA negra, típica das Antilhas, em que há [illegible] de um galo branco, e um rapaz possuído [illegible] Não lembra as nossas macumbas?



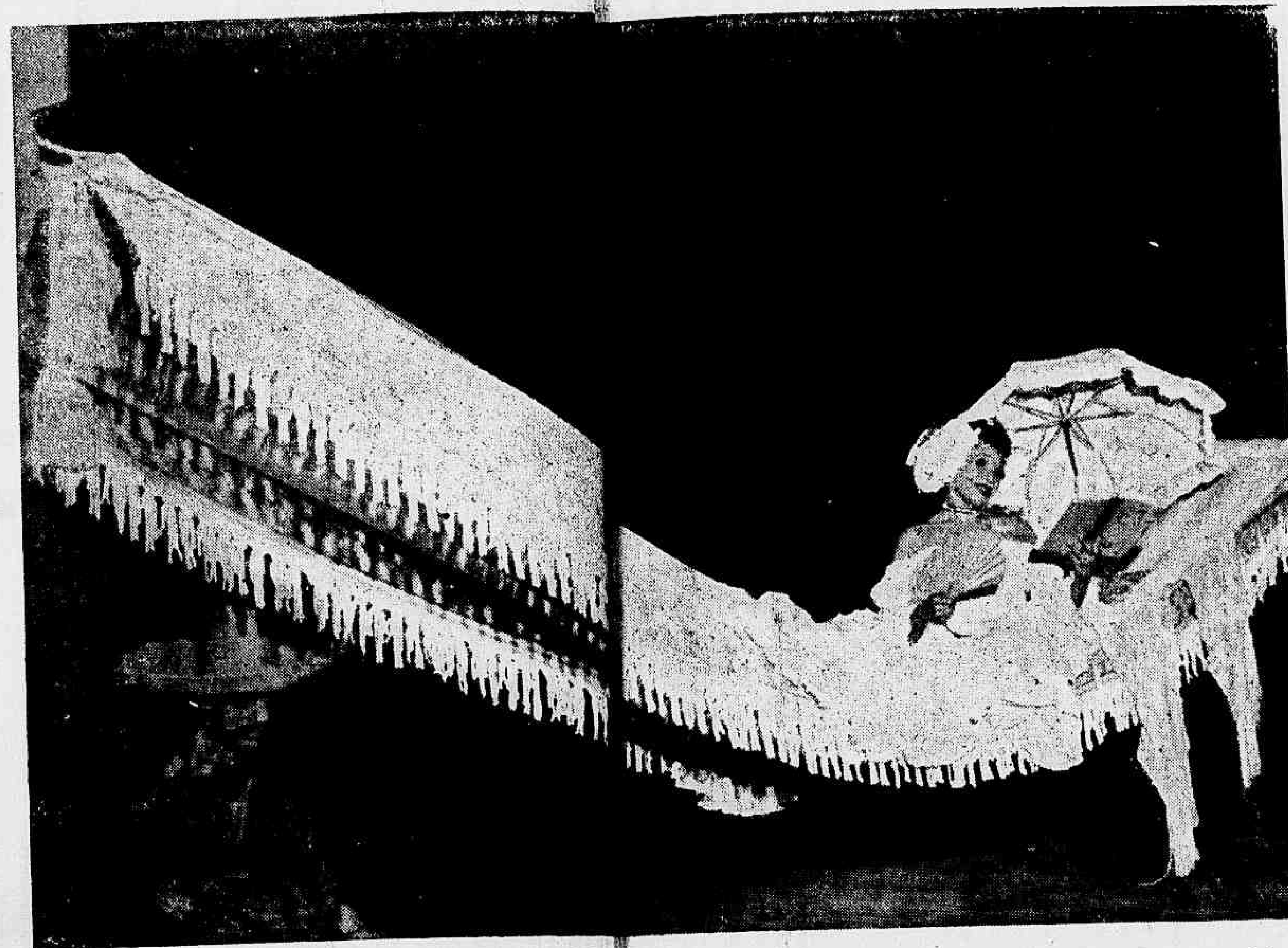
NOS BAILADOS SÃO reproduzidos além dos ritmos e das [illegible] afro-americanas, também os trajes típicos [illegible] que habitam as ilhas das Caraíbas.

BALLET NEGRO
PARA PLATEIAS GRANFINAS





DURANTE OS ENSAIOS, elementos nacionais, como Mercedes Batista que se vê na foto, receberam de Katherine esclarecimentos sôbre a maneira de aplicar os ritmos de origem africana no «ballet». A artista negra sente prazer em ensinar.



VEMOS ACIMA a fiel reprodução de trajes típicos do Méxic[illegible]trar a música folclórica dêsse país. Grande é a versatilidade dos artistas para ritmos das mais diferentes procedências. Em baixo, fla[illegible]lo durante os ensaios, dirigidos e supervisionados pela artista negra.





MAIS UM FLAGRANTE dos exaustivos ensaios a que são submetidos todos os componentes do elenco. As seqüências são repetidas até que a satisfaçam. Corrigindo passos, ritmos dos músicos e ela exemplificando, consegue afinar o conjunto.

tamente o contrário. Inteligentemente estilizados, os ritmos afro-americanos, nada perdendo do poder primitivo, nem de sua pureza, apresentam-se ao público de maneira elegante, atraente, mesmo para os espíritos mais cultamente formados.

A SACERDOTISA VODÚ

Nascida em Joliet, no Estado de Illinois, nos Estados Unidos, filha de uma professôra franco-canadense e de um prêto de Madagascar, formou-se em antropologia pela Universidade de Chicago, ganhando uma bôlsa para estudos folclóricos nas Antilhas. Apesar de hostilizada pelos locais, conseguiu penetrar nos segredos dos ritos daquela gente, aprendendo dialetos, cantos, lendas, ritmos de origem africana, rituais religiosos e todo o cerimonial dos Vodú, espécie de macumba que os pretos haviam introduzido do Senegal, de Angola e de Guiné. Voltando para sua pátria fundou uma escola de bailados em que aplicou o que havia visto, conseguindo vencer e organizar com muitos sacrifícios o conjunto que se exibe agora em todo o mundo para sustentar mais de trezentos alunos matriculados na escola. Para ensinar, observa ela um método, um «sistema», por meio do qual consegue os resultados que podem ser observados no elenco que a acompanha.

— O segrêdo está na coordenação que deve existir entre músculos e nervos, entre forma e função. Os nossos ritmos nasceram da imitação, por parte de nossos mais remotos ancestrais, dos movimentos e das vozes dos animais, assim como dos ruídos da natureza. Nasceram também da necessidade de acompanhar tôdas as manifestações humanas, especialmente as de fundo religioso, com ruídos para formar harmonia. Com o passar do tempo, surgindo interdependência entre movimentos e sentimentos, foram atribuídos significados a determinados gestos, de modo a não ser precisa a externação do que ia no íntimo por meio de palavras. E' o que eu chamo de animismo. Encontrando nas Antilhas ritos antiquíssimos, conservados em tôda a sua pureza, vi a necessidade de se voltar ao primitivismo, que havia sido esquecido pela cultura requintada especialmente da Europa. O bailado moderno, o russo, apesar de surgido dos motivos populares daquele povo, está desvirtuado, nada mais restando nêle de sua origem. Era necessário voltar às fontes simples da vida e da arte. Nada melhor do que aproveitar as manifestações artísticas que elementos de nossa raça conservavam em segrêdo nas selvas das Antilhas.

Assim nos explicou Katherine Dunham e continuou:

— Uma vez conhecidos os significados dos movimentos, dos gestos e sua correlação com o íntimo das pessoas, trato de ensinar as funções de cada músculo do corpo. Existindo uma forma, isto é um músculo ou um nervo, forçosamente deve existir uma função qualquer para tais partes do corpo. Descoberta a função, por meio de disciplina, de exercícios, de ensaios e de muita fôrça de vontade, obrigam-se os músculos a executarem os movimentos exigidos pela inteligência dirigida pelo sentimento. Aí está a base do meu «sistema».

Havendo no programa alguns números calcados em música brasileira, choros e samba, apenas na música, porém, e não nas «macumbas» e outros cerimoniais do folclore afro-brasileiro, perguntamos à dançarina em que se baseara para criar os números brasileiros.

— Na divulgação das músicas características dêste país, cabendo o primeiro lugar ao samba, no trabalho de Ivan Lopes e agora na colaboração do maestro Vadico Gogliano.

Percebemos assim que ainda estava muito longe de conhecer com respeito à nossa terra o que ela vira e estudara nas Antilhas. Sabendo que a companhia estêve antes em Recife e que há dias assistira a uma festa oferecida pelo Teatro Experimental do Negro na casa de campo do industrial Jael de Oliveira, nas matas da Tijuca, a que também tomamos parte, e em que foram exibidos dançarinos e conjuntos típicos brasileiros, perguntamos:

— Qual a sua impressão sôbre os ritmos brasileiros? Correspondeu à expectativa?

— Excedeu à expectativa, pois que em verdade o samba lá fora é mal tocado e mal dançado. Ignora-se a realidade sôbre o Brasil. Eu mesma pensava que o maracatu fôsse dança dos índios do Brasil e vim descobrir que tem origem africana. Êsse é o ponto de semelhança com as músicas dos povos centro-americanos. Os instrumentos são os mesmos, com exceção de um, a cuíca, que lá fora não é conhecida e cujo som é imitado pelo atrito do polegar umedecido na superfície das peles esticadas dos tambores. Quanto aos rituais, às «macumbas» nada posso dizer, pois vi pouco, afora o que foi preparado de propósito para mim. Apenas em Pernambuco me foi dado assistir a uma sessão espontânea, mas tudo feito com tôda a cautela, os tambores tocando baixinho, para não despertar a atenção da polícia, de modo que não tive uma idéia exata do que seja o folclore afro-brasileiro. Mesmo assim o que vi dá para ter uma concepção melhorada sôbre as músicas regionais do Brasil, o que aproveitarei para a formação de novos quadros brasileiros.

Lembramos então as tentativas de alguns elementos de sua companhia em seguir os passos endiabrados do frevo, executados pelos brasileiros na festa de que falamos. Um rapaz e u'a moça chegaram a imitar bem as alegorias acrobáticas dos dançarinos nacionais. Mais uma vez ficou evidenciada a facilidade das pessoas de côr em assimilar qualquer ritmo.

— Quando no estrangeiro se fala no Brasil, comentou ainda Katherine, todos lembram logo o café, o samba e agora o futebol, Por isso admiro-me de haver encontrado aqui um samba diferente de como é divulgado e de não existir no Brasil um conjunto teatral como o meu, em que fôssem explorados de maneira educativa e edificante para a nossa raça, os ritmos típicos, quais o samba, o frevo, o maracatu, o chôro, o maxixe e os outros.

— Pelo fato de haver estudado antropologia e de haver percorrido países do mundo inteiro, em que teve oportunidade de entrar em contato com pessoas de tôdas as raças, tem alguma teoria própria sôbre a divsão da humanidade em raças?

— Na realidade a diferença existe apenas na côr e no temperamento, provenientes de várias causas: clima, situação geográfica, etc. Além disso somos iguais.

— De que forma é aceito o seu espetáculo?

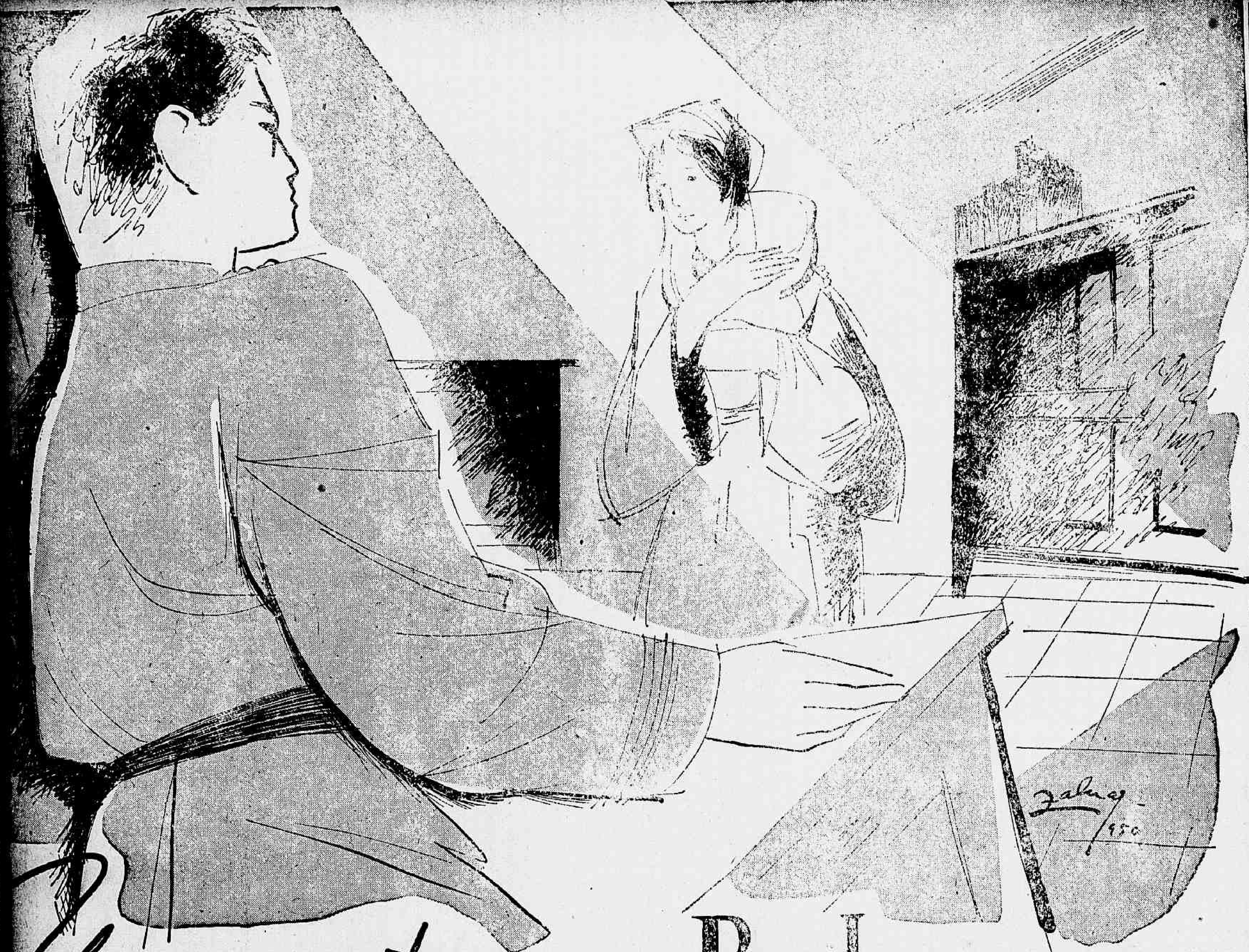
— E' considerado como colaboração para a evolução do bailado, assim como o foi há quarenta anos o movimento de Diaghileff e Nijinsky. O público está saturado do classicismo.

— A que religião pertence?

— Creio, mas não sei em que, respondeu sorrindo Katherine. Talvez faça parte dos ritos sagrados do Vodú.

Assim terminou a entrevista da que já é considerada como marco na história da dança. Calma, nada temperamental, recebeu-nos após um extenuante ensaio de várias horas, em que corrigia pessoalmente seus alunos com o próprio exemplo. Chegaram a repetir a mesma cena uma dezena de vêzes, sempre sob a supervisão de Katherine.

(Continua na pág. [illegible])



Uma aventura em Barbacena

LOGO que as visitas transpuseram, de partida, a porta do gabinete, o coronel vibrou furiosamente o tímpano, chamando pela ordenança.

— Oh! Francisco, manda preparar o meu cavalo. E depressa, heim!

Fez uma reviravolta no gabinete ensolarado e foi até à janela lançar uma última chispa de cólera sôbre aquelas visitas desagradáveis:

— Êsses politiqueiros maçantes vêm fazer intrigas de seus companheiros e tomam todo o tempo da gente. Ah! sujeitos ordinários! Pobre Brasil, que não se apruma com tanta gente estúpida e mesquinha!

A ordenança entrou para comunicar que o cavalo estava sendo encilhado e anunciar a presença de mais outra visita; contudo, diante da feição raivosa de seu comandante, apesar da grande confiança que tinha nêle e de servir-lhe às vêzes até de confidente, ficou hesitando, com receio de atrair sôbre si também a exploração da cólera do coronel. E com tôda a razão, porque conhecia muito bem o seu gênio. De bom e calmo como um lago tranquilo, transformava-se inesperadamente num mar tempestuoso e indomável. Mas, se de um lado temia a fúria de seu temperamento, de outro penalizava-lhe despedir uma desgraçada mulher, coberta de andrajos e miséria, que parecia buscar a última esperança de misericórdia. Andou indeciso de um lado para outro, ajeitou as pontas do tapete, revolveu os papéis por despachar, encarou várias vêzes o coronel, até que êste explodiu:

— Que é que tu queres, Francisco?

— Nada não, senhor.

— Então, podes ir. Não preciso de ti.

O soldado foi saindo cabisbaixo e parou a meio caminho, voltando-se para o coronel:

— Mas, comandante... ia esquecendo... queria dizer... está aí uma dona...

— Manda embora. Não quero ver a cara de mais ninguém hoje.

— Ela pede para falar ao senhor. Disse que é caso muito urgente. Está passando necessidade...

— Manda embora, já não disse? Manda embora. Arre! que terra miserável, a gente não pode ter sossêgo! Fala com ela que o Juiz mora lá em baixo. O Padre também. E manda embora com os diabos, Francisco.

— Sim, senhor.

— Espera aí: que é mesmo que tem a mulher? — perguntou o coronel meio arrependido de um arrebatamento tão inopinado.

— Disse que está passando fome, que tem seis filhos, seu marido...

— Já sei, já sei: é um dêsses que não tomam juizo; êsses bandidos pensam que é só casar e encher a casa de filhos.

Lançou um ligeiro olhar sôbre a cidade e foi assentar-se ao "bureau"; tomou o primeiro expediente que encontrou sôbre a mesa e reiniciou o trabalho.

— Deixa a senhora entrar — ordenou.

Estourando de contentamento, a ordenança girou de par em par as portinholas nos gonzos e convidou a senhora a entrar:

— Pode entrar; o senhor comandante vai atender à senhora.

Trêmula, completamente desconcertada, a pobre mulher aconchegou ao regaço uma esquelética criança e penetrou muito humildemente no gabinete. O sol da tarde inundava de luz o aposento e seus raios refletiam-se no assoalho caprichosamente encerado e nos tampos de vidro das mesas, ofuscando a vista de quem chegasse de fora. Mais atordoada ficou a estranha visitante, que arrastava os pés cautelosamente com receio de uma quéda, ao mesmo tempo que procurava furtar as vistas aos molestos reflexos dos ráios solares. O comandante percebeu com pena o embaraço e comiserou-se de sua triste situação; procurou dominar seu mais desesperados ímpetos de impaciência e falar num tom menos áspero:

— Que há com seu marido, minha senhora?

Tomada de grande emoção, completamente atordoada, ela apenas balbuciou:

— Nada não, senhor.

E o comandante prosseguiu com calma:

— Alguma queixa de meus soldados?

— Não, senhor.

— Seu marido lhe dá maus tratos?

— Não, senhor.

— Que deseja, então? Quem e êle?

— Senhor coronel, meu marido não é soldado. Eu...

— Diga, dona; tenho pressa. Se carece de algum auxílio, pode falar sem acanhamento, que a gente arranja. Preciso sair — rematou, iniciando a irritar-se.

— Precisava muito falar com o senhor, sim, e de seu auxílio; mas primeiro queria que ouvisse minha explicação. Pode ser que o senhor me conheça, estou completamente sem recursos e não possuo no mundo a quem recorrer. Tenho êste — continuou, descobrindo o rostinho da criança — e mais cinco filhos; meu marido — coitado! — não está podendo nos sustentar.

O coronel pousou a caneta e fixou, com mais atenção, a interlocutora. Esta, ao sentir seus olhos nos dela, enrubeceu, desconcertou-se tôda e pôs-se a falar com voz mais trêmula:

— Acho que o senhor me conhece. Sou a Corina.

— Talvez. Não me lembro direito; ando por tôda parte e às vêzes não guardo bem os nomes das pessoas. E' sempre mais fácil guardar a fisionomia e julgo que tem razão; parece-me que já vi a senhora. Teria sido em Juiz de Fora?

— Não, senhor.

— Ah! a senhora é de Campinas?

— Não, senhor; eu sou Corina...

(Cont. na pág. 46)

Conto de ANTONIO NORBERTO DOS SANTOS - Ilustração de A. ZALUAR



SÔBRE OS CABELOS CURTOS

CABELOS curtos ou cabelos compridos?

Ainda permanece a discussão a respeito da moda atual de cabelos, embora quase mulher alguma use cabelos compridos, mesmo ondulados.

Não há muito, reuniu-se em Paris um grande juri de artistas e escritores para resolver o problema da moda dos cabelos. A conclusão a que chegaram êsses artistas e escritores foi contra a moda dos cabelos curtos. A sentença foi amplamente divulgada mas, ao que tudo indica, não deu resultado algum, pois as mulheres continuaram a cortar, e cada vez mais curtos, os seus cabelos.

Mais recentemente, também os maiores cabeleireiros se reuniram em conselho para um protesto coletivo contra os cabelos curtos. Os costureiros mais famosos juntaram, a êsse, o seu protesto. Os primeiros afirmam que os cabelos curtos não oferecem oportunidade a penteados, servem bem para o dia, para a rua, mas ficam muito mal à noite. Os costureiros, por sua vez, asseveram que os cabelos curtos não vão bem com os trajes de noite, com os decotes e com as jóias. Realmente, uns e outros parecem ter razão, até certo ponto. Mas a polêmica atual não é em nada diferente da que se deu há muitos anos, quando os cabêlos à **la Garçonne** agitaram o mundo feminino e, principalmente, o masculino, sempre o mais interessado nos assuntos que dizem respeito às mulheres...

Estamos para nós que os cabelos curtos são realmente mais comodos e... mais feios! Os cabelos sempre constituíram um dos maiores atrativos da mulher. Poder utilizá-los ao sabor da fantasia, de acôrdo com a arte dos penteadores, é de fato uma

(Cont. na pág. 46)







CHAPÉUS DE LÃ

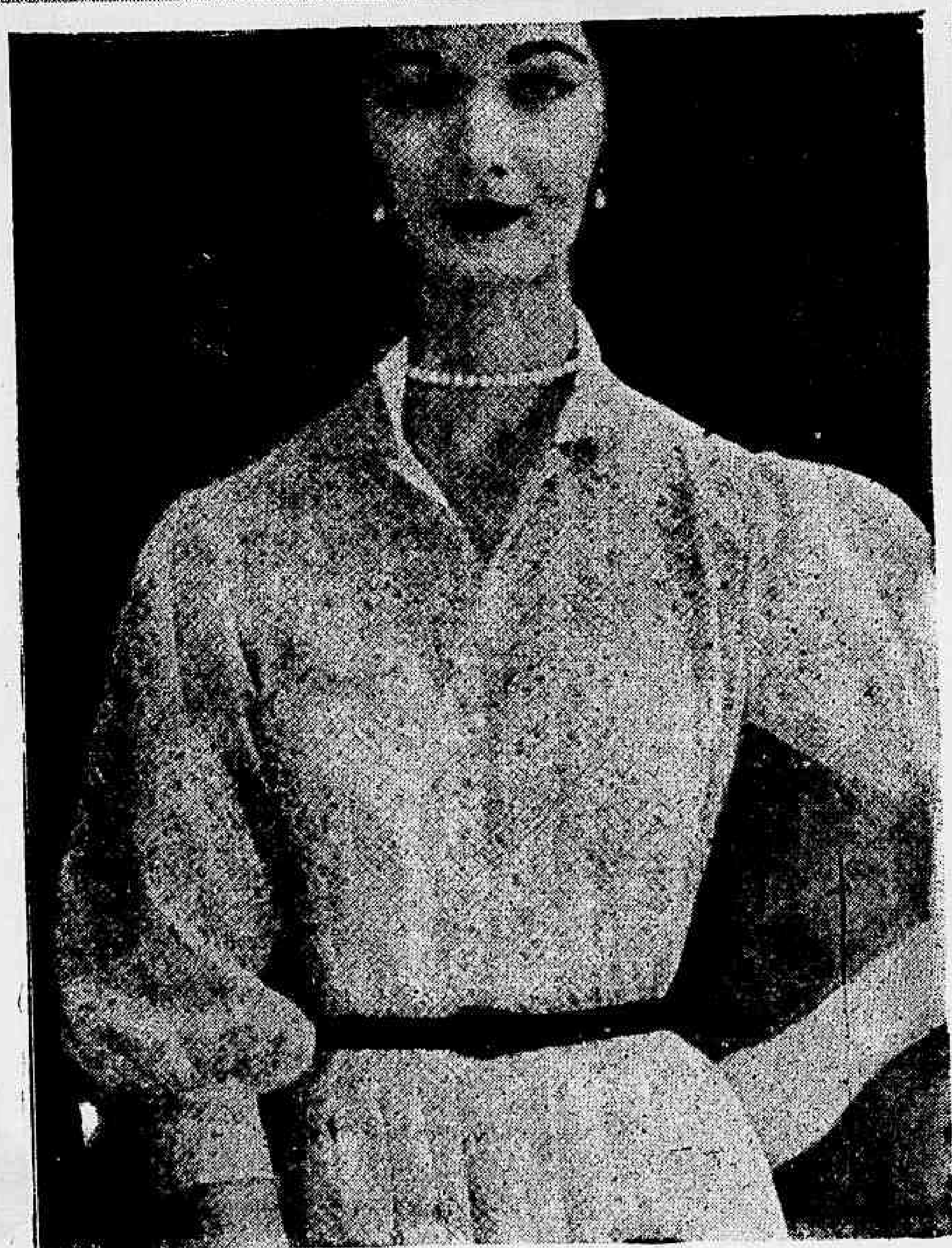
★

PARA complemento das suas "toilettes" de inverno, Paris sugere esta coleção de elegantes chapéus de lã. Nos mais variados estilos êstes modelos se prestam às mais diversas horas do dia. Para a manhã, tarde ou noite você poderá escolher aqui o seu modêlo favorito.









Vestidos de algodão

OS vestidinhos ligeiros, em fazendas de algodão, são sempre necessários para as saídas ligeiras e compras. Aqui estão alguns modelos de fácil execução e práticos para a lavagem. Em cima, à esquerda: dois modelos simples mas sugestivos em algodãozinho estampado; à direita: vestido aberto de alto a baixo com gola bem subida. Cinto formado por uma faixa em fazenda com "pois". Em baixo: encantador vestido em algodão quadriculado. Saia godé enviezada. gola e punhos armados, bastante leve é êste modêlo branco em tecido de algodão com bordado abertos.

Casacos modernos

ÊSTES são os últimos modelos franceses de casacos. É interessante notar a predominância dos modelos. Os casacos dois e três quartos quase não são usados. À direita, três sugestivos e modernos modelos em fina lã; o primeiro em lã beije, o segundo em azul-marinho, e, o terceiro, em "havana". Em baixo, à esquerda, bastante amplo e sugestivo casaco em grossa lã mescla, botões pretos do lado direito, bôlso amplo embutido. À direita, dois originalíssimos casacos em lã azul-marinho, reverso em beije-claro.







"TAILLEURS" CLÁSSICOS

ENTRE todos os estilos de "tailleurs", sobressái o clássico que não cái de moda, sendo usado em tôdas as estações. São para modelos de linhas clássicas as sugestões aqui apresentadas. Em cima, dois sugestivos e elegantes modelos, ambos em pesada lã; o primeiro, beije com casaco pespontado, e, o segundo, em cinza, com bolsos originais com sanfona. Em baixo, lindo modêlo com saia traspassada e casaco de gola arredondada. Casaco de gola redonda, enfeitado com botões de couro. Os bolsos têm abas abotoadas.













MANHÃS FRIAS

PELA manhã, não há necessidade de agasalhos pesados, mas sempre são aconselháveis modelos em lã fina ou sêda pesada. Êstes vestidos e costumes prestam-se para saídas ligeiras. Costume em lã fina, casaco transpassado com a aba na frente godê e atrás lisa. Vestido de lã, com o corpo liso e saia godê. Nas costas tem seis botões que continuam no cinto. Em baixo temos: costume em lã branca, o casaco tem a aba abotoada em um dos lados, atrás um outro modêlo em sêda pesada, decote em V e saia formando machos.

VELUDO







COM a chegada do frio reaparece o veludo que estêve ausente durante as estações quentes. Êstes são os modelos mais recentes e próprios para êste tecido. Vestido de noite, saia justa com uma pala na frente, corpo cintado, sem alças. No ombro esquerdo e na cintura leva dois apanhados de tafetá quadriculado, com as pontas recortadas. Elegante "tailleur" com gola alta e a aba do casaco terminada em ponta, atrás. Costume enfeitado com pespontos. Os botões imitam colchêtes.







VARIADOS

NESTA página estampamos para vocês, alguns sugestivos e variados modelos para os dias frios, executados nos mais variados tecidos, todos êles recomendam-se pela elegância das linhas e pela originalidade que os caracteriza. Em cima, três modelos para passeios no campo, e, em baixo, dois modelos em lã, próprios para a tarde.



VARIAÇÕES DA MODA

APRESENTAMOS diversos modelos mostrando as variações da moda, nas diversas horas do dia e estilos diferentes do talhe. À direita três sugestivos modelos executados em lã, casemira e gabardine, próprios para passeios à tarde; em baixo, à esquerda, elegante casaco cintado. em lã pêlo de camelo. Gola alta e saia com bastante godê. À direita, vestido em lã preta, com capa enviezada na mesma lã. Uma camélia adorna a larga gola, modêlo próprio para a noite.













CONJUNTO

NÃO sòmente os casacos e c mes são usados durante ve no; para variação do são adotados conjuntos de du três peças, no mesmo tom ou Aqui estão algumas sugestõs in santes. Em baixo: Dois mode venis de vestidos e boleros. meiro com o bolero em tom dif do vestido e o segundo todo da ma côr. Em cima: "Tailleur" c em casemira, usado com uma ec de tafetá listrado e um casaco quarto, enfrentado com o mes fetá da echarpe. Casaco em ron, forrado de cinza, o vesti baixo é marron com o cinto abinhas em cinza.



CICLISTAS!

Este é o novo



O MAIS PERFEITO FREIO CONTRA PEDAL DO MUNDO

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LIMITED

BIRMINGHAM ---- INGLATERRA



WEEK-END NA

TORTA DOS APÓSTOLOS

100 gr. de manteiga, 100 gr. de açúcar, 100 gr. de amendoas, 120 gr. de farinha de trigo, 50 gr. de farinha de pão, um pouco de canela e colher de fermento em pó.

Bate-se bem a manteiga com o açúcar, as amendoas pisadas, a farinha de pão embebida em arrak e a farinha de trigo peneirada com o fermento e a canela, fazendo uma massa dura. Estende-se esta massa com o rolo, formando duas rodelas que se assam em forno médio.

Uma das rodelas forma o fundo e a outra a tampa da torta. Faz-se o seguinte recheio: — 100 gr. de sultanas, 6 figos secos, ou de compota 50 gr. de cidra cristalizada, um pouco de rum ou Madeira, e massa de abricots.

Picam-se bem as sultanas, os figos e a cidra, cozinham-se em um pouco de rum ou Madeira e misturam-se com uma colher de sôpa de massa de abricots. Passa-se êste recheio por entre as duas partes da torta unem-se estas, cobre-se com qualquer glace e enfeita-se com amendoas.

PERNA DE CABRITO ASSADA

Lardeie uma perna ou quarto de cabrito e deixe durante 12 horas de molho em 1 xicara de água, 1 xicara de vinagre, 1 xicara de vinho sal, louro, cebola, cheiro e 1/2 dente de alho socado. Depois deixe só uma xicara de molho, cubra com fatias de toucinho e leve a assar no forno quente. Desengordure o molho, côe e leve ao fogo com uma colher de chá de fubá de arroz para ligar. Parta o cabrito, deixe no centro de uma travessa e arrume as peras escorridas nas cabeceiras. Sirva o molho do assado à parte.

SOPA DE COUVE-FLOR

Faça um caldo comum, e reserve. Cozinhe uma couve-flor na água e sal e parta nos pedacinhos. Bata 3 claras em neve, incorpore 23 gemas, 2 colheres de farinha de trigo, outra de queijo ralado, sal e junte à couve-flor. Leve a ferver o caldo e vá jogando dentro pequeninas colheradas da mistura Deixe cozinhar um pouco e sirva.

SALADA RUSSA MODERNA

Corte em pedacinhos compridos quantidades iguais de cenouras, ambos vagens e batatas cozidas separados. Abra uma lata de petits-pois e outra de atum em conserva, e escorra o caldo de ambas. Escorra os legumes e deite em azeite, vinagre e sal, em muito pouca quantidade. Desfie o atum no meio do prato e faça um buraco no centro, arrume ao redor os legumes aos montes de cada qualidade e cubra o atum com molho feito com 1 gêma crua, outra cozida desmanchadas em 1/2 xicara de azeite, como maionese, e algumas gôtas de limão. Coloque no centro pontas de espargos de uma latinha pequena, ou um bouquet de couve-flor cozida. Enfeite com pedacinhos de conserva Pickles ou alcaparras.

FÍGADO COM MOLHO DE PASSAS

Parta em bifes e tempere com sal e pimenta do Reino 1 quilo de fígado de vitela. Deite 150 gr. de passas em água quente e tire os caroços. Frite os bifes de fígado na manteiga e arrume num prato, em corôa. Na frigideira junte 1 colher de chá de açúcar, 1 de farinha 1 de vinagre e 1 xicara de caldo; Ferva um pouco, junte as passas escorridas, ferva mais um pouco e deite sôbre o fígado. Sirva com forminhas de xuxú.

FORMINHAS DE XUXÚ

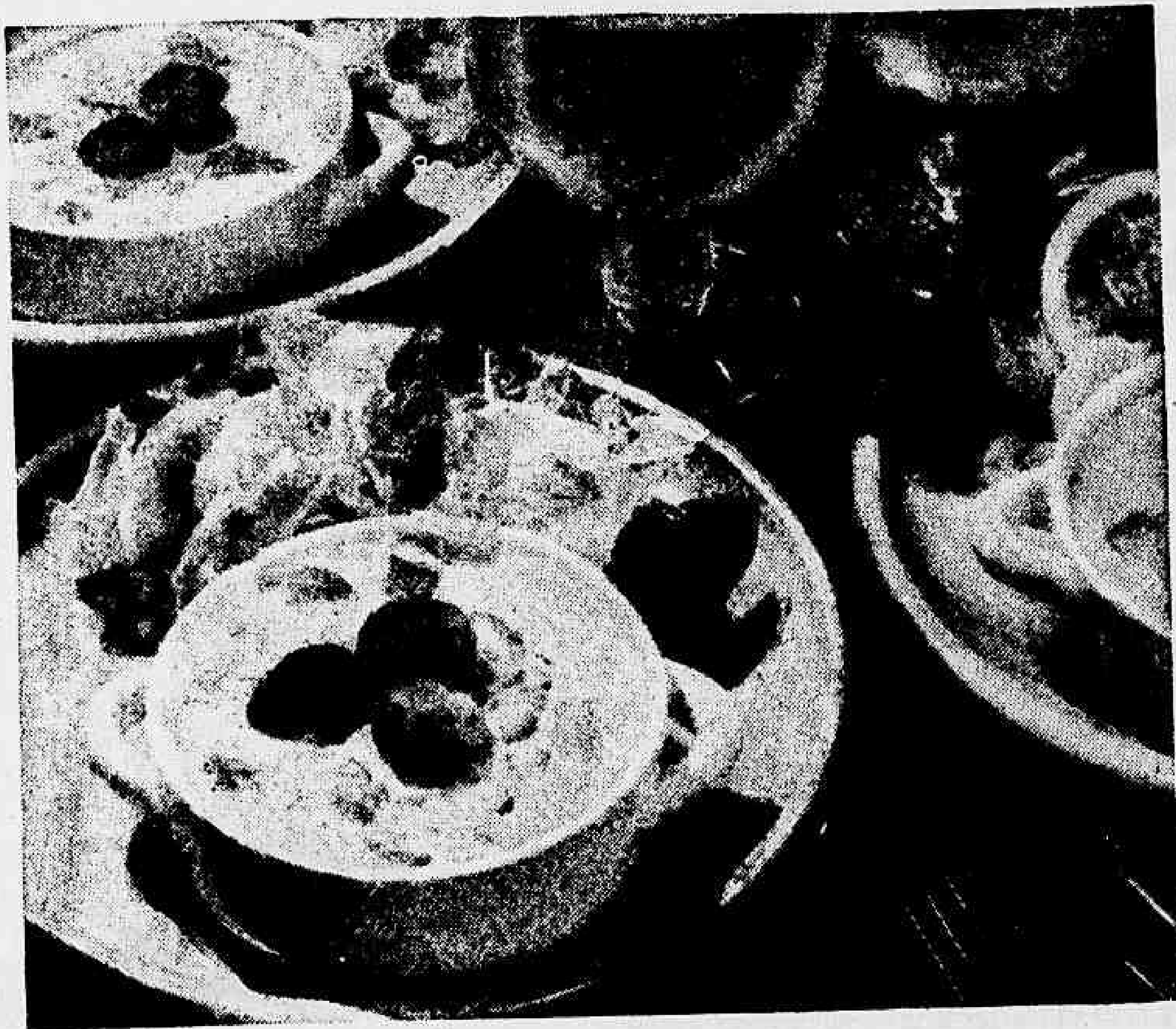
Cozinhe 8 xuxús grandes, descascados, sem os centros, passe pelo espremedor, junte 1/2 xicara de leite, sal, 1 colher de cha de manteiga, 2 colheres de queijo ralado, 2 de farinha de trigo, 3 ou 4 ovos e as claras em neve. Deite em tijelinhas untadas de manteiga e leve a assar no forno. Fica melhor juntando um punhado de passas, sem caroços.

TORTA DE DAMASCO

Ponha numa vasilha 250 gr. de damascos sêcos, cubra com água e deixe de molho. Junte 1/2 quilo de açúcar e leve ao fogo na própria água. Tome ponto forte para que fique como geléa. Faça massa Brisée, abra a massa com o rôlo, corte uma rodela para servir de fundo ao aro que é colocado num tabuleiro. Corte uma banda e forre o aro. Deite os damascos dentro, faça um gradeado com tiras de massa e leve a assar no forno. Também pode forrar um prato e botar o doce dentro. Pode variar o recheio. Unte o tabuleiro e o aro.



NA COZINHA



MASSA BRISÉE DOCE

400 gr. de farinha de trigo, 200 gr. de manteiga, 1 ovo, 1 colher da açúcar, 1/2 colher de chá de sal e água morna quanto baste. Faça uma massa não muito mole, e guarde dentro de um pano úmido. Pode ser feita de véspera.

BOLINHOS DE OVAS

Tome 1 par de ovas secas de tainha, lave bem e bote de molho. Depois frite em banha, tire a pele e soque. Misture com igual quantidade de batatas cozidas e esmigalhadas 1/2 colher de manteiga, 2 de leite, 2 gemas e 2 claras em neve. Frite as colheradas em banha quente. Sirva com arroz.

PUDIM DE ARROZ

Leve a cozinhar 250 gr. de arroz em 5 xicaras de leite, depois passe em peneira fina. Adicione 8 ovos batidos, 250 gr. de açúcar 125 gr. de manteiga 125 gr.- de queijo de Minas ralado, 1 pitada de sal e outra de noz-moscada. Misture e leve a assar no forno, em forma untada. Sirva simples ou com qualquer molho.

CHESTER CAKES

Tome 100 gr. de farinha de trigo, 100 gr. de manteiga, 100 gr. de queijo Chester ralado, sal,, 1 colher de café de molho inglêz e 1 pitada de Cayenna. Faça uma massa, estenda da espessura de 1/2 cm. e corte rodelas de 3 cm. de diametro. Leve a assar no forno e sirva quentes, unidas duas a duas com manteiga.

BOLAS DE OVOS ESPELHADAS

Faça uma calda grossa com 700 gr. de açúcar, e deixe esfriar. Junte 18 gemas, 9 claras batidas em neve e leve ao fogo até despegar do tacho. No dia seguinte faça bolas do tamanho de nozes, passe em farinha e vá deitando em tabuleiro polvilhado. Espelhe e deite em caixinha de papel.

FIGURAS COMICAS

400 gr. de farinha de trigo, peneirada, 112 gr. de açúcar, 3 ovos 1 colher de manteiga, 1 de leite, 1/2 colher de chá de sal, e 2 colheres de chá de Royal. Misture o açúcar com a manteiga, depois os ovos, o Royal com a farinha e leite até a massa ficar boa para trabalhar. Estenda da grossura de 1/2 cm. e recorte com um canivete sôbre moldes de papel, bonecos, palhaços, dansarinas e animais. Devem ter 10 cm. de comprimento e o recorte largo. Prontos, frite as figuras em banha quente, como sonhos. Crescem muito e ficam grotescas Sirva mornas, polvilhadas com açúcar. E' muito gostoso e é sempre um sucesso em chás de crianças. Se ficar mole, junte mais farinha.

TORTA DE FRUTAS

125 gr de manteiga, 2 ovos, 100 gramas de açúcar, 2 colheres de chá de fermento e 300 gr de farinha de trigo. Batem-se os ovos com o açúcar e mistura-se uma parte da farinha junto com o fermento. Divide-se a manteiga com fragmentos e junta-se à massa com o resto da farinha. Junta-se tanto leite quanto fôr necessário para desenrolar bem a massa. Assa-se a massa na espessura de 1/2 cm (mais ou menos) em uma fôrma untada e forrada com farinha de pão, durante 1/2 hora, em forno médio. Cobre-se o fundo da torta com qualquer espécie de fruta, engrossa-se o suco destas com um pouco de maizena e despeja-se em cima das frutas. Pode-se guardar o fundo da torta por alguns dias, mas só deve ser coberto com as frutas no dia em que vai ser usado.

BISCOITINHOS DE VINHO

250 gr de farinha, 1 gema, 150 gramas de manteiga fresca, 150 gr de açúcar, 1 colher de canela e 1 copo de vinho brando bom.

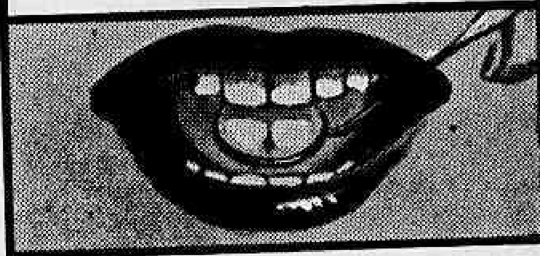
Misturam-se êstes ingredientes, bate-se bem, estende-se com o rôlo e com o auxílio de formilhas cortam-se diversas figuras. Pincelam-se com gema, espalham-se drágeas por cima, põem-se em assadeira untada e polvilhada com farinha de trigo e levam-se ao forno.

PAEZINHOS DOCES

4 ovos, 500 gr de açúcar, 100 gr de cidra, 100 gr de laranja cristalizada, 1 colher de café de bicarbonato, 500 gr de farinha de trigo. Batem-se os ovos e o açúcar durante 20 minutos; junta-se a cidra e a laranja em pedacinhos, a farinha de trigo e o bicarbonato. Amassa-se tudo muito bem e fazem-se pãezinhos redondos. Põem-se em assadeira untada e assam-se em forno não muito quente.

ENCANTADOR
E IRRADIANDO
SAUDE
...é o sorriso da
KOLYNOS-ISTA!

MAS, VEJA ESTE CONTRASTE...
olhe os dentes de outra boca.. cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diario de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. **ELIMINANDO** OS ÁCIDOS DA BOCA
Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. **DESTRUINDO** AS BACTERIAS
A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos cientificos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. **LIMPANDO** PERFEITAMENTE
A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as particulas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova pelicula. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante!
E ECONÔMICO TAMBEM:
Basta 1 cm. na escova seca.



Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

AEROVIAS

ANÁPOLIS ● ARACAJÚ ● ARAGUARÍ ● BELÉM ● BELO HORIZONTE ● BOM JESUS DA LAPA ● CAROLINA ● CORONEL FABRICIANO ● CURITIBA ● FORTALEZA ● GOIÂNIA ● ILHÉUS ● LA GUAIRA (Venezuela) ● LONDRINA ● MACEIÓ ● MIAMI (Estados Unidos) ● NATAL ● PARAMARIBO (Guiânia Holandesa) ● PARNAIBA ● PEDRO AFONSO ● PETROLINA ● PORTO ALEGRE ● PORTO NACIONAL ● PORT OF SPAIN (Trinidad) ● RECIFE ● RIO DE JANEIRO ● SÃO PAULO ● SÃO LUIZ ● SALVADOR ● TEREZINA ● TRUJILLO (Rep. Dominicana) ● UBERABA ● UBERLÂNDIA ● VARGINHA ● VITÓRIA

BRASIL

NOITE TRÁGICA

(Continuação da pág. 22)

Brasil não era então conhecido como é hoje. Haviam-nos falado no carnaval do Rio, como uma espécie de loucura coletiva que atacava tôda a população, tôdas as classes, especialmente as mais baixas, moradores das favelas, aglomerações de sórdidas barracas, feitas de madeiras velhas, latas, panos e até jornais, situadas nos morros que recortam a cidade, e que desciam com suas danças e músicas bárbaras, para as principais avenidas. O calôr estava abrazante e ela achava-se ligeiramente gripada. Tudo foi inútil. Quanto mais eu insistia, mais aumentava-lhe a vontade. Cedi. Nunca soube resistir-lhe a uma ordem.

Fisher suspirou e prosseguiu:

— Às 6 horas saltavamos na Praça Mauá. Centenas de automóveis carregando homens, mulheres e crianças, trajando fantasias de tôdas as épocas, cantando e gritando, acompanhando-se de tôda espécie de instrumentos, desfilavam, numa visão entontecedôra de côres e melodias. Uma multidão imensa, borbulhante, estendia-se a perder de vista por entre as quatro filas coleantes dos carros. Entramos na Avenida Central. O odor do éter entontecia, o confeti sufocava. Em poucos minutos estavam cercados pela multidão que ria e pulava, cantando o samba, a música regional, entremeada de algumas frâses em inglês, que nos eram dirigidas com amabilidade.

A alegria exuberante daquele povo acabou por nos contagiar. Uma roda foi feita e marcando o compasso nos pandeiros, nos arrastaram para dançar. Um rumor bárbaro nos fez parar. Nossos companheiros de dança, com gritos alegres, nos puxaram abrindo caminho. Uma fila extensa de negros, mulatos e alguns brancos, quasi todos envergando a fantasia típica, a camisa listrada do malandro e o camizú de renda da baiana, recobertas, as mulheres, de contas dourad‘s, aproximava-se. Tocavam em exquisitos instrumentos, uma toada semelhante aos batuques africanos. O bloco passou e, levados pela massa humana, o seguímos.

Quando entrámos naquele bar, já faziamos parte da multidão semi-louca que se comprimia lá fora. Em altas vôzes pedimos bebidas, enquanto procuravamos imitá-los em seus cantos e danças.

Foi nêsse momento que vi os olhos de Dot prêsos, fascinados, num ponto. Voltei-me. Era uma figura realmente impressionante De estatura muito acima da mediana, o corpo forte, a cabeça erguida, estava vestido com um rico dominó de cetim preto, mais justo do que os comuns. Completavam-lhe a fantasia, luvas de pelica e uma máscara de cetim. Ao perceber que tinha despertado a nossa atenção, aproximou-se. Com a facilidade dêsses dias e o conhecimento de nossa lingua, dentro em pouco era nosso amigo, e, fazendo parte do nosso grupo, nos convidava para dançar num dos mais elegantes bailes públicos.

No baile, Dot esqueceu-se de minha existência entregando-se completamente às amabilidades do desconhecido. Porém, como êle falasse pouco e não se excedesse, mantendo uma linha irrepreensivel, revoltei-me contra ela. Chamei-a à parte e fiz-lhe vêr que estava perdendo a linha. Olhou-me irritada, e replicou-me com irônia:

— Êste ambiente não é só a mim que está fazendo perder a linha, a você também parece que está fazendo esquecer que na minha vida não passa de um parente, que não deve se tornar importuno.

Deu-me as costas, entrando novamente no salão. Uma grande revolta se apoderou de mim. Tive vontade de segui-la, arrastá-la pelos pulsos, e, pela fôrça bruta obrigá-la a obedecer-me. Contive-me, porém, com grande esfôrço; controlei-me e abandonei o Clube. A aragem fresca da noite acalmou-se um pouco os nervos tensos. Resolvi voltar para bordo. Todo aquêle movimento passara a aborrecer-me.

Sentado no tombadilho, debaixo de um céu recoberto de estrêlas, onde o Cruzeiro do Sul de destacava nitidamente, olhando a cidade com sua iluminação feérica, novamente calmo, esperava o romper da aurora que devia ser um espetáculo esplêndido naquela terra. Não sei quanto tempo estive ali, até ouvir rumor de vozes. Levantei-me. Um dos nossos homens falava com alguém que estava num bote. Num inglês horrível, como uma lição que lhe tivessem feito decorar, um negro dizia querer falar com Mister Fisher. Fi-lo subir. Era musculoso de dentes muito brancos. Por meio de sinais o fiz compreender que era Mister Fisher. Então entregou-me um envelope fechado. Numa fôlha de papel com uma letra que me pareceu desconhecida, estavam escritas essas linhas:

— "John, sucedeu uma coisa horrível. Preciso imeditamente de você. Siga sem hesitar o portador desta. Dot. P. S. — Não diga nada aos outros".

Aquêle P. S. deixou-me louco. Êle mostrava claramente que Dot se encontrava só. Só, naquela cidade enlouquecida!

Segui o negro. No cais tomámos um pequeno coupê-conversivel, que êle mesmo guiou para zona sul da cidade. Depois de atravessarmos diversas ruas e avenidas entramos em Copacabana, o mais elegante bairro residencial. Poucos minutos mais e paravamos diante de suntuoso edifício de apartamentos. O negro abriu a larga porta. Atravessámos o "hall" e tomamos o elevador. Alguns pavimentos acima, êle bateu a uma porta. Como se já nos esperassem esta foi imediatamente aberta e vi-me diante de um jovem de estatura mediana, rôsto comprido e bronzeado, cabelos negros e lisos. Com um aceno convidou-me a entrar. Estávamos num elegante apartamento de solteiro. Logo aos primeiros passos estaquei atonito.

Deitada, muito pálida, num dos divans que ornavam a sala, estava Dot.

— Dot! Dot! — gritei, precipitando-me para ela.

Abriu os olhos e vendo-me atirou-se-me nos braços, soluçando.

De pé, a curiosidade estampada no rôsto, estava o jovem moreno. O negro desaparecera.

— Que aconteceu? — gritei ao rapaz em inglês. Como não obtivesse resposta, repeti-lhe a pergunta em francês. Tive mais sorte.

— Nada, ou quasi nada, posso adiantar-lhe, redarguiu num francês correto.

Tocou uma campanhia e ordenou ao negro que trouxesse um calmante para Dot que estava dominada por terrível crise nervosa.

Depois, aproximando de nós uma poltrona, contou o que se havia passado.

Regressava pela estrada da Gávea, uma estrada que, partindo do bairro, do Leblon e contornando o mar, sôbe as encostas, onde fôra levar uma amiga, quando viu que, pela estrada, corria um vulto de mulher, soltando gritos estridentes. Detivera o carro e saltara. A mulher, que era Dot, correra para êle e, dizendo em inglês uma frase que êle entendera como sendo "leve-me daqui", desmaiara.

Levara-a para o seu apartamento e a fizera voltar a si. Parecia aterrorizada e, quando se oferecera para conduzí-la à residência que indicasse, recusara terminantemente. Dissera apenas que era americana e pedira para mandar alguém a bordo de um hiate, para que viessem buscá-la. Isso era tudo o que sabia.

(Continua na pág. 47)

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr Cr$	Extratos 50 gr Cr$	Loções ¼ Cr$
Jasmim Super ...	10.00	22.00	30.00
Crepe A — Super	12.00	22.00	30.00
Madeiras A — Super	12.00	22.00	30.00
Rosa Natural — Super	13.00	22.00	30.00
Violeta B — Super	13.00	22.00	30.00
O Fleurs — Super	15.00	25.00	35.00
El Amor — Super	15.00	25.00	35.00
Mitsko — Super ..	18.00	25.00	35.00
Arp S — Super ..	20.00	35.00	40.00
Tabac B — Super	21.00	35.00	40.00
Tabul — Super ..	25.00	35.00	40.00
Chan 5 — Super	25.00	35.00	40.00
Nuit N — Super ..	25.00	35.00	40.00
Cuir R — Super	25.00	35.00	40.00
Narcisse N — Super	25.00	35.00	40.00
Pretz — Super ..	35.00	45.00	55.00
Rumores — Super	35.00	45.00	55.00
Escandalo — Super	35.00	45.00	55.00
Tabul GR — Super	35.00		
Flor Macã LF ..	50.00	70.00	70.00
Soupplesse LF ..	50.00	70.00	70.00
Biarritz LF	50.00	70.00	70.00
Monte Carlo LF ..	50.00	70.00	70.00
Arabesque LF ..	60.00	80.00	80.00
Heno del Campo LF	60.00	80.00	80.00
Casino LF	60.00	80.00	80.00
Violette Feuilles LF	85.00	105.00	105.00
La Rose Rougeâtre LF	85.00	105.00	105.00
Despesas Reembôlso	6.00	6.00	6.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100.00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

Vendas pelo REEMBÔLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 Sob. — RIO DE JANEIRO

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33

Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº

CIDADE .... ESTADO .....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35.00

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

A SAÚDE DO BEBÊ

CONSTITUIÇÃO INFANTIL

DR. SABOIA RIBEIRO

O desenvolvimento das formas no indivíduo, e ainda seu próprio caráter, é considerado, hoje, nem mais nem menos do que o resultado do funcionamento das suas glândulas internas.

No estado normal, como no de doença, aquelas formas se classificam em alguns padrões; daí os tipos, representando o estado normal, e as *constituições*, representando o estado de doença em algumas de suas expressões.

Os *tipos morfológicos* interessam sòmente ao indivíduo adulto.

As *constituições*, porém, interessam particularmente à criança, e diz com certas fadhas de seu perfeito funcionamento orgânico.

As constituições infantis aparecem na prática com o nome genérico de *hábitus*, sendo indiscutível em muitas o papel da hereditariedade, encontrando-se o mais das vêzes, entre os ascendentes, o diabetes, a gôta, a obesidade, a asma.

Em certos casos as constituições resultam da intervenção de certas doenças infantis obstando o normal desenvolvimento nesse ou naquele departamento do organismo, porém, criando, do mesmo modo que as glândulas, certas modificações externas que lhe identificam o *habitus*.

E', portanto, interessante conhecer os diferentes aspectos externos denunciadores, na criança, de afecções já glandulares, já de outra natureza.

Há que destacar, em primeiro lugar, o *habitus asténico*, de feitio variado, mas em que, de comum, se nota, já no lactente, um tronco cilíndrico achatado, espaços intercostais deprimidos, crânio grande, mãos e pés largos, tendência ao vômito, sono intranquilo, e outros sinais de neuropatia.

Com o crescimento da criança avulta a desproporção da face e da cabeça, aquela como chupada, esta sempre crescida, o ventre proeminente, tendência à hérnia.

Falta à musculatura dessas crianças, a natural rijeza, ela própria muito delgada, com escasso panículo adiposo.

O que há de particular, nelas, é uma certa debilidade do coração; pele úmida, palidez evidente. Sujeitas às temperaturas febris e à bronquite, é comum suspeitarem dos processos tuberculosos, todavia, essas manifestações antes se filiam a uma instabilidade do sistema nervoso vegetativo que domina os fenômenos mórbidos.

Outro é o *hábito infantil*, que se acusa para a puberdade, carnes moles, salientes nos peitos e nas nádegas, cútis delicada, voz de eunuco, crescimento excessivo, inteligência apoucada.

Certos órgãos como o timo e as amídalas deixam no *hábito infantil* de sofrer a involução natural que se processa com a idade; os órgãos genitais e os caracteres secundários não se desenvolvem em conformidade com a idade.

O *habitus pastoso* encerra um fundo eminentemente complexo, porém, não raro torna-se evidente o desvio glandular a que deve visar principalmente o tratamento em face dos respectivos sinais.

A pele, aqui, é tensa e pálida, parecendo infiltrada, com abundante camada adiposa dispondo-se sob aquela, geralmente.

Mais tarde êsse estado tende a modificar-se, em virtude mesmo de uma tendência menor da criança a infiltrar-se fácil como nos primeiros tempos e mormente nestas.

Domina a cena, então, um como entumescimento do aparelho linfático, com o crescimento, muitas vêzes aparente, dos gânglios cervicais e axilares, dos folículos do naso-faringe e lojos amigdalinos, criando, em consequência a predisposição às tonrilites e adenoidites — as *carnes da garganta* da linguagem popular..

E' o *estado timolinfático*, interessando ainda os gânglios mesentéricos e pré-vertebrais, também de crescimento anormal, enquanto que para o lado do fígado, tiróide e medula óssea constituem-se nódulos de tecidos linfáticos a jeito de pequenos tumores.

Mas a pedra de toque dêsse estado, está, outrossim, na apreciação do estado do timo (glândula situada para trás do externo), o qual se mostra aos Raios X, como que engrossado, devido à hiperplasia da sua porção medular; e a par disso o aspecto da pele, nessas crianças tìpicamente pálida.

Quando, entrada a segunda infância, se revelam sinais de aumento do timo, essa constatação vale quase sempre como um dos melhores índices do estado *timolinfático*; no primeiro ano de vida êsse aumento acarreta muitas vêzes perturbações respiratórias (respiração áspera e estertorosa, acompanhada de leve sibilo), porém só por si não constitui o estado *timolinfático*, que só se compreende com o comprometimento de outros órgãos já descritos, em especial gânglios e amidalas, e a típica côr pálida da constituição timolinfática.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos o que as mesmas se destinam

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

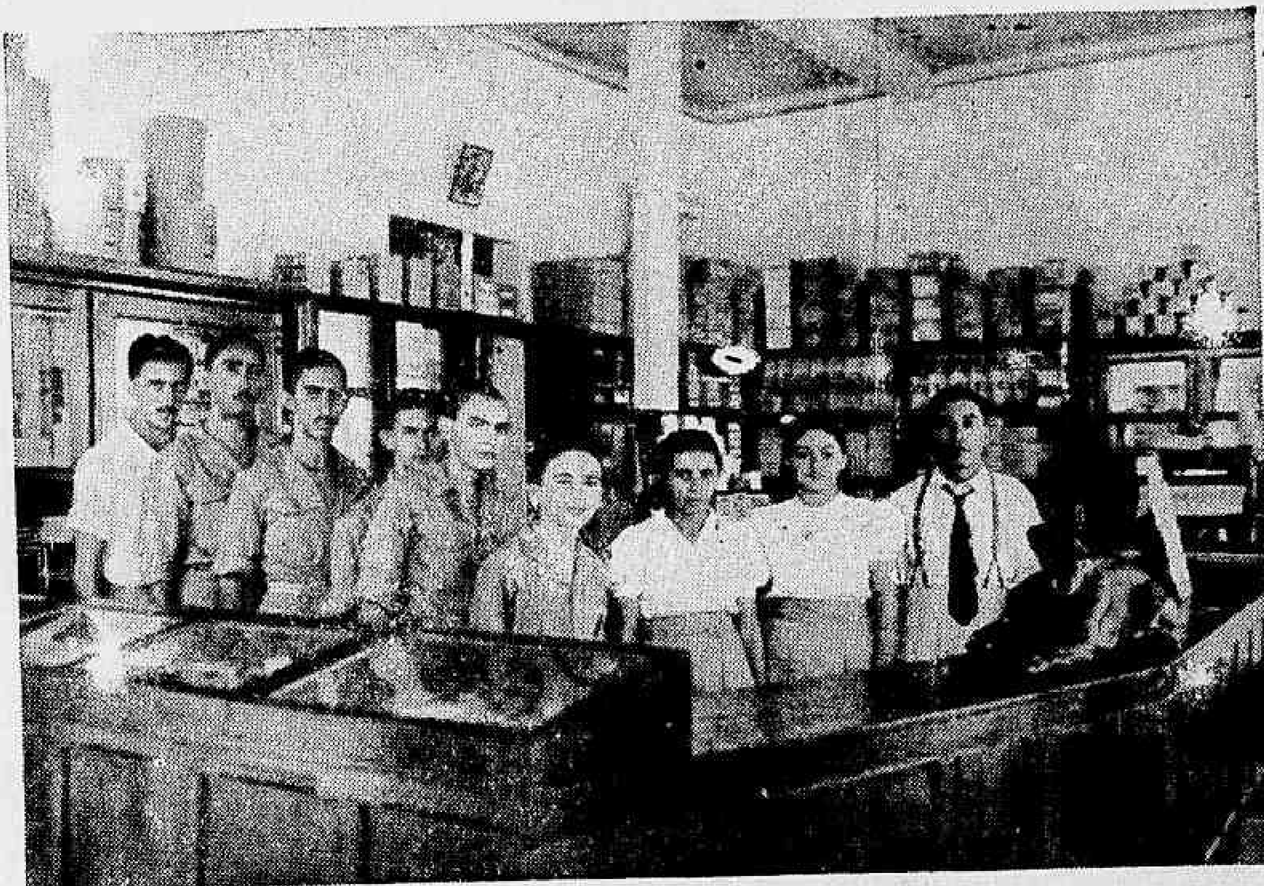
E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

ASSEMBLÉIA, 90

A 10 metros da Avenida



AS ARTES GRÁFICAS NO INTERIOR Operários e auxiliares da «Empresa Gráfica Rio do Peixes», da cidade de Cajazeiras, Estado da Paraíba, casa que mantém livraria, papelaria, tipografia, encadernação, alto relêvo, douração a fogo, propriedade do Sr. Horácio Alves Cavalcanti, editor do jornal «Correio do Sertão», órgão da Diocese local.



LYTOPHAN

Sôbre os cabelos curtos

(Cont. da pág. 33)

vantagem inestimável. Acontece, entretanto, que a moda é uma soberana que acatamos, mesmo contra os nossos interêsses, contra a beleza a que tôdas aspiramos — porque é a moda. E se, como no caso dos cabelos, não a adotamos logo de início, acabamos por segui-la servilmente, pois não há nada tão feio coom uma mulher fora da moda.

Os cabelos curtos pegaram. A maioria absoluta das mulheres está usando cabelos curtos. São inúteis, portanto, quaisquer considerações contra essa moda, porque as mulheres, donas dos seus cabelos, nisto como em tudo, preferirão seguir a moda. — LYSE.

UMA AVENTURA EM...

(Cont. da pág. 32)

Impaciente até em esperar as respostas, o coronel atalhou:

— Bem, bem, já me lembro: Belo Horizonte — disse triunfalmente.

— Não, senhor. Barbacena. O senhor não está lembrado: Corina Macêdo... dez anos atrás?...

O coronel levantou-se, emocionado, de um salto, com o indicador direito no ar:

— Corina Macêdo? Você?

— Sim — respondeu a senhora, em prantos, apertando a criança ao regaço. — Eu mesma.

Esfregando fortemente as mãos, êle procurou evitar que o dominasse uma corrente nervosa que percorria seu corpo dos pés à cabeça; quando se julgou menos desgovernado, caminhou de vagar para o lado da antiga noiva e pousou-lhe a mão no ombro, com afêto:

— Oh! claro. Que estúpido sou; devia ter visto de início. Apesar de tudo, você não mudou tanto. Espere.

Saiu até à porta e recomendou à ordenança que não deixasse pessoa alguma entrar. O soldado olhou-o assustado, sem compreender, e se postou quatro passos diante da porta, como uma sentinela. Quem seria aquela mulher esquisita, em estado tão precário e a quem o comandante dava uma audiência especial?

O coronel voltou, conduziu-a pelo braço para as macias poltronas de seu gabinete, assentando-se ao lado. Descobriu o rosto da criança e indagou:

— O caçula?

— É; tenho uma escadinha boa.

— Que coisa! Por que não me falou antes? Bem vi que a conhecia; você sabe, a gente vive por tôda parte, vê muita gente, baralha as pessoas. Mas eu tinha obrigação de reconhecê-la. Afinal, não esta muito mudada.

— Estou mudada, Luís; sei que estou. E muito. Envelheci fora de tempo, acabei. Você não podia reconhecer-me mais, não: fiquei muito feia. E merêço isso.

— Oh! não, não. Os olhos são os mesmos: negros, vivos e profundos.

— Não, Luís, não diga isso; não me faça sofrer mais o que sofri. O castigo foi muito bem merecido mas, pelo amor de Deus, não me diga isso. Já me humilhei muito; cheguei ao ponto até de vir implorar a sua piedade.

— Que é isso, Corina? Não, não há motivo para tragédias. Vamos! Que deseja de mim? Acabemos logo com isso.

Los olhos de Corina as lágrimas começaram a brotar e escorreram pelas fáces pálidas e rugosas. A voz enrouquecia e ela falava com grandes comoções:

—E' preciso que a humilhação seja completa. Só assim ganharei o céu. Não bastam as torturas que sofri depois que o desprezei. Sofri demais, Luís, mas isso ainda não pagou o meu orgulho; passei as maiores privações do mundo e exerci as mais penosas profissões, afim de não deixar meus filhos morrerem à míngua; fiz tudo na vida, só faltei afundar-me no lodo. Mas nem assim consegui pagar pela grande ingratidão que lhe fiz, renegando, por capricho, ao seu amor. Eu sabia, Luís, que você não era feliz; acompanhava, de longe, todos os seus passos, via seus sucessos na sociedade, seu êxito nos negócios, seu prestígio em tôda parte, a acelerada carreira que obtinha na vida militar, mas eu sabia que, apesar disso, você não era feliz e a culpa de tudo cabia a mim, exclusivamente ao meu orgulho tonto de mocinha que não sabe o que quér. Foi assim que achei que precisava sofrer mais, muito mais, que não podia morrer enquanto não tivesse provado o último gole do meu cálice de fél. E foi por isso que fiz tudo, Luís, tudo, só me faltou rebaixar-me à mais vil degradação da mulher, o que aconteceria se não viesse implorar a você caridade para esta desgraçada que recusou a felicidade que tão generosamente lhe ofereceu, dez anos atrás.

Perturbado até à alma, o coronel procurou cortar-lhe a palavra, tentando deter o curso dessas amargas lamentações. Abismava-lhe supor que Corina fôsse reduzida a tal gráu de miséria; e, enquanto sua ex-noiva desfiava um rosário de amarguras, êle ia fazendo mentalmente uma série infinita de indagações. Até porque as últimas notícias que tivera dela, depois que se casara com o rico fazendeiro de Pitanguí, foi por ocasião da chegada do primogênito, cuja notícia apareceu nos jornais de Belo Horizonte. Após isso, nada mais soube e, já que não conseguia amar outra mulher, passou a cultuar a lembrança do único amor de sua vida.

— Você não se sente bem, Corina, e é só. Culpa tivemos nós; culpa tive eu. Mais culpa tive eu de deixar que me abandonasse; devia ter impedido, devia ter forçado você a me aceitar. Cheguei à conclusão de que era justamente isso que você queria. De sorte que não se julgue tão má, o destino é que decide de nossas vidas; às vêzes penso que não mas, em verdade, muita coisa é obra dele. Se não nos casamos, se não somos felizes, é porque não foi nossa sorte. E até que não sôfro nada; permaneci solteiro porque quis. Coisas da sorte, entende? E você ainda verá a felicidade entrar em sua casa e inundar-lhe o coração. Tudo passa, minha filha.

— Nunca, Luís. Nunca, porque eu o amo e você me ama, sei bem; você quér me consolar, mas nunca havemos de ser felizes. Você, porque não deixei e eu, porque não merêço mais.

— Ora, Corina, deixemos o passado, vamos ao que interessa. Como posso valer-lhe?

— Ainda não expliquei direito; quéro contar tudo, preciso expiar meu grande pecado.

— Não vamos mexer com o que passou.

— Sim, vamos, sim; fiz-lhe um grande mal, não merêço perdão. E nem quéro sua complacência, porque não sou digna dela. Vim implorar caridade, mas desejo que minha humilhação de hoje supere o orgulho de ontem, pois só assim morrerei tranquila.

O coronel acomodou-se melhor na

O Jôgo da criança não é o mesmo do adulto...



- e também o fortificante!

Para as crianças do Brasil



só o

Não é qualquer fortificante que serve para as crianças. Os delicados organismos infantis exigem um tônico completo em sua fórmula, com ingredientes cientificamente dosados: TÔNICO INFANTIL! As crianças de hoje tornam-se mais fortes, mais inteligentes e alegres com o uso do TÔNICO INFANTIL, um preparado moderno



TÔNICO INFANTIL

CORREIO DA REVISTA

José de Oliveira Nunes (Rio) — "Maria Clara" e "O Ponto Luminoso" foram aprovados.

Cesare Lanari (Rio) — Vamos verificar.

C. E. (S. Paulo) — "Um poeta moderno" estava muito curto; por êsse motivo não foi aproveitado.

Cecilia Loureiro (Rio) — Aprovado o seu conto; mas pedimos permissão para mudar-lhe o nome para: "A grande ambição de Zeferino".

C. Eustáchio (S. Paulo) — "Maria Mingonga" está muito bom. Continue.

Belinda (Belo Horizonte) — Foram feitas as correções indicadas.

L. N. de O. (João Pessoa) — "Água e tostão" não foi aprovado. O excesso desnecessário de linguagem roceira e as digressões em mau estilo, além de cenas impróprias para esta Revista, levaram a Comissão Julgadora àquele resultado. Veja o amigo êste pedacinho: "O céu brasileiro azul, tão azul, apresentava-se cheio de estrêlas como um mar de prata de um pirata". Procure aperfeiçoar-se em estilo.

Norma Câmara (Recife) — Passamos sua carta à Gerência para os devidos fins.

S. F. da R. (Belo Horizonte) — Seu trabalho, apesar dos defeitos de linguagem, deixou de ser aprovado pelo acúmulo de frases que o tornam enfadonho. Em literatura, especialmente a de Contos, a leveza e concisão da linguagem constituem a base da aceitabilidade. Evite tudo o que fôr dispensável, periodos que nada significam em face da história, atravancando como seixos numa boa estrada de rodagem. Mas, prossiga. Você tem queda e pode fazer bonito.

Carlindo Cerqueira (Juiz de Fora) — Aprovado o seu conto "As férias de Policarpo".

V. S. (Rio) — Não foi possivel conseguir um cantinho para o seu "Carrasco". Muito fraco.

V. N. (S. Paulo) — Leia bons autores e evite dar aos seus contos a pior das qualidades em estilo: a linguagem monótona, repisada, com têrmos repetidos. O amigo tem imaginação; mas é preciso libertá-la dos defeitos de má elocução.



UM MÉTODO SIMPLES DE ELIMINAR OS PÊLOS



Uma ligeira camada de DEPILATÓRIO SEREIA nas axilas, pernas e braços. Em cinco minutos desaparecem os pêlos. Prefira



Pedidos à Perfumaria Sereia Ltda. República Perú, 326 - Rio

poltrona e queixou-se, como numa confidência:

— Não sabe quanto me dói o coração, Corina; é agora que começa a me martirizar. Não sofri tanto, porque construí um ídolo de sua lembrança, a quem amava e adorava constantemente; se agora êsse ídolo se parte e se apresenta despido de tôdas as belezas que me fascinavam, se êle se apresenta coberto de monturos e cinzas, como é que viverei o resto de minha vida? Ah! Corina, deixe que eu tenha ao menos uma ilusão; não me diga mais nada, não quero saber. Conte-me o que precisa, o que deseja. Nada mais. Seu marido onde está?

— Meu marido, em pouco tempo esbanjou tôda a herança de seu pai. Ficamos na pobreza. Enquanto pude cionar, fomos apenas pobres: depois, fomos caindo, caindo, meu marido não passava de um poço de vícios. Os filhos vieram chegando, não e aguentei mais e chegamos a êste estado de miséria que vê. A vida tornou-se insuportável, ando de tal modo fraca e doente que não posso mais com serviço algum. E tenho seis filhos para criar. Dois até já passam da época de entrar para escola. Mas, entrar de que jeito? Se meu marido arranjasse um emprêgo!

— Em que pode êle trabalhar?

— Em nada, não sabe fazer nada. Um serviço qualquér... quem sabe se um patrão enérgico conseguisse fazê-lo trabalhar?

— Muito bem, um patrão enérgico. Deixe por minha conta.

— Mais não é só; êle bebe muito o dinheiro que lhe cai nas mãos vai direitinho para o jogo.

— Pode deixar que arranjo tudo.

O coronel circunvagou o olhar pelo gabinete e, pondo-se de pé, tomou uma decisão:

— Bem, o que se puder fazer, será feito. Onde estão morando?

— Num barracão da Chacrinha.

— Sim. E teem alguma coisa para comer?

— Para o jantar, não. Ia entregar a roupa que lavei, mas não pude passá-la a ferro, porque não havia carvão.

— Ar anjarei o que fôr possivel. Pode ir. Procure o que necessita nêste armazém — disse, entregando-lhe uma ordem de fornecimento. E acrescentou: Seu marido terá em prêgo e mudará de conduta. Faça-me o obséquio de aceitar o que fizer, mas não me venha mais com essas histórias. Não passará privações, poderá viver contente, pelo menos.

— Não, Luís, não vim pedir tanto você não deve fazer isso não aceito. Não...

— Terá que aceitar — retrucou e voz de comando. E abrandando-se: Eu lhe peço. Porque assim terá oportunidade de proporcionar-me uma alegria. De que me vale fortuna, se não tenho a quem distribuir? E, se vou passá-la a qualquér um, por que não hei de dar-lhe um pouquinho?

E, com estas palavras, encerrou a audiência e despediu, sem mais delongas, a visita. Deu tempo que ela se afastasse e, em seguida, desceu ao pátio interno em direção à garagem.

Pôs o automóvel em movimento e saiu.

★

O soldado Francisco correu ao terraço do quartel, ao ver o carro se afastando. Ainda mais intrigado, sacudiu desaprovadoramente a cabeça e voltou exclamando:

— Coitado do comandante, gosta tanto de passear, a cavalo, pelos campos, e lá vai de automóvel, para onde não sei!

NOITE TRÁGICA

(Continuação da pág. 44)

Agradeci-lhe profundamente e, como Dot se recusasse a falar diante do rapaz, despedimo-nos, regressando com ela para bordo. Um tremor convulso dominava-lhe o corpo. Vendo-a assim e não querendo afligi-la mais, nada lhe perguntei.

Quando chegamos, o hiate continuava em silêncio. Nossos amigos ainda não haviam regressado. Dot, então, com géstos de desespêro, depois de fazer-me jurar que nunca revelaria o que ia ouvir, contou-me o que se passara naquela trágica noite.

Depois que eu saíra do baile ela começara a beber e a insistir com o desconhecido para que fizesse o mesmo. Êle, a princípio recusara, mas acabara cedendo. O calôr estava intolerável e êle convidara-a para saírem. Concordara, satisfeita. A idéia de sair sósinha com um desconhecido, num ... estranho, em vez de a assustar, animara-a. Tomaram um carro guiado por êle mesmo. A noite bela e a bebida tornaram-na mais imprudente do que de costume. Pedira-lhe que a levasse a algum ponto pitoresco e o homem a levara para uma gruta situada entre a estrada e o mar.

Lá, tomara-a entre os braços e começara a cobrir-lhe de beijos o colo e o pescoço. Deixara, e só no momento em que a boca ávida dele colara-se sua produzindo-lhe uma intolerável sensação de repugnância, foi que pressentira, apesar da semi-embriaguêz, que qualquer coisa de terrível existia por baixo daquela mascara de cetim e rendas. Com um gésto instintivo brusco, que ela não pudera suster, arrancara-a. Dois gritos agúdos romperam a quietude da noite. O dele, de desespêro, e o dela de pavôr. Diante de si, enquadrado no tecido negro, Dot viu o mais horripilante rôsto que se possa imaginar. A péle era vermelha e encaroçada, o nariz grosso todo rachado e já meio destruido, as sombrancelhas não existiam, as pálpebras inchadas, eram também desprovidas de pêlos e, a boca que a beijara, uma grande boca ferida. Era, com todos os seus estigmas, a face de um homem atacado pela pior espécie de lépra...

O pavôr dissipara-lhe os últimos vapores do alcoól, fazendo-a compreender o horror da situação. Atrás dela, a amurada; lá em baixo, quebrando-se com fúria entre as pedras, o Atlântico e, em sua frente, o olhar desvairado, o leproso.

O doente estendera-lhe os braços e ela recuara disposta a saltar a amurada. Êle compreendeu. Com voz rouca soluçara: — Perdôa perdôa, foi a bebida.

Deixou-se cair de joelhos e, com um gemido, cobrira o rôsto deformado com as mãos.

Fisher fez uma pausa. Na roda, todos guardavam silêncio, esperando o fim. Êle pigarreou e prosseguiu:

— No dia seguinte levantamos ferro e dêsde então a nossa vida foi um eterno peregrinar, em procura dos melhores leprologos do mundo. Dot, obsecada pela trágica visão, fugiu das festas, dos bailes, de todo convivio social. Passou a viver só com seu segrêdo, admitindo apenas a minha companhia. Todos os comentários, tôdas as hipóteses que a sociedade fazia em tôrno dessa maneira excentrica de viver, deixou-a indiferente. Permaneceu indiferente também às minhas súplicas para que nos casassemos. Viriam os filhos, dizia-lhe, e as preocupações que êles trariam a fariam esquecer. Foi irredutivel.

Passaram-se seis anos. Dot começava a esquecer e já tinha prometido que no Natal marcaria a data do nosso casamento, quando um negócio forçou-me a afastar-me por uns dias. Ao regressar, não a encontrei. Uma carta lacônica explicava-me tudo.

Lendo a chegada a New-York de conhecido leprólogo, aproveitára a minha ausência, partindo de avião para uma última consulta. Depois de de-



e a Sra deve confiar na ÁGUA INGLÊSA GRANADO o tônico das lactantes



PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 POR QUE SE TORNOU O OBELISCO DA AVENIDA RIO BRANCO UMA ALEGORIA POLÍTICA EM 1930:
— Como símbolo da autonomia municipal?
— Por alguma plataforma pronunciada ali?
— Por terem os gaúchos amarrado ali seus cavalos?

2 QUAL A CIDADE IMPORTANTE DE MINAS BANHADA PELO PARAIBUNA:
— Barbacena?
— Belo Horizonte?
— Juiz de Fora?

3 QUE SIGNIFICA PEDILÚVIO:
— Chuva muito forte?
— Banho nos pés?
— Chuva de pedras?

4 POR QUE SE TORNOU CELEBRE A MULHER ISRAELITA CHAMADA DÉBORA:
— Por ter exercido o lugar de Juiz?
— Por ter provocado a morte de um Rei?
— Pela grande beleza física?

5 QUAL O SANTO VENERADO PELOS CAÇADORES:
— Santo Inácio?
— Santo Huberto?
— São Longuinho?

6 QUE DETERMINAVA A «LEI FRUMENTARIA» NA ROMA ANTIGA:
— Distribuição gratuita de trigo ao povo?
— Regulamentação do divórcio?
— Sequestro de estrangeiro?

7 QUAL O POVO DO MUNDO QUE FALA O IDIOMA «OSMANLI»:
— O coreano?
— O turco?
— O Paquistão?

8 COMO DEVEMOS PRONUNCIAR E ESCREVER:
— Terebintina?
— Terbentina?
— Terebentina?

9 QUAL A OBRA QUE TORNOU FAMOSO O ROMANCISTA MINEIRO BERNARDO GUIMARÃES:
— O tronco do Ipê?
— A escrava Isaura?
— A dama das camélias?

10 A DATA DE 24 DE JUNHO COMEMORA:
— O batismo de São João?
— Seu nascimento?
— Sua morte?

11 ANITA GARIBALDI ERA:
— Brasileira?
— Italiana?
— Uruguaia?

12 QUAL O ESCRITOR E POETA PORTUGUÊS QUE ADOTOU O PSEUDÔNIMO DE ELMANO:
— Eça de Queirós?
— Bocage?
— Filinto Elísio?

13 EM QUE PARTE DO MUNDO FICA O VULCÃO HECLA:
— Na Sicília?
— Nos Andes chilenos?
— Na Islândia?

14 DURANTE QUANTO TEMPO O URUGUAI FIGUROU COMO UMA PROVÍNCIA BRASILEIRA:
— Dez anos?
— Um ano?
— Sete anos?

15 ONDE FALECEU, EM NOVEMBRO DE 1946, A FAMOSA ARTISTA PORTUGUESA ADELINA ABRANCHES:
— Em São Paulo?
— Em Lisboa?
— No Rio?

16 QUEM FOI O CRIADOR DOS «COMANDOS» INGLESES:
— Lord Kitchner?
— O Duque de Windsor?
— Lord Roger Keyes?

17 QUAL FOI O MAIOR ARTISTA DE HOLLYWOOD NO GENERO «COWBOY» DO CINEMA MUDO:
— William S. Hart?
— Tom Mix?
— Tim McCoy?

18 QUEM FOI O IDEADOR DO «TANK» DE GUERRA:
— Guilherme II, da Alemanha?
— O General Petain, da França?
— Lillian Tritton, da Inglaterra?

19 A CIDADE BRASILEIRA DE S. LEOPOLDO, QUE FESTEJOU SEU PRIMEIRO CENTENÁRIO DE ELEVAÇÃO À VILA EM 1946, FICA:
— No Rio Grande do Sul?
— Em Santa Catarina?
— No Paraná?

20 QUE OUTRO NOME TEM A MENOR AVE BRASILEIRA, O BEIJA-FLOR:
— Sanhaço?
— Garrincha?
— Colibri?

Respostas na pág. 58

talhados exames, o resultado fora positivo! Que eu a esquecesse, terminava, porque ia ao encontro de seu destino.

Como um louco, procurei-a por tôda New-York. Coloquei ao meu serviço um batalhão de detetives, e, um dia, me trouxeram a notícia: — Estava em Molokay.

Uma onda de terrôr apoderou-se de mim ao vêr o nome da mulher que amara dêsde a infância associado ao da ilha maldita. Mas o amor foi mais forte...

Uma manhã, os horriveis habitantes de Molokay viram saltar em suas terras um homem são e que não ia ali cumprir um dever... Foi assim que eu conheci Molokay.

Ia levantar-se quando a voz ânsiosa de Betty o deteve.

— E ela?

Ele hesitou: — Ela morreu... Suicidou-se logo após me obrigar a partir.

Pareceu aos circunstantes que os olhos habitualmente frios do americano se umideciam; mas não foi possivel ter a certeza; êle se levantou e, dando-lhes às costas, afastou-se apressado.

Quando o corpo massiço de Fisher desapareceu numa curva do jardim, um suspiro de alivio saiu do peito dos presentes e foi com acentuado prazer que voltaram os olhos para a praia colorida, banhada de sol, cheia de vida e de alegria...

14 DE JULHO DATA...

(Cont. da pág. 24)

No ano seguinte, o presidente da Camara dos Deputados, Gambetta, festejou-o nos salões do Palais-Bourbon. O Presidente da República compareceu e tomou-se, então, a decisão de declarar 14 de julho, dia de festa nacional. Foi comemorado, pois, oficialmente, pela primeira vez, em 1899. Realizou-se uma parada militar, no hipódromo de Longchamp, com distribuição de bandeiras aos regimentos de Paris e bailes públicos à noite.

Após êste ano até 1940, a festa nacional foi celebrada em todos os 14 de julho, com mais ou menos brilho, segundo a situação política do momento. A de 1882 foi assinalada em Paris pela inauguração do novo "Hôtel-de-Ville", sede do govêrno municipal, onde se realizaram tantos atos gloriosos da história da França, onde 5 vêzes em um século, a liberdade triunfante viera procurar a consagração de sua vitória. Victor Hugo aí comparecia, saudado pelas aclamações da multidão.

A de 1883 viu a inauguração da estátua da República, na praça do mesmo nome.

Em 1884, a festa foi enlutada por uma epidemia de colera que assolou todo o sul da França, em particular, Marselha e Toulon; o govêrno cancelou a parada militar. Desfilaram, sòzinhos, os batalhões escolares, em frente ao "Hôtel-de-Ville". Violento tumulto ocorreu na rua de Rivoli, onde bandeiras alemãs haviam sido colocadas em várias janelas do "Hotel Continental".

Os 14 de julho seguintes foram abalados pela popularidade, crescente e perigosa, do general Boulanger. Montando, elegantemente, o candidato a ditador passa as tropas em revistas. Um cantor cômico lança a famosa canção: "Voltando da revista" e a multidão entusiasta após haver terminado a estância pela exclamação: "Viva o general Boulanger!", continua em côro:

Gais et contents
Nous étions triomphants
de nous voir à Longchamp
Le coeur à l'aise
Sans hésiter
Nous voulons tous fêter,
Voir et complimenter
l'armées française.

Os verdadeiros republicanos vingaram-se em 1889, quando a festa nacional, aproveitando-se do centenário da tomada da Bastilha, revestiu-se de um fausto excepcional. Em 1890, foi ela enlutada por um atentado fracassado contra o Presidente Carnot. Em 1894, o govêrno a cancelou em sinal de luto: O Presidente Carnot, acabava, então, de ser assassinado, em Lyon, por um italiano. Em 1896, foi o presidente Felix Faure vítima de dois tiros de revólver, ao voltar da revista às tropas. Mas êsses incidentes tragicos são raros; quase todos os 14 de julho se festejaram na alegria e o recolhimento. O mais famoso de todos, o que se celebrou em 1919, duas semanas após a assinatura do tratado de Versailles, trouxe consideravel multidão a Paris. Durante seis horas, as tropas aliadas desfilaram da Porta Maillot à Praça da República, precedidas por Joffre e Foch, passando sob o Arco do Triunfo. [illegible], o presidente Poincaré dirigiu a seguinte [illegible] a Clemenceau:

"Durante quarenta e sete anos, guardou a França a cruel lembrança do dia [illegible] em que as tropas alemãs desceram os "Champs-Elysées" e fizeram sentir a Paris a humilhação da derrota. Durante quarenta e sete anos, na praça da Concórdia, a estátua de Strasbourg conservou-se coberta de crepe.

Na limpidez de uma manhã que nascia, acabam de ser, para sempre, apagados os últimos vestígios dêsse passado doloroso. Cairam as correntes do Arco do Triunfo para dar passagem a nossos exércitos vitoriosos. Paris se pôs em festa para receber nossos soldados. A Alsácia e a Lorena vieram para os aclamar entusiàsticamente".

Mas... as tropas do Reich deviam novamente descer os "Champs-Elysées" precedidas por fanfarras insultuosas, e martelar a terra de Paris com seu ignóbil e grotesco passo de ganso.

Tudo isso, porém, já terminou: o 14 de julho vai resplandecer, uma vez mais, com o brilho da liberdade reconquistada!

Possa êle ainda, e durante gerações, animar o povo donde partiu, numa manhã quente de 1789, o ideal democrático, a vir saudar as três côres, a bandeira da liberdade!

O MILAGRE DO AMOR

(Cont. do número anterior)

— Do meu senso comum. Descobri que não poderei de um golpe destruir vinte e três anos de culto ao orgulho e ao desprêzo.

— Vejo que a razão estêve sempre comigo. A Fatalidade resolveu anular o jôgo de sua rival.

— Fatalidade, Felicidade, baleias. Julga-me tão estúpido que pudesse vir a dar crédito a essa imbecilidade de jôgo de xadrez? Passou o meu sentimentalismo idiota. Quis experimentar êsse outro lado que eu ignorava e não lhe descobri atrativos. E' bem melhor continuar como antes. Decididamente não nasci com inclinação pelo [illegible]. Pertenço ao meu século, onde há explicação científica para tudo. Que eu seja esquisofrênico como disse, não deixa de ser um fator de ordem biológica. O que não posso permitir é que fiquemos por mais tempo a falar em parábolas ou fazer citações de filosofia barata, de porta de botequim. Não acha que tenho razão?

— Sua transformação abalou todo o meu senso de compreensão. Onde está a linda rainha de há pouco? Para onde foi essa figurinha deliciosa do meu xadrez? Não quero esta substituta que só sabe dizer coisas cruéis. Quero a minha rainha. Vamos. Onde está ela?

Daise caiu no mutismo que acompanha a reflexão. Todo o seu orgulho se dissipou diante dessa interrogação magoada. Fêz um tremendo esfôrço para que seus olhos se não marejassem de lágrimas. Quis falar, repetir suas palavras de desprêzo mas um nó doloroso lhe embargava a voz. Voltou o vácuo à sua alma, o abismo aos seus pés. De novo a sensação de amargura e tristeza e o trágico gosto de morte. Positivamente, ela já não era a Daise de meia hora antes. Já não era possivel ressuscitar a morta. Sim, Daise, a Daise egoísta, cruel e despótica estava morta, morta por uma seta envenenada de amor. Em seu lugar, nascia uma nova Daise, agora purificada. Sua razão [illegible] em recusar esta verdade, em lutar contra essa maravilhosa impressão, fêz derradeiro [illegible] que a dominava. Não havia lógica em seus sentimentos. Nada justificava que um homem de quem ela via apenas os olhos e ouvia a voz pudesse significar alguma coisa para ela.

— Silenciosa [illegible] ... a voz [illegible] de reves [illegible]

— Pensativa.

— Quais os pensamentos que dominam esta linda cabeça?

— O mistério do desconhecido.

— A irresistível atração do desconhecido...?

— Também.

— Em momentos como êstes não se pensa... Vive-se.

— Cheguei a conclusão de que tôda a minha vida reunida não vale êste momento. Creio que só agora comecei a viver... verdadeiramente.

— Hossana! Reencontrei a minha rainha.

— E' verdade. Aqui está novamente a sua rainha... nascida neste momento.

— Pedirei muito se desejar continuar dentro da vida que se inicia?

— Você é parte integrante. Sem você não haveria renascimento.

— E' meu dever então, zelar por esta vida que fiz nascer...

— Fa-lo-á?

— Não peço aos céus outra coisa. Vamos então à sacada.

Ainda enlaçados abandonaram o salão. O rapaz não cabia em si de contente. Não se julgara capaz de sentir tanta felicidade com tão pouco. E' bem verdade que a felicidade é quase nada. Quanto a Daise, já não pensava. Deixava-se arrastar pelo turbilhão de sentimentos que a avassalava e sentia um estranho prazer com êsse fato. Aproveitando a penumbra do local, o rapaz estreitou aquêle corpo maravilhoso e erguendo a renda da parte inferior da máscara colou seus lábios ávidos na bôca entreaberta da Daise. Foi o primeiro beijo sentimental de uma vida. Involuntàriamente, Daise recordou os outros beijos e um estremecimento percorreu-lhe o corpo. Durante os outros beijos, Daise pensava apenas nos milhares de cruzeiros que estavam a caminho de suas mãos, ao passo que agora, ela daria tôda a fortuna acumulada nestes longos anos de lutas e sobressaltos, por um breve momento como aquêle em que se sentia nos fortes braços daquele desconhecido que sabia arrebatá-la, anulando tôda sua vontade, seu orgulho, sua própria pessoa. Na opinião do rapaz, a Felicidade marcara novo xeque-mate.

Daise não imaginara pudesse haver tanto sabor num beijo. Minuto maravilhoso, aquêle em que nos braços de um desconhecido tudo esquecia, para viver ùnicamente o seu supremo momento na vida de uma sedutora criminosa. Que a morte viesse buscá-la e encontraria apenas um olhar de desafio. Sim, a ladra habilíssima, o cérebro organizador de crimes insolúveis estava neutralizado e em seu lugar imperava o indefinível sentimentalismo, o anseio de ternura, em um coração que antes fôra empedernido. Era o verdadeiro milagre de amor. Um amor cego, ilógico, sem qualquer coisa que o justificasse como soe acontecer com o verdadeiro amor, êsse que nasce na alma, no coração.

Mas aproximava-se a meia-noite, hora em que todos tirariam as máscaras. Daise vacilava em tirar o pedaço de renda e sêda que lhe cobria o rosto.

— Devo sair do baile antes da meia-noite.

— Por quê?

— Não quero ser vista sem a máscara.

— Discordo completamente. Estou ansioso para vê-la livre dessa...

— Não fique assim. Pode sofrer uma decepção que desejo evitar.

— Arrisco-me. Você já faz parte da minha vida, não esqueça.

— Jamais poderei fazê-lo. Volto a afirmar que sou uma fugitiva do inferno e terei que voltar para êle.

— Não o permitirei jamais. O passado morreu e temos agora a nossa frente um maravilhoso futuro à nossa espera.

— E' muito tarde. Avancei demais pela estrada do mal e já não poderei retroceder. Procure quem o acompanhe em sua estrada.

— Já encontrei: você. Nunca é tarde quando vem o arrependimento.

— O arrependimento também vem tarde. O meu chegou atrasadíssimo.

— Porque você não conhecia o amor.

— Cem anos de vida não bastariam para uma completa redenção. Depois desta noite não mais nos tornaremos a ver.

— Você não acredita no milagre do Amor?

— Não acreditava em amor, mas acredito agora. Quanto ao milagre...

— Também acreditará.

— Você está sendo demasiado otimista.

— O otimismo do amor...

— Quanto maior, maior será a decepção.

— Você jamais me decepcionaria.

— Não o diga com tanta segurança. Você não conhece a minha vida, não sabe quem sou... ignora, enfim, tudo a meu respeito.

— E se você estiver enganada?

— Não o creio. Todos ignoram o que *eu sou*.

Neste momento as luzes se apagaram e a explosão de fogos ensurdeceu os dançarinos. Quinze segundos depois, quando as luzes voltaram a brilhar, todos estavam sem mascáras. O rapaz segurava entre os braços, o lindo corpo que tentara fugir. Num gesto rápido, retirou a máscara de sêda e renda e contemplou o rosto assustado de Daise. Sua voz encerrava um mundo de ternura quando murmurou:

— Daise Breston...

— Conhecia-me, já?

— Quem não conhece a formosa Daise?

— Mas eu não o conheço. Quem é você?

— Para que dizer? Sou um João Ninguém, sem nome e sem fortuna.

— Maravilhoso! — disse Daise com entusiasmo.

— Maravilhoso ser eu um João Ninguém? — perguntou surprêso.

— Não é o bastante? Estou saturada de milionário. Se soubesse como os detesto...

— Você detesta os milionários? Mas isso é absurdo.

— Não só os detesto como os desprezo. São uns pedantes, uns insolentes. Pensam que tudo podem comprar: coisas e pessoas.

— Eu gostaria de conhecer a origem dessa aversão.

— Se sairmos daqui agora, é possível que lhe faça uma confidência da qual talvez me venha a arrepender mais tarde.

— E' preferível que saiamos. Convém aproveitar sua disposição. E' tão raro sentirmos desejos de confissão que quando isto acontece devemos aproveitar.

— Para onde iremos?

— Para sua casa, o solar dos Grayson.

— Vamos então. Lá sentir-nos-emos à vontade.

Daise apanhou seu abrigo e deixou o salão acompanhada pelo rapaz. Na rua, apanharam o carro da jovem, que estacionava próximo e seguiram para o solar. Durante a viagem não trocaram palavras, mas suas mãos entrelaçadas, apertando-se mùtuamente bem diziam dos seus sentimentos. Quando entravam pelo portão, o rapaz circunvagou o olhar examinando as velhas árvores do jardim e um profundo suspiro lhe escapou do peito. Ergueu o braço e enlaçou a jovem pelos ombros. Num sussurro, disse-lhe ao ouvido:

— Querida... será ainda aqui a nossa casa?

Daise estremeceu. Recordou-se do jovem Sidney que ela não conhecia mas por quem sentia certa antipatia. Preferia deixar o solar e ir morar em uma casa modesta, onde nada lhe recordasse êsse passado tão recente que ela tanto queria esquecer. Desceram à porta, isto é, ao pé da escada e o rapaz tomou-a nos braços subindo os degraus, carregando-a. Daise abriu a porta e ambos entraram. O rapaz foi direto para a sala de música onde deitou a jovem em um divã lá existente.

— Quer que chame algum criado?

— Não é preciso. O que eu mais detesto nesta casa são as campainhas. Veja como funcionam.

O rapaz deu uma gargalhada. — Eu sei como funcionam. Um absurdo que não as tivessem substituído por campainhas elétricas.

— Não é mesmo? Concorda comigo neste ponto, não é?

— Concordo sim. Para prová-lo, vou mandar pôr "cigarras" modernas.

— Nem pense nisso. O proprietário dêste casarão mal assombrado é puritano como a filha de Maria de igreja provinciana. Não compreende as vantagens do progresso e vive ainda no século em que foi construído o solar.

— Que desagradável deve ter sido sua vida neste museu. Eu posso calcular.

— O mais interessante é que já me habituei a esta situação. Não mais a acho intolerável como a princípio. Tudo depende de tempo.

— Realmente. Confesso que também habituei-me a muitas coisas que sempre procurei ignorar. Mas não estamos aqui para falar dos nossos hábitos. Recorda-se que pretendia fazer certas confissões de importância transcendental?

— Sim. Creio até que começo a perder a disposição.

— Façamos então o seguinte: Liguemos o rádio e dancemos ao som de sua música. Imaginemos que estamos ainda no baile, e suas disposições voltarão.

— A idéia não é má.

Efetivamente, o rádio foi ligado e a deliciosa música de um bolero encheu o aposento. O rapaz enlaçou a jovem com terno cuidado e começaram a dançar.

— E então... — murmurou êle com voz acariciante. — Por que você teria que voltar para o inferno? Isto não é o paraíso?

— Sim... — respondeu com voz suave. — Isto é o céu porque você está aqui. Você é o anjo bom da minha vida.

— Felicidade ser eu o seu anjo bom. Poderia ter sido outro...

— Nunca. Jamais haveria outro. Agora creio no destino das pessoas. Tudo está escrito lá no céu. Cada um de nós tem o seu livro próprio, como um personagem de escritor. Deus é o escritor dos nossos livros. Escreve-os quando nascemos e se compraz em observar a realização dos seus desígnios.

— Escritor caprichoso e inigualável. Os escritores da terra não seriam capazes de o imitar, mesmo que para isso evocassem todo o seu poder imaginativo. Que tem feito o Destino com esta formosa personagem de romance divino?

— Tem-na feito profundamente infeliz. Implantou em seu espírito o sumo egoísmo dos déspotas. Deu-lhe a frieza glacial dos "icebergs"; a dureza da pedra em seu coração impediu-a de gozar as delícias das emoções sadias. Como vê, não lhe deixou vestígios de bondade, de humildade. Até

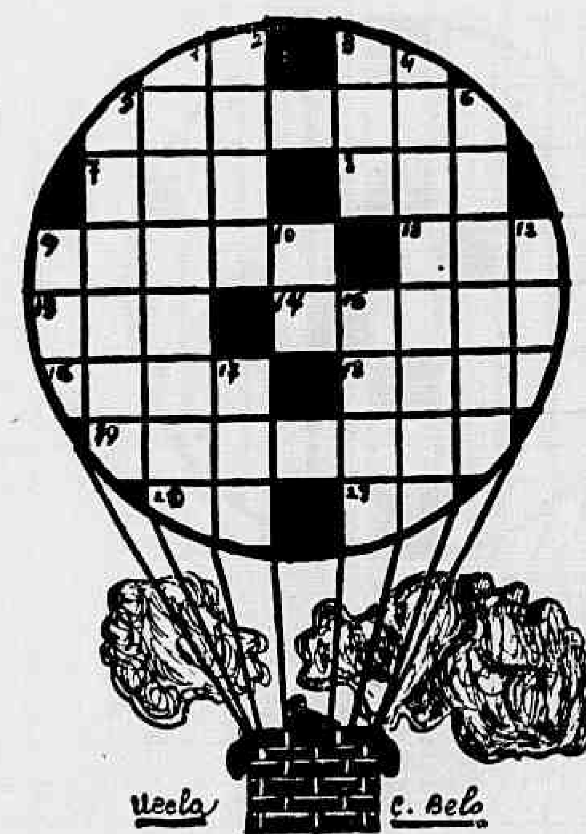
PALAVRAS CRUZADAS

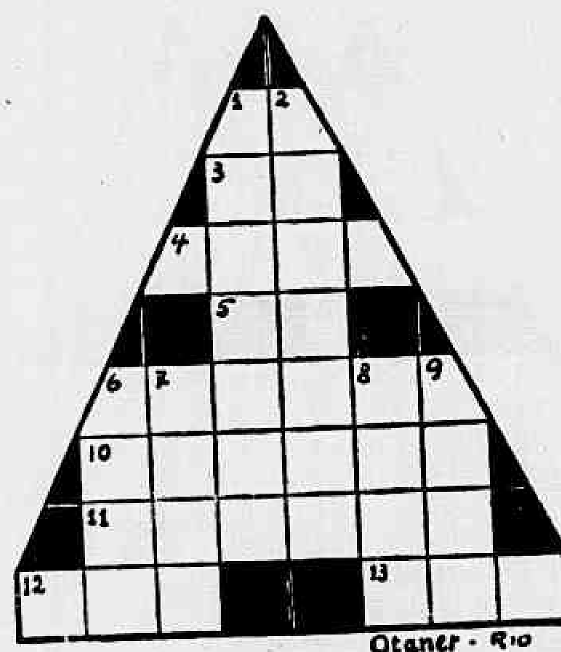
PARA VETERANOS

PROBLEMA Nº 10

HORIZONTAIS: 1. Tumor — 3. Artigo plural — 5. Da côr do céu (pl.) — 7. Nome de mulher — 8. Metade dum batalhão — 9. Fragrância — 11. De pouco valor (pl.) — 13. Preposição — 14. Assanhado — 16. Une — 18. Cidade da Holanda — 19. Desinteligências — 20. Rio da França — 21. Vento.

VERTICAIS: 1. Religioso Franciscano — 2. Lavram — 3. Interjeição — 4. Protetor — 5. Dança de roda — 6. Ato de sair (pl.) — 9. Rio que separa o Brasil do Paraguai — 10. Grito de dor — 12 Voz — 15. Traço direito — 17. Lavra.





PARA NOVATOS

PROBLEMA Nº 10

HORIZONTAIS: 1. Aqui — 3. O que respiramos — 4. Raiva — 5. Existes — 6. Vértices — 10. Habitação — 11. Nossa Pátria — 12. Irmão do meu pai — 13. A família.

VERTICAIS: 1. Assento com encôsto — 2. Desconfiadas — 6. Prefixo que traz a idéia de movimento circular — 7. Colocará — 8. Vereador — 9. A parte principal da casa.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NUMERO ANTERIOR

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS Corado — Avatar — Lábaro — Odinas — Olas.

VERTICAIS: Calo — Ovado — Rábil — Atana — Darás — Orós.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS La — Cá — Pez — Mio — Mel — Lua — Rua — Ras.

VERTICAIS: Amor — Cola — Pé — Elas — Mar.

Correspondência e colaboração para **REVISTA DA SEMANA** — Seção de PALAVRAS CRUZADAS.



COMO APRENDER A DANÇAR

AGORA EM 3.ª EDIÇAO

Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing Samba, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em uas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira.

Método de ritmos modernos pelo Professor Gino Fornaciari. Diretor e professor de "Aulas Práticas de Dancas Ritz" Aulas particulares e a domicílio RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 11.00 — Pedidos pelo Reembolso Postal. com o autor — CAIXA POSTAL. 649 — S. PAULO

BARÔMETRO HUMORÍSTICO

UM ADÔRNO CURIOSO, QUE ASSINALA AS MUDANÇAS DO TEMPO E PROPORCIONA GOSTOSOS MOMENTOS DE BOM HUMOR

ESCREVA-NOS PEDINDO UM E PAGUE AO CORREIO SOMENTE QUANDO RECEBER O VOLUME

*

Preço: Cr$ 25.00
sem mais despesas

*

PARA REVENDEDORES TEMOS PREÇO ESPECIAL PARA PEDIDOS DE DÚZIA



Fábrica "EGLY"

Caixa Postal, 1049
SANTOS (Est. São Paulo)

SACERDOTISA DO RITO VODÚ

(Continuação da pág. 31)

atenta aos passos, ao movimento dos braços, às contorções dos corpos, aos toques de tambor, ao acompanhamento da bateria e do resto da orquestra, ao canto, e tudo o mais que forma o seu conjunto. Tão diferente do «gênio» Jean Luis Barrault, que se recusou a satisfazer uma primeira tentativa da REVISTA DA SEMANA, inclusive avisando, por intermédio de seus colegas, que estava acostumado a chutar as máquinas fotográficas dos repórteres. Coisa aliás, que acabou fazendo em São Paulo, pelo que está sendo processado. Temperamental ou malcriado? Nada disso aconteceu com Katherine Dunham e os demais artistas. Repetimos, artistas, porque na companhia há também gente que não é artista e que parasita as custas dos mesmos, gente branca, mas de dúbia nacionalidade, que permitiu a entrada, na mesma tarde marcada para a nossa reportagem, de um fotógrafo comercial, o que prejudicou bastante nosso trabalho. Gente essa que chegou ao ponto de nos «ordenar» de interromper as fotografias. Tirando a limpo a «ordem», verificamos que a culpa não cabia nem à emprêsa concessionária do teatro nem à artista, de quem havíamos recebido as respectivas permissões. Nada mais do que «onda» de duas beatas secretárias.

Apesar disso, porém, levamos a bom têrmo a reportagem, constatando que onde existe arte, não há lugar para sentimentos interesseiros.

---

há uma hora só conhecia o orgulho, o egoísmo, o indiferentismo por tudo quanto é belo e bom, nobre e generoso. E só agora posso aquilitar o valor dêstes sentimentos. Eu própria não me julguei capaz de sentir tanto prazer, tanta felicidade... com tão pouco...

— Realmente. A felicidade custa tão pouco, e às vêzes estão tão próxima de nós e nem sequer a sentimos. Um gesto e a teríamos entre as mãos. Mas o nosso egoísmo não nos permite fazer êsse gesto. Só muito tarde é que descobrimos o quanto fomos néscios, deixando fugir aquilo que mais desejávamos.

— Sinto que chegou agora o momento culminante de minha vida. Você é a felicidade que não devo deixar fugir... Mas... Quem é você... qual é o seu nome? De onde veio? — erguendo a cabeça Daise fitou-o nos olhos e prosseguiu: — Você é um belo rapaz. Não deve ter trinta anos ainda. Tez amorenada, olhos castanhos-escuros... quase negros, hein? Cabelos pretos... um metro e... setenta e oito, acertei?

— Quase. Tenho vinte e oito anos, feitos, e meço um metro e oitenta.

— Errei por pouco — Daise suspirou e continuou: — "Exige que eu faça uma confissão completa?

— Não. Se o desejar, gostaria apenas saber o motivo de sua aversão por tudo quanto vale a pena se viver.

— E' verdade. Ouça então. — Daise recostou a cabeça no ombro do rapaz, fechou os olhos e falou com voz profunda, onde se percebia amargura e tristeza: — Começou quando eu tinha dois anos. Minha mãe vivia numa casa modesta, porém, confortável. Meu pai, um homem muito rico que nos visitava uma vez por semana, tratava-me com absoluta frieza, segundo minha mãe contou me mais tarde. Isto entristecia a criatura que me dera o ser e para quem eu era tudo na vida. As visitas de meu pai se foram espaçando e por fim tivemos que mudar para uma casa menor. Lembro-me vagamente de que minha mãe estava sempre chorando com o rosto escondido entre os meus cabelos. Minha idade não me permitia compreender todo o drama daquela santa mulher. Meu pai ia casar com uma jovem rica que, sabendo da existência de minha mãe exigira que êle a abandonasse. De nada valeram as súplicas de mamãe, que pergutava com insistência o que seria feito de mim. Meu pai respondera que isto era com ela. Eu não era sua única filha e nem por isso êle teria que dar pensão a tôdas as mulheres que possuira. Mamãe lembrara-lhe que com ela fôra diferente. Êle a seduzira de casa de seus pais que, embora fôssem pobres, eram honestos também. Papai nada quis ouvir e casou-se, deixando-nos em situação difícil.

— Pobrezinhas.

— Aos dez anos, conheci um outro ricaço que frequentava nossa casa. Tal como meu pai, êsse também desapareceu. Foi quando mamãe começou a incutir em meu espírito a aversão pelos ricos. Eram homens sem coração, sem escrúpulos que só faziam o mal e quando nos faziam o bem era com segundas intenções que teriam o mal como resultado. Aos quinze anos conheci a minha primeira vítima. Mamãe providenciou o meu encontro com êle. E' inútil dizer que já nessa época eu era admirada pela minha beleza. Mamãe disse muitas vêzes que essa era a arma que Deus nos dera pàra a vingança. Êle era um milionário, dono de valiosas jóias. Mamãe observava-o sair de seu escritório e seguia-lhe os passos. Descobriu tôda sua vida particular interrogando as empregadas. Primeiro o encontrei na rua. Deitei-lhe os olhares que mamãe me ensinara e êle seguiu-me como um carneirinho. Parei e êle falou-me. Por fim marcamos encontro em seu apartamento para uma ocasião em que lá não estivesse qualquer empregada. E foi assim que me vi naquele ambiente de luxo jamais por mim imaginado. Êle nos serviu bebidas. Pedi-lhe um pouco de água e ao vê-lo deixar a sala deitei em seu cálice o conteúdo que levara num frasco escondido no seio. Quando êle voltou com a água de nada desconfiou. Dez minutos depois, dormia profundamente, enquanto eu remexia tôdas as gavetas e retirava tudo quanto representasse valor. Nessa rapinagem consegui elevada soma. Mamãe já estava com as passagens compradas para outro país. Creio que antes mesmo do homem despertar nós já estávamos bem distantes. Os jornais nada publicaram a respeito e isto nos deixou aliviadas. Repetir a façanha passou a ser coisa rotineira. Passamos a viver confortàvelmente e ninguém desconfiava de nossas atividades.

— Que piratas...

— Depois de têrmos passado fome, quase vivendo de esmolas o que contribuiu pàra que minha mãe apanhasse tuberculose, dado o excesso de trabalhos, tais como lavagem de chão, de roupa, durante as noites, para em seguida dormir sôbre um monte de palhas úmidas, ao meu lado. Exultei quando pude contribuir com êsses roubos para o tratamento de minha mãe. Acumulei fortuna e passei a viajar com ela, procurando todos os médicos especialistas para tratá-la. Tudo foi em vão. Ela morreu, mas restou-me o consôlo de vê-la morrer numa cama decente e ter um entêrro de luxo. Mas o meu ódio pelos milionários perdurou. Meu pai era um milionário de quem eu só guardava o nome. Era preciso que eu o encontrasse para vingar minha mãe. E passei a procurá-lo.

— Achou-o?

— Achei. De que maneira o achei! Nada restava do milionário. O destino antecipara-se à minha vingança. A mulher com quem êle casara era uma jogadora e no pano verde perdera tudo, inclusive a dignidade. Mas a minha sêde de vingança não estava saciada. Eu queria mais vítimas e as buscava com desespêro.

— Aqui você achou várias.

— Como sabe?

— O milionário Tracy, o Smith, o Bennett, etc.

— Sim. Foram vítimas fáceis.

— Como você conseguiu realizar tão difícil tarefa?

— Foi fácil, repito.

— Regis era seu cúmplice?

— Exatamente. Infelizmente, êle está morto.

— Só não compreendi ainda foi a morte de Regis.

— Êle foi vítima da própria estupidez.

— Conte-me como foi.

— Como não aceitei seus projetos de casamento, êle ameaçou denunciar-me.

— Você o matou por isso?

— Não exatamente. Êle me quis matar. Antes de abandonar o solar, Regis colocou uma bomba-relógio em meu quarto. Só por acaso a encontrei. Tudo quanto fiz foi desligar a bomba e atirá-la no carro dêle, para pregar-lhe um susto. Talvez na queda ela tivesse batido em algo que a ligasse novamente ou algum solavanco do carro a tivesse feito explodir.

— As suas jóias e dinheiro encontrados com êle foi-lhe dado por você?

— Precisamente. Era sua parte.

Uma estranha sensação invadiu Daise depois desta confissão. Agora sentia um grande alívio, um louco desejo de viver como tôdas as mulheres. Mesmo que o rapaz a denunciasse e que disso resultasse sua prisão e condenação não importava. Sua liberdade dependia do rapaz.

— Que vai fazer agora? Tem a liberdade de me denunciar.

— O que pretende fazer com o dinheiro roubado?

— O que você quiser. Estou à sua inteira disposição.

— Quer que eu a denuncie?

— Se o desejar...

— Não. As pessoas que você roubou também foram ladrões. Êsses milionários nunca tiveram fontes muito dignas onde extrair seus lucros. Resta encontrar em que você possa empregar o dinheiro.

— Agora acredito em milagre. O milagre do amor.

— Sim. O milagre do amor... é bem o têrmo. Mas continuamos sem saber onde empregar o dinheiro.

Daise pensou um pouco e parando de dançar, ou melhor, movimentar os pés, desde que há muito a música se tinha extinguido e Zles continuavam a balançar o corpo em uníssono, embora sem ritmo de dança, falou exultante: — Achei! Construiremos uma casa para crianças pobres. Tôda a fortuna será empregada nessa obra. Faremos uma viagem durante a qual trocaremos os títulos negociáveis... a não ser que você queira deixar Heyknéa e passar a residir no estrangeiro...

— Isto não. Não poderei deixar Hayknéa. Tenho raizes profundas nesta cidade. Poderemos fazer uma viagem de lua de mel, durante a qual inverteremos títulos e jóias em dinheiro para as nossas crianças pobres.

— Quer dizer que poderemos começar a tratar de tudo?

— Sim. Agora você permite que eu puxe o cordão da campainha?

— Os criados não estão em casa...

— Está o meu. — o rapaz puxou o cordão e trinta segundos depois entrava o sóbrio George. — Apresento-lhe George, meu mordomo. Esta é Daise Breston... minha noiva.

— Como... — disse Daise embaraçada. — Não estou entendendo nada. Que faz êste homem em minha casa?

— Eu explico, querida. George é o meu velho mordomo. Sou Sidney Grayson. Eu sabia que você... isto é: eu desconfiava que você era a "depenadora" dos milionários. Sabia que a encontraria no baile e George está aqui por minha ordem. Eu previ tudo, sabia que você me traria aqui, talvez com o intuito de "depenar-me" também. Um homem prevenido vale por cem, diz um velho adágio. Tudo ficou previsto. Dei graças aos céus quando você se aproximou de mim, pois eu contava com a dificuldade de abordá-la, dada sua altivez. Eu estava incumbido de encontrar o ladrão dos milionários e já desconfiava de quem fôsse. Não falei a ninguém das minhas suspeitas, pois só eu queria cantar vitória no final.

— Tudo que me disse foi mentira? — perguntou amargurada.

— Não. Imaginei tudo, tracei meus planos em seus mínimos detalhes, só não previ uma coisa.

— O quê?

— O Maravilhoso *Milagre do Amor*.

CORREIO DA REVISTA

H. S. A. de L. — Miracema — Muita imaginação em seu conto «As Fitas da Vida»; mas está prejudicado pelos erros de linguagem, além de mau estilo.

D. A. S. — Recife — Não foi aprovado o seu conto «Ciúme». Muito cheio de longas digressões e lugares comuns. Melhore seu estilo e volte.

L. P. — São Paulo — Não basta inventar uma história, enfeitá-la com as roupagens da ficção. E' preciso que contenha algo de interessante para cativar o leitor. Como nada disso havia em seu «Fim inesperado», foi êste o fim. Mas não desespere e prossiga.

Agrippa — Juiz de Fora — Muito curto o seu trabalho.

G. de C. F. — Rio — Logo nas primeiras linhas diz o amigo: «O aspecto de vida da cidade é dado...» Não releu o seu conto? Leia essa frase em voz alta e veja que horror!

H. N. — São Paulo — «A última oportunidade» não logrou aprovação. Forma e estilo muito defeituosos. Continui, porém. Não será essa a última oportunidade.

B. M. C. — Andradina — Não foi possível aprovar o seu «Insônia». Linguagem cheia de falhas.

F. M. A. — B. Horizonte — «A mão do morto» ficou prejudicado pelos defeitos de estilo, uma literatura muito vulgar.

Visconde de Guararapes — Cuiabá — Apesar do seu conteúdo em estilo vivaz, o conto que o amigo mandou não foi aproveitado. «Na Estrada de Canaan» peca, espcialmente, pelo estilo gongórico. Repasse-o e mande.

N. W. — Rio — Muito curto o seu «Destinos».

A. M. — Santa Maria de Campos — E. do Rio — Procure melhorar seu português e evite excesso de lingrajar roceiro, muitas vêzes sem naturalidade. Por êsse motivo não foi aprovado o seu «Tragédia em Canapó». Quanto ao «Justiça Tardia» vamos julgá-lo depois.

E. O. R. — Rio — Seu conto «A sombra da árvore» não foi aprovado. Muita vulgaridade a começar do título. Mas não há de ser nada. Prossiga. Tem imaginação.

ANTES DO MEU CASAMENTO



Isso era o cúmulo. Roberta Jameson estava sendo esperada pelo noivo e convidados e ela ali a 150 milhas de distância!



Súbito ouviu ela o roncar de um motor que se aproximava. Precipitou-se para o auto que chegava.















Aquêle alegre, jovial tom de falar do estranho Gene, modificou a atitude de Roberta. Era difícil conservar-se carrancuda diante dêle, sempre a rir, a pilheriar...





ORLANDO SILVA Grandes Audições Palhinha promoveu o retôrno de Orlando Silva a São Paulo. «O Cantor das Multidões» canta tôdas as têrças, sextas e domingos, sempre às 21 horas.



FUTEBOL A Bandeirantes está irradiando todos os jogos do «Campeonato do Mundo», com uma rêde de 12 emissoras e 22 serviços de alto-falantes, cobrindo todo o Estado de São Paulo. Edson Leite é o titular esportivo da PRH-9.



ORTIZ TIRADO A temporada de Ortiz Tirado foi coroada de tão grande êxito que a Cia. Antártica resolveu prorrogá-la. «O embaixador lírico do México» atua ao microfone da PRH-9 tôdas as quartas, sextas e domingos, às 21,30 horas.

GRANDES AUDIÇÕES



IVANI RIBEIRO

IVANY RIBEIRO A Bandeirantes orgulha-se de possuir o maior nome feminino do rádio brasileiro: Ivany Ribeiro. Ivany escreve diàriamente seu «teatrinho das 11 horas» e «Aquarela», às 14 horas. Dois sucessos permanentes da «mais popular emissora paulista».



EXPRESSO DA ALEGRIA Aloísio Silva Araujo continua tomando conta do horário, diàriamente — das 11,30 às 13,30 horas — com o Expresso da Alegria, que o público batizou como o «programa mais gostoso . . . »



CONJUNTO GUARANY A PRH-9 apresenta tôdas as têrças, sextas e domingos, às 22 horas agradáveis audições com o conjunto Folclórico Guarany — um sexteto que conquistou a preferência dos ouvintes paulistas.



ORQUESTRA SÍLVIO MAZZUCA O mais jovem "band-leader" do Brasil se impôs definitivamente com sua notável orquestra em São Paulo. E' um dos grandes cartazes exclusivos da PRH-9.

NA RÁDIO BANDEIRANTES



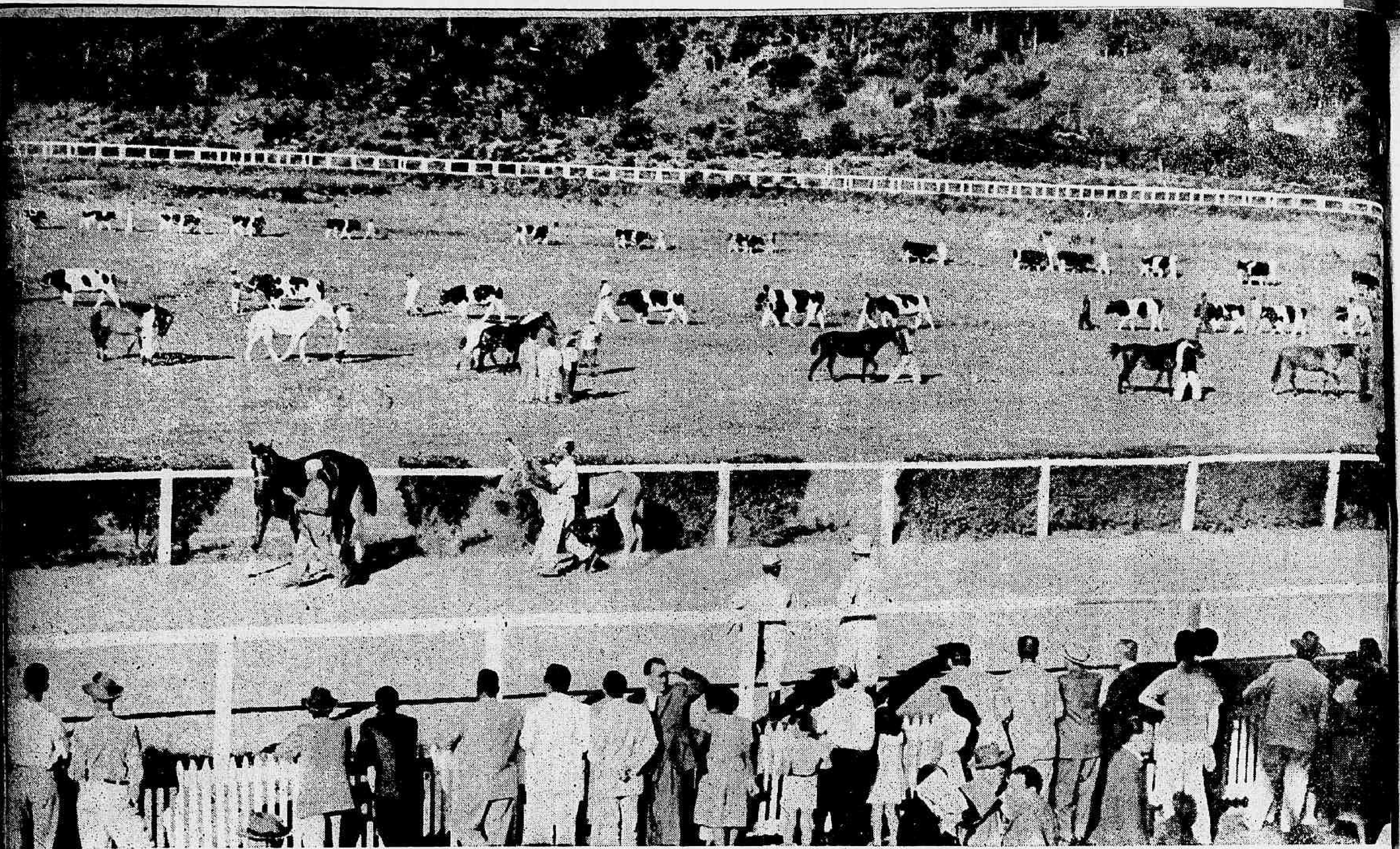
"A FELICIDADE BATE À PORTA" Interessante programa a PRH-9 apresenta, tôdas as segundas-feiras, às 20,30 horas. Irradiado simultâneamente do auditório e da rua, cada semana visita um bairro premiando em dinheiro às ouvintes. No clichê uma das últimas contempladas. Essa recebeu Cr$ 14.000,00.



PEDRO TERÓL Contratado diretamente na Rádio El Mundo de Buenos Aires, Pedro Teról é a nova atração internacional da Bandeirantes. «O cantor de todos os ritmos», no primeiro programa, conquistou as paulistas com sua simpatia e bela voz.



BOULANGER O maior violinista cigano do mundo — George Boulanger estreará em julho no auditório da Bandeirantes. Mais um grande nome internacional para a «mais popular emissora paulista».



Magnífico aspecto do desfile dos animais levado a efeito na pista do Jockey Club de Juiz de Fora, por ocasião do ato inaugural da XII Exposição

XII EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL DE JUIZ DE FORA







Três flagrantes da inauguração da XII Exposição de Juiz de Fora. À esquerda: o sr. Américo René Gianetti, secretário da Agricultura de Minas, discursando no ato. Ao centro: os srs. Américo Gianetti e Dilermando Cruz desatam a fita simbólica, dando por inaugurado o certame. À direita: o vereador Wilson de Lima Bastos pronuncia o discurso oficial da inauguração



Ao lado, da esquerda para a direita: os srs. Antônio Augusto Botelho Junqueira, dr. Cleveland Duarte Braga, José Augusto de Araujo e cel. José Custódio Pinto (presidente), componentes da diretoria do Centro Rural de Juiz de Fora, e mais os srs. dr. Polycarpo Rocha Filho e dr. Sylvio Vianna, zootécnistas, posam para a nossa objetiva. Foram êstes os organizadores da vitoriosa XII Exposição

Bem se pode dizer que, no ano do Centenário, Juiz de Fora teve a sua maior Exposição Agro-Pecuária e Industrial. Na realidade, há muitos anos não se verificava êxito tão completo no tradicional certame da afamada região leiteira da Mantiqueira sendo mesmo certo que os últimos muito deixaram a desejar. E nós, que em mais de uma ocasião fizemos reparos à maneira pela qual elementos produtores da riquíssima zona encaravam a sua Exposição anual, inexplicàvelmente deixando cair, de ano para ano, o nível técnico dos produtos apresentados, êstes mesmos em números reduzidos — nós estamos, agora, muito à vontade para fazer o elogio da XII Exposição, que sem dúvida constituiu o ponto mais interessante das comemorações com que Juiz de Fora assinalou a passagem dos cem anos de sua operosa existência. O certame inaugurado a 31 de maio e encerrado a 4 de junho últimos, foi uma bela demonstração do progresso e da capacidade de trabalho da extensa região agro-pastoril da Zona da Mata mineira. Dela se poderão orgulhar os que mourejam nas atividades campestres e a ela concorreram com os seus excelentes produtos, reveladores do alto índice de desenvolvimento atingido através de anos sem fim de uma constante obra de aperfeiçoamento. Técnica e socialmente falando, a XII Exposição alcançou plenamente seus superiores objetivos. Desde a soberba exibição dos exemplares das raças leiteiras de fina linhagem, dos produtos agrícolas e industriais afins, ao movimento ininterrupto de visitantes, tudo ali constituiu sucesso sem precedentes. Estão todos de parabéns, organizadores, expositores, espectadores. De parabéns está o Centro Rural de Juiz de Fora, a cuja frente se encontram os srs. cel. José Custódio Pinto, presidente, Antônio Augusto Botelho Junqueira, José Augusto de Araujo e Cleveland Duarte Braga, diretores, pela ótima organização dada ao certame, bem como pela cuidadosa seleção feita dos elementos expostos.

A XII Exposição de Juiz de Fora foi inaugurada pelo sr. Américo René Gianetti, presentes o representante do general Onofre de Lima, o dr. Rômulo Joviano, representante do ministro da Agricultura e numerosas autoridades, grande público e di-

versas caravanas dos municípios vizinhos.

Iniciando as solenidades, usou da palavra o vereador Wilson de Lima Bastos, falando em nome do Centro Rural, promotor da XII Exposição, que disse da satisfação dessa entidade em poder oferecer a Juiz de Fora e aos que a visitavam, um espetáculo de tanta significação para a economia mineira, ressaltando ainda a colaboração recebida por parte dos fazendeiros e criadores locais e de Municípios adjacentes, assim como das autoridades municipais e estaduais.

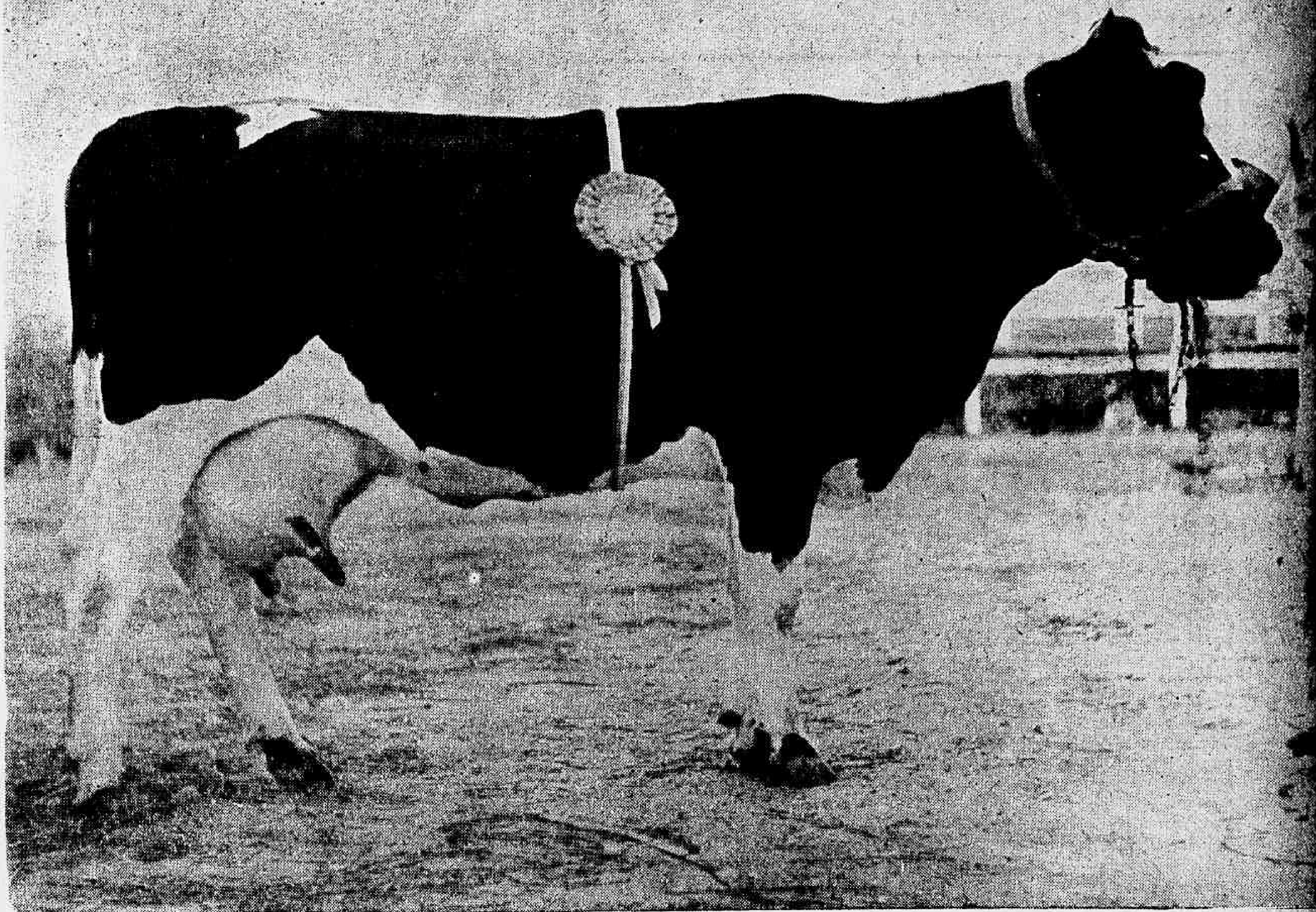
Falou a seguir o prefeito Dilermando Cruz Filho que, em nome da cidade, agradeceu ao Centro Rural pela realização daquele importante certame, que vale como um atestado da pujança agrícola e industrial do Município.

Finalmente, discursou o sr. Américo René Giannetti, secretário da Agricultura do Estado de Minas que, em seu nome e no do governador Milton Campos, congratulou-se com o Centro Rural e o Município de Juiz de Fora, pela magnífica demonstração da grandiosidade de seus recursos econômicos, dada através daquela exposição.

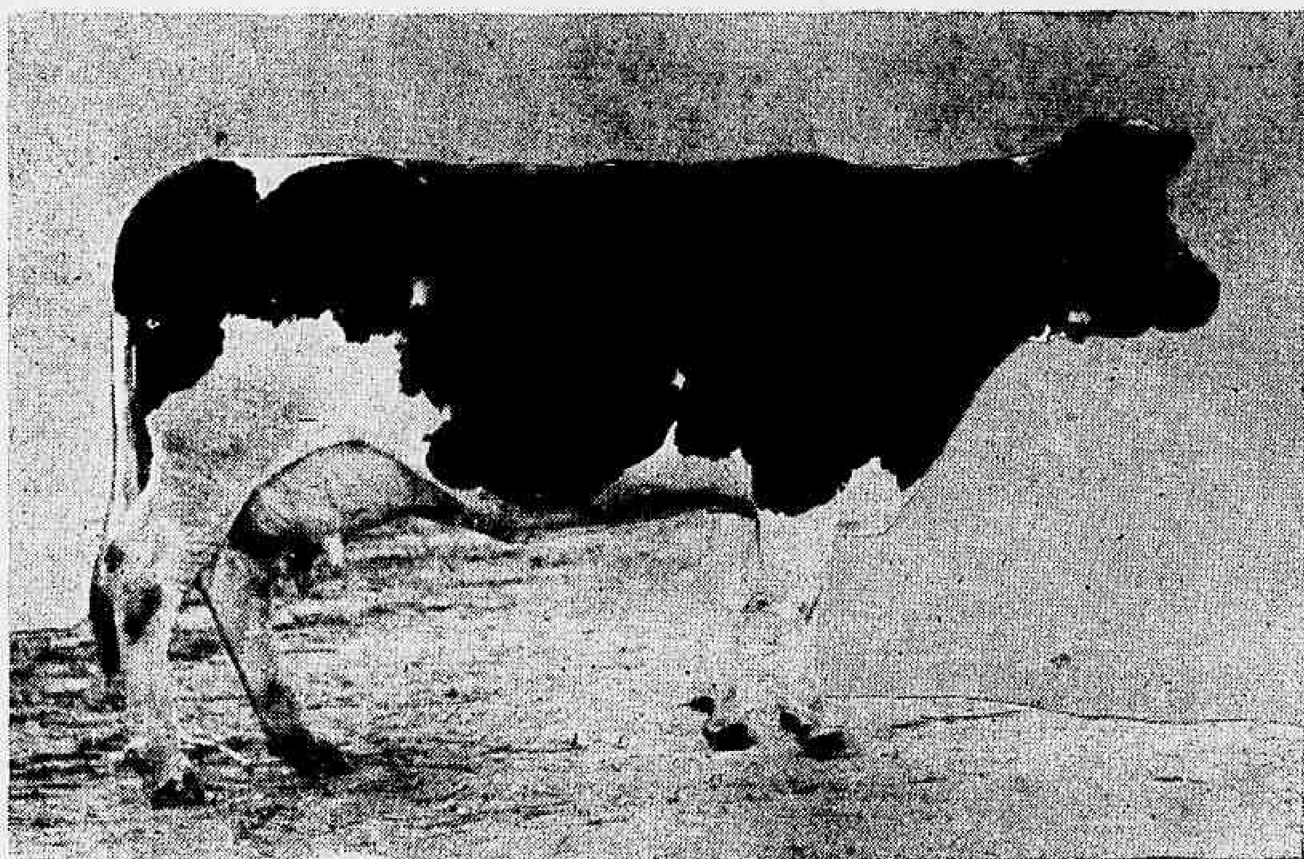
Em seguida, foi oficialmente inaugurada a XII Exposição-Feira Agro-Pecuária e Industrial de Juiz de Fora, tendo os srs. Américo René Giannetti e dr. Dilermando Cruz Filho desatado a fita simbólica, sob entusiástica ovação dos presentes.

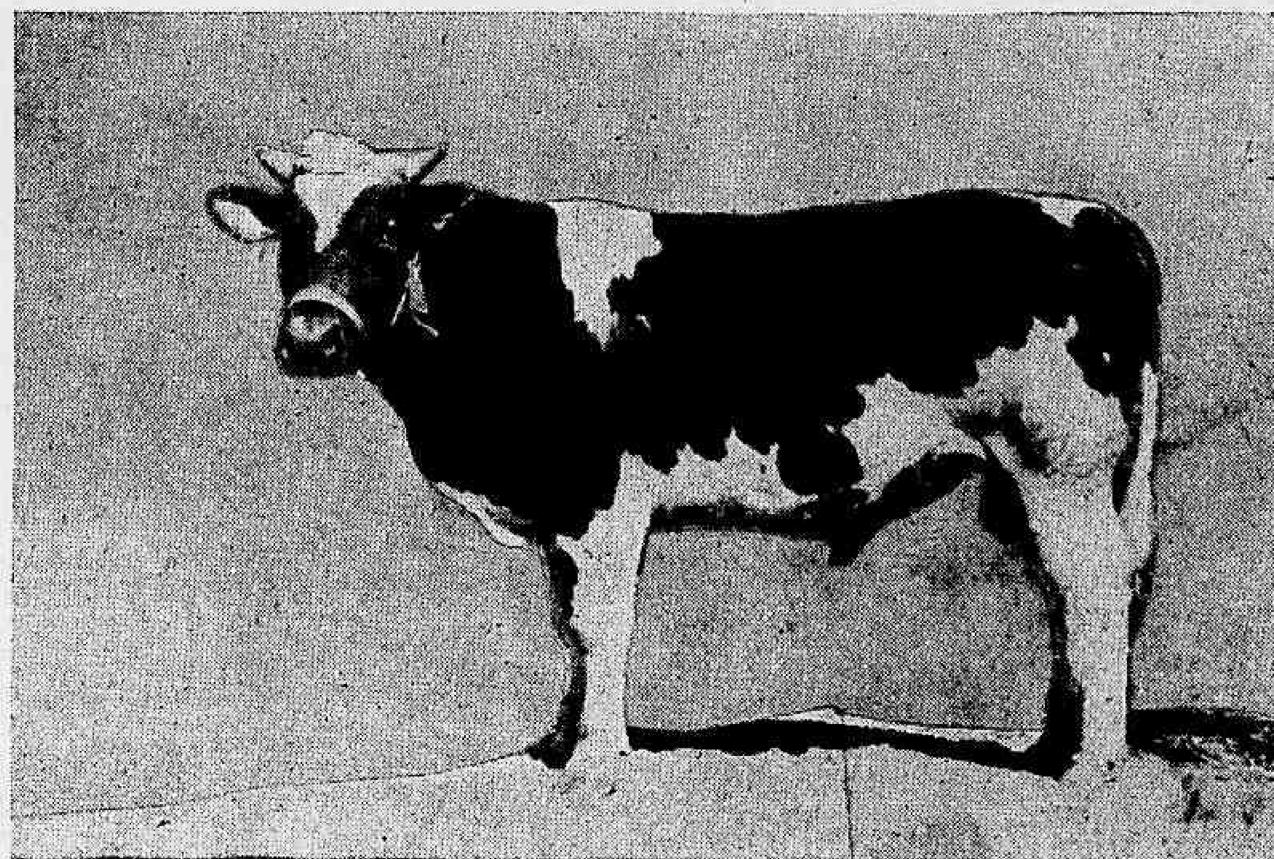
Os presentes percorreram então os vários «stands» da Exposição, visitando o pavilhão de produtos industriais de origem animal e assistindo ao desfile dos animais. Nessa oportunidade, o sr. Américo René Giannetti manifestou sua admiração pela qualidade dos produtos ali expostos, dirigindo palavras de elogio à iniciativa do Centro Rural, que proporcionou, pelo seu esfôrço e dedicação, tão significativa demonstração da capacidade econômica do Município.

A. M.

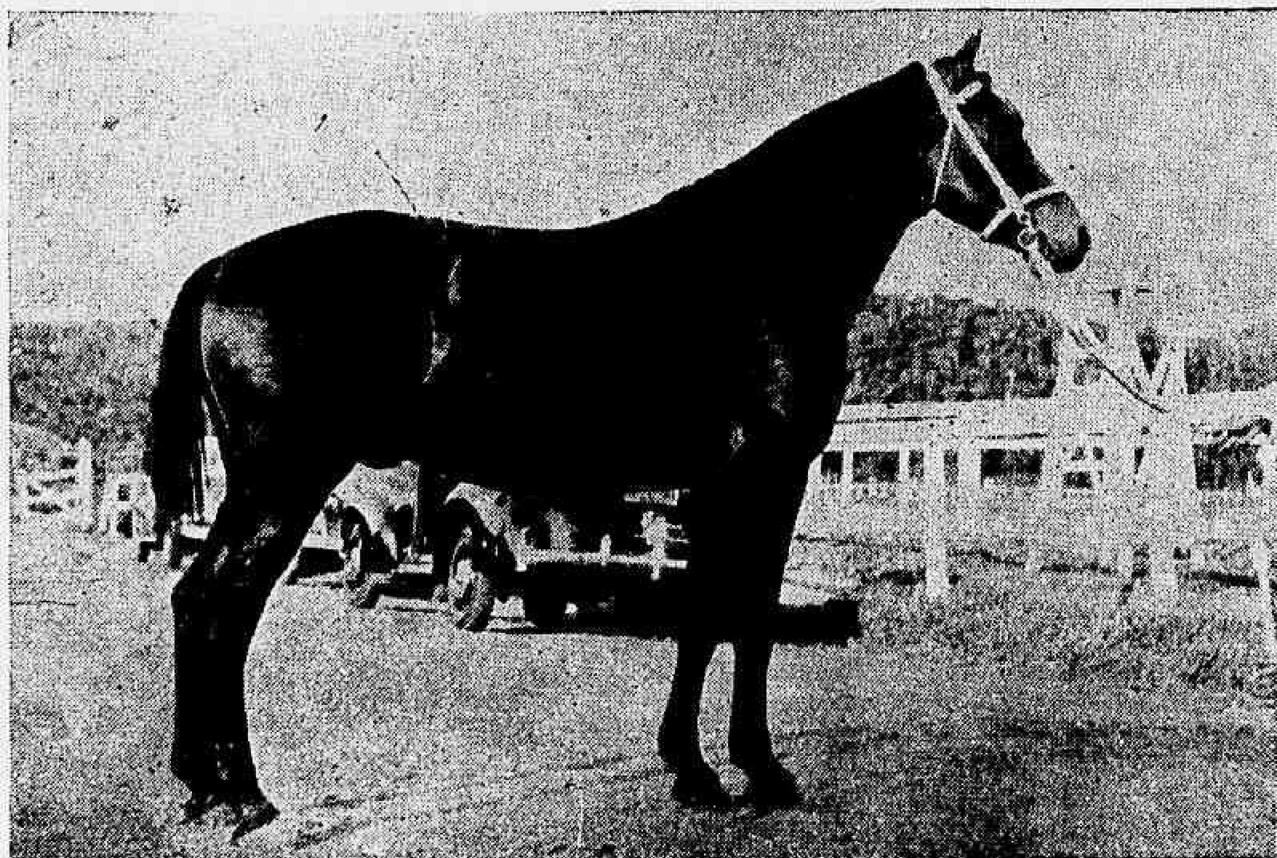


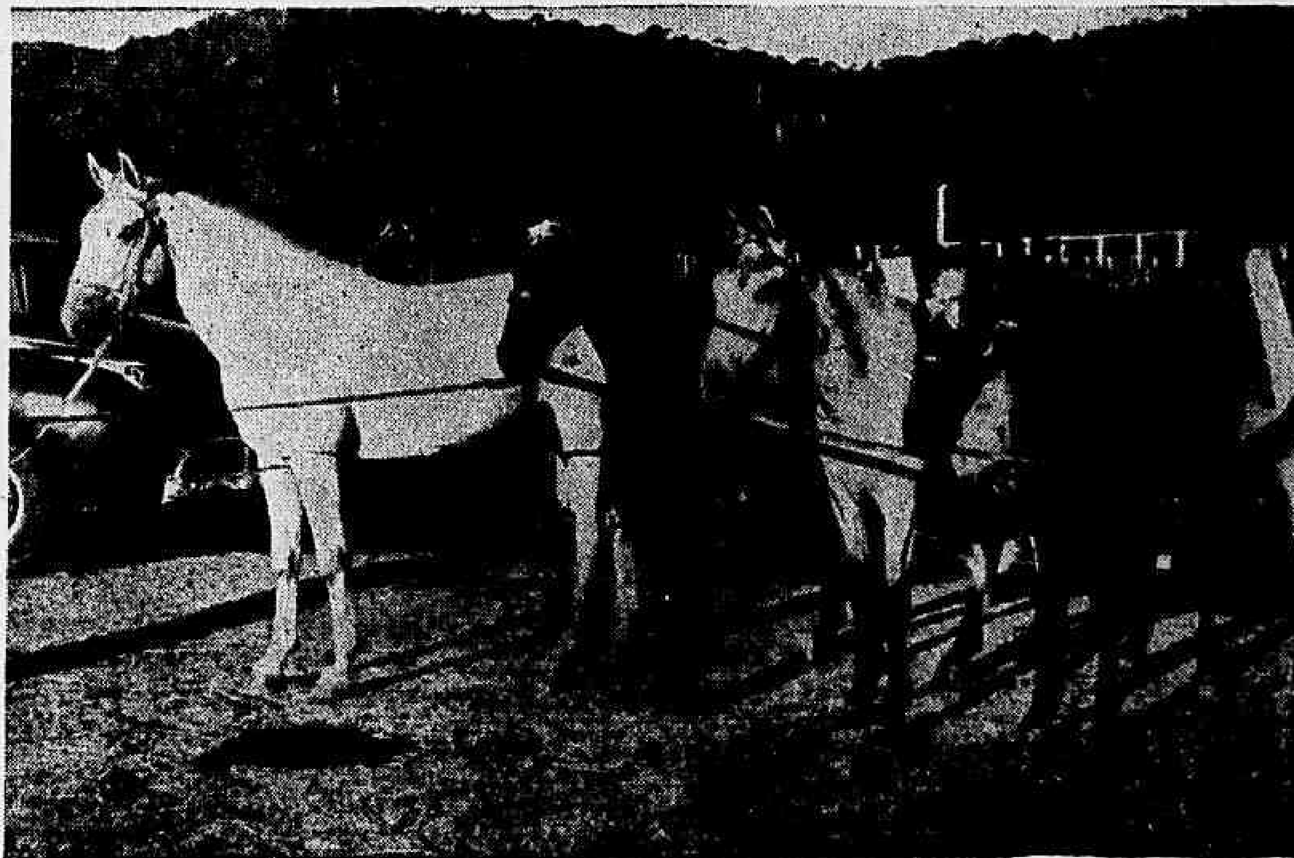
«Herdade-Flora», 1º Prêmio e Reservada Campeã da raça Holandesa Preta e Branca da XII Exposição de Juiz de Fora. Pura por cruza. 4 anos incompletos. Pai: «Horizonte». Mãe: «Dona» (3P). Tat. EGP 3. «Herdade-Flora» venceu o concurso leiteiro da XII Exposição com a produção total de 81,150 kilgs. em 3 dias, com 3 ordenhas diárias. Foi também campeã em quantidade de matéria gorda. Um mês antes, em contrôle oficial, «Flora» produziu o total de 91,500 kigs. e 3,30 de gordura. A queda de produção verificada entre êste contrôle e aquêle concurso, deve-se ao fato de se haver manifestado o cio no terceiro dia de lactação. Criador e expositor: José de Andrade Reis. Fazenda da Herdade. Mathias Barbosa. Minas





À esquerda: «Três Ilhas-Venezinha», 1º Prêmio da raça Holandesa Preta e Branca na XII Exposição, produzindo no concurso leiteiro 62,500 kigs. em três dias. Pura de Origem. Tat. E 1. Pai: «Lanceiro». Mãe: «Veneza». À direita: «Herdade-Horizonte», 1º Prêmio da raça Holandesa Vermelha e Branca na XII Exposição. Pai: «Aliado II». Mãe: «Flora». Tat. EGR 10. Criador e expositor: José de Andrade Reis. Fazenda da Herdade. Mathias Barbosa. Minas





À esquerda: «Sargento II», Campeão da Raça Mangalarga na XII Exposição. 7 anos. Pai: «Sargento». Mãe: «Soberana». À direita: grupo família da raça Mangalarga, um dos mais perfeitos exibidos na XII Exposição, liderado pelo grande Campeão Estadual «Baluarte», pai dos três excelentes potros que se vêem na gravura, «Aviador», «Atômico» e «Danúbio», respectivamente 1º Prêmio, 2º Prêmio e Menção Honrosa na XII Exposição. Criador e expositor: José de Andrade Reis. Fazenda da Herdade. Mathias Barbosa. Minas

TUDO ISTO ACONTECEU

ENTERRO DO FOOT-BALL



Dizem os historiadores esportivos que o chamado «foot-ball association» nasceu na Bretanha e, desde o seu nascimento empolgou o povo inglês. Muita gente pensa, por isso, que êsse esporte é britânico. Não queremos discutir êsse ponto, bastante confuso e difícil de resolver-se.

O que não resta dúvida é quanto à tradicional supremacia da chamada «escola inglesa» em matéria de futebol. Vieram da Inglaterra os seus regulamentos, suas penalidades, posições dos jogadores, as medidas dos campos, a classificação dos disputantes, a formação dos times. Tudo isso é fácil de ver-se pelos nomes que ainda hoje são adotados em países estrangeiros que cultivam o esporte bretão: «free-kick» (ponta-pé, coice), «off-side» (impedimento, fora de forma), «goal» (objetivo, alvo), etc., etc.

Era a Inglaterra a dominadora do «association» e de onde vinham as lições mais corretas e de sabor técnico admirado por todo mundo que aprecia o jôgo em que as mãos só entram para atrapalhar. Mas, tudo no mundo tem o seu declínio e o futebol inglês, que já andava ruinzinho, veio ao campeonato mundial no Rio sòmente para morrer. Quem diria! Não é nossa a afirmação e sim do jornal londrino «Daily Herald» do dia 3 de julho de 1950, nos seguintes têrmos:

«Em afetuosa memória do futebol inglês, falecido no Rio de Janeiro no dia 2 de julho de 1950. O finado foi profundamente chorado pelo grande círculo de amigos e parentes enlutados. N. B. (Note bem) O corpo será cremado e as cinzas serão levadas à Espanha».

O jornal inglês estava envolto em crepe na primeira página solidarizando-se com o falecimento do futebol da terra de Churchill e comunicava o infausto acontecimento naquele aviso fúnebre...

"BRINDANDO" OS ELEITORES

As eleições no Brasil estão provocando idéias de todo gênero. Já houve quem se lembrasse de omitir nos títulos de nossas gentis eleitoras, a data de seu nascimento, para, num requinte de cortesia de salão, não descobrir-se a idade exatamente cronológica de madames e senhoritas.

Bastaria, para isso, que o Sr. Juiz mandasse constar dos títulos femininos, a indefinível palavra: maior. Ora, se para votar não se exige que a pessoa tenha 25, 50 ou 100 anos, é claro que, com aquêle simplíssimo «maior», estava resolvida a questão. Mas o Tribunal Eleitoral não achou graça nenhuma e deu voto contrário à pretensão da defensora da idéia.

Outras sugestões estão surgindo agora que se avizinham as lutas nas urnas. Onde mais surgem idéias novas é no campo dos senhores Vereadores. Vejam o que juram êles defender, caso sejam eleitos: «Solução imediata à carestia». «Água em 24 horas». «Transportes fáceis e baratos»; «casa própria para todos»; «solução do problema do tráfego», «emprêgo para os desempregados», «Metropolitano», «Túnel para Niterói», etc., etc.

Mas, em virtude de já o eleitorado não acreditar muito em tais programas, foi que o Delmiro Gomes Canedo, residente nesta capital e um dos candidatos à vereança



carioca, passou dias e noites a arquitetar um plano mais convincente, mais atraente e exequível para conquistar a confiança do eleitorado do Distrito Federal.

E achou. «Eureka!» deve ter exclamado como Arquimedes, o sábio geometra de Siracusa, metido em sua banheira. Assim também o nosso patrício Canedo, descobriu uma nova lei de pesos específicos em matéria eleitoral: chapas numeradas para darem direito a prêmios de Cr$ 5.000,00 pela Loteria Federal ou do E. do Rio. Mas o TSE não vai nesse jôgo...



A CIDADE E O PORTO DE TRIESTE sempre constituíram um ponto de fricção internacional, especialmente quando estão em jôgo interêsses italianos entrosados com os das grandes potências ocidentais. Na guerra de 1914-18, Trieste era austríaca, colocada lá no fundo da baía formada pelo ambicionado adriático, sôbre o qual os chamados impérios centrais viviam de olhos fitos. Trieste porém, passou a fazer parte do território italiano desde o tratado de paz com o antigo eixo Áustria-Alemanha, vencido na primeira hecatombe humana. A evolução do mundo depois da penúltima grande conflagração criou várias nações independentes, produto de grandes desmembramentos territoriais na velha Europa central. Assim, desapareceram países como o Montenegro, a Sérvia, etc., para dar lugar a novas formações de povos como o iugoslavo, o albanês, o tchecoslováquio, etc., todos êles mais ou menos interessados no famoso mar Adriático, em cujas margens se ergue a intranquila Trieste.

Depois de muitas lutas, tanto armadas como diplomáticas, Trieste passou, em parte, para o domínio e posse da Iugoslávia, garantida pelas Nações Unidas, uma vez que, desta vez a Itália lutou ao lado da Alemanha. Vemos aqui eleitores iugoslavos votando num pôsto eleitoral todo enfeitado e com um retrato do marechal Tito.

QUE BELO EXEMPLO!

Há, nas vizinhanças de Oslo, capital da Noruega, uma ilha turística de grande beleza panorâmica, mas que, infelizmente, de há muito não podia receber excursionistas em face da imensa quantidade de lixo nela acumulada durante anos.

A prefeitura da capital norueguesa teria que dispender, pelo menos uns 30 mil cruzeiros (em nossa moeda brasileira, é claro) para limpar a ilha e torná-la ponto de turismo. Mas era preciso economizar para outras coisas mais urgentes. Então, teve esta idéia luminosa: convidou cêrca de mil estudantes, moças e rapazes que terminavam, êste ano, seu curso secundário em colégios nacionais, e lhes ofereceu um passeio maravilhoso à ilha, com danças, comidas e bebidas...

A estudantada topou a parada e lá se foi; mas todos iam sabendo que era preciso, antes, higienizar a «casa» para a festa. Calcularam o serviço e verificaram que, diante da imensa coluna de benfeitores, um exército alegre e corajoso com pás e enxadas, ciscadores e carroças, tudo aquilo estaria removido em pouco tempo.

Na verdade, depois de um dia de trabalho entre risadas e pilhérias próprias de estudantes graduados, êles limparam a ilha de Langoeya, entregando-a limpinha como um espelho de noiva no dia do casamento.

Para completar a festança, a banda dos ex-escolares executou seus dobrados, marchas e músicas alegres, causando enorme sucesso. E' curioso dizer que, o espírito dos estudantes dera à orquestra o nome de «Desarmônica»...

Com essa idéia mil jovens de ambos os sexos prestaram considerável benefício à Municipalidade de Oslo, deram à cidade sua ilha varrida e saudável e se divertiram a valer!



A VIDA E' UM PAU DE SEBO



Os jornais do dia 25 de junho nos deram movimentadas reportagens sôbre os festejos de São João. Danças, bailes caipiras, desastres, mãos decepadas pelas «cabeças de negro», crianças queimadas pelos fogos de salão sempre muito inocentes e bonitinhos, etc. Mas, uma notícia houve que ocupou maior espaço nos diários.

Foi a belíssima festa do «arraial» levada a efeito no Campo de São Cristóvão. Reproduziram mesmo, numa espécie de «set» cinematográfico, uma aldeia aí dos nossos sertões, com as casinhas matutas, a capelinha para as novenas, etc. Entre as atrações da festança havia uma que, desde cedo, empolgou o espírito de alguns cariocas mais decididos: era o pau de sebo.

Folguedo muito comum no nordeste brasileiro, aqui no Rio despertou a atenção do povo. Quem conseguisse subir até ao tôpo. Havia dois paus ensebados. Lá em cima, dentro de envelopes, uma notinha de Cr$ 1.000,00 novinha, estalando, para compensar o esfôrço daquele que chegasse a pôr-lhe a mão e a trouxesse triunfalmente. Depois de muito esfôrço, subiu até lá o Sr. Wilson Correia de Sousa, trabalhador do Cais do Pôrto. Mas... oh! surpresa! Em lugar de encontrar no envelope os ambicionados mil cruzeiros, só retirou dali uma caixa de fósforo vazia e arrebentada! Reclamando perante o Prefeito, êste lhe fêz justiça, entregando-lhe, ali mesmo, cinco notinhas de Cr$ 200,00. Faltava agora o segundo «pau de sebo».

A glória coube, desta vez, a dois populares: Ailton Batista de Sousa e Francisco Nunes dos Santos. Mas... maior decepção ainda! Em lugar de Cr$ 1.000,00, só havia ali uma infame notinha de dez cruzeiros!

Quiseram ir à presença do Sr. Prefeito para reclamar o lôgro em que caíram; mas os guardas não permitiram. E, a estas horas estarão dizendo: «A vida é um pau de sebo com uma nota falsa na ponta...»

AURI SACRA FAMES!



Essa frase latina quer dizer: «E' incrível a sêde de ouro». A sêde ou a fome, como talvez seja mais exato. Fome de ouro ou de gaita, a frase latina é cada vez mais uma prova de que o mundo vive cheio de ganância na direção do «vil metal» que dá a todos muita alegria e... decepções.

Mas, vamos ao caso. A Sra. Rosamond é uma senhora de Nova York, já divorciada três vêzes. Para solucionar, de vez, sua vida e ficar quieta, escolheu um quarto marido, um milionário e banqueiro, Mr. J. L. Hoffman. Isso há cêrca de três anos. Morre, agora, Mr. Hoffmann e a espôsa chorou desesperadamente o falecimento do «de cujus» e esperou ansiosamente a abertura do testamento.

Que horror! O homem só lhe deixara 200 mil dólares de renda. Duzentos mil dólares, ao câmbio atual, Cr$ 20,00 sem cambio negro, são apenas 4 milhões de cruzeiros, ou, na velha moeda de antes de 1930: quatro mil contos de réis! Como vemos, excelente renda para o resto da vida de Mrs. Hoffmann.

Pensam que ela ficou satisfeita? Qual nada! Sabendo que a fortuna do morto se elevava no momento a um milhão e quinhentos mil dólares, entrou em juízo com uma ação para anular suas determinações de última vontade. Chorar? Quem viu! Agora o que desejava era mais dinheiro, maior renda, maior participação no espólio do «pranteado» Hoffmann.

Mas o Juiz do feito, depois de examinar os têrmos de um acôrdo pre-nupcial celebrado entre a espôsa e o marido, achou que os têrmos da cláusula testamentária não podiam ser modificados e manteve a renda: $200.000 para Mrs. Hoffmann até sua morte.

Agora, para vingar-se do banqueiro, só lhe resta um caminho: casar-se pela quinta vez e «meter-lhe o pau»...

CUMULO DO ASAR



VEM-NOS de Miami, Flórida, nos Estados Unidos, esta notícia talvez encerrando um episódio inédito no mundo inteiro: um raio matou, a 22 de junho último, na Flórida, um prêso que fugia. A mesma faísca elétrica destruiu uma igreja e derrubou de um sôpro oito jogadores de «base-ball», o mesmo sucedendo com o respectivo árbitro.

O detento fugitivo que cumpria pena de cinco anos nas grades, por crime de roubo, ia sendo conduzido por soldados num caminhão da cadeia, achou que a hora de escapar era aquela e não outra. Aproveitando-se do ligeiro descuido de seus guardas, êle deu um salto e deitou a correr como um louco...

Quando deram pela fuga, já o prêso ia longe. Mais adiante, o fugitivo deu de cara com um campo, excelente terreno para proporcionar-lhe maior eficiência nas pernas.

Infelizmente, porém, ao atravessá-lo em disparada, as nuvens carregadas de chuva e de eletricidade, passaram a jorrar água em abundância e os trovões a ribombar ferozmente. Relâmpagos fuzilavam nos espaços sem fim, enquanto o fugitivo de Miami dava asas às canelas.

Ao chegar ao meio do campo, uma faísca elétrica enviada pela polícia de Netuno em combinação com Vulcano, derrubou-o, jogando-o sem vida ao solo. O que a polícia não tivera tempo de fazer, fê-lo a natureza.

Essa mesma faísca, ou uma outra sua irmã gêmea, no mesmo instante, na base naval de Jacksonville, fêz aquêle estrago na igreja, nos jogadores de «base-ball», no técnico, sendo que três dos esportistas estiveram às portas da morte. Mas se salvaram todos, sendo adiado o «match».

O azar maior foi o daquele pobre detento. No momento em que contava vitória, ser fulminado por um raio! Raio os partam...





ESTA AGORA E' DE AMARGAR!

Afinal de contas, quantas "Mona Lisa" há mesmo? Até agora só se sabia de uma admirada por todos os que vão a Paris e visitam o Louvre. Lá está a famosa Gioconda, com seu sorriso enigmático. Mas, se há outra Mona Lisa tão original e perfeita como a daquele quadro do Louvre, qual será o verdadeiro?

A notícia de que foi descoberta outra Mona Lisa nos Estados Unidos, onde jazia ignorada há mais de 153 anos, causou sensação entre os meios artísticos de todo o mundo. A aparição dêsse quadro gêmeo veio trazer grande confusão entre os mestres das Artes Plásticas, técnicos e historiadores.

Seria que a famosa espôsa do rico Giocondo posara para o florentino pintá-la duas vêzes? Ou a tela recentemente encontrada nos Estados Unidos é alguma cópia tão fiel, com tanta perfeição de traços e de tinta que se confunde com a do original?

O fato é que o assunto está apaixonando todo mundo e os técnicos já estão submetendo o "irmão" do que está no Louvre a raios infra-vermelhos, raios X, reações químicas, o diabo a quatro. No fim, talvez seja classificado como primo...



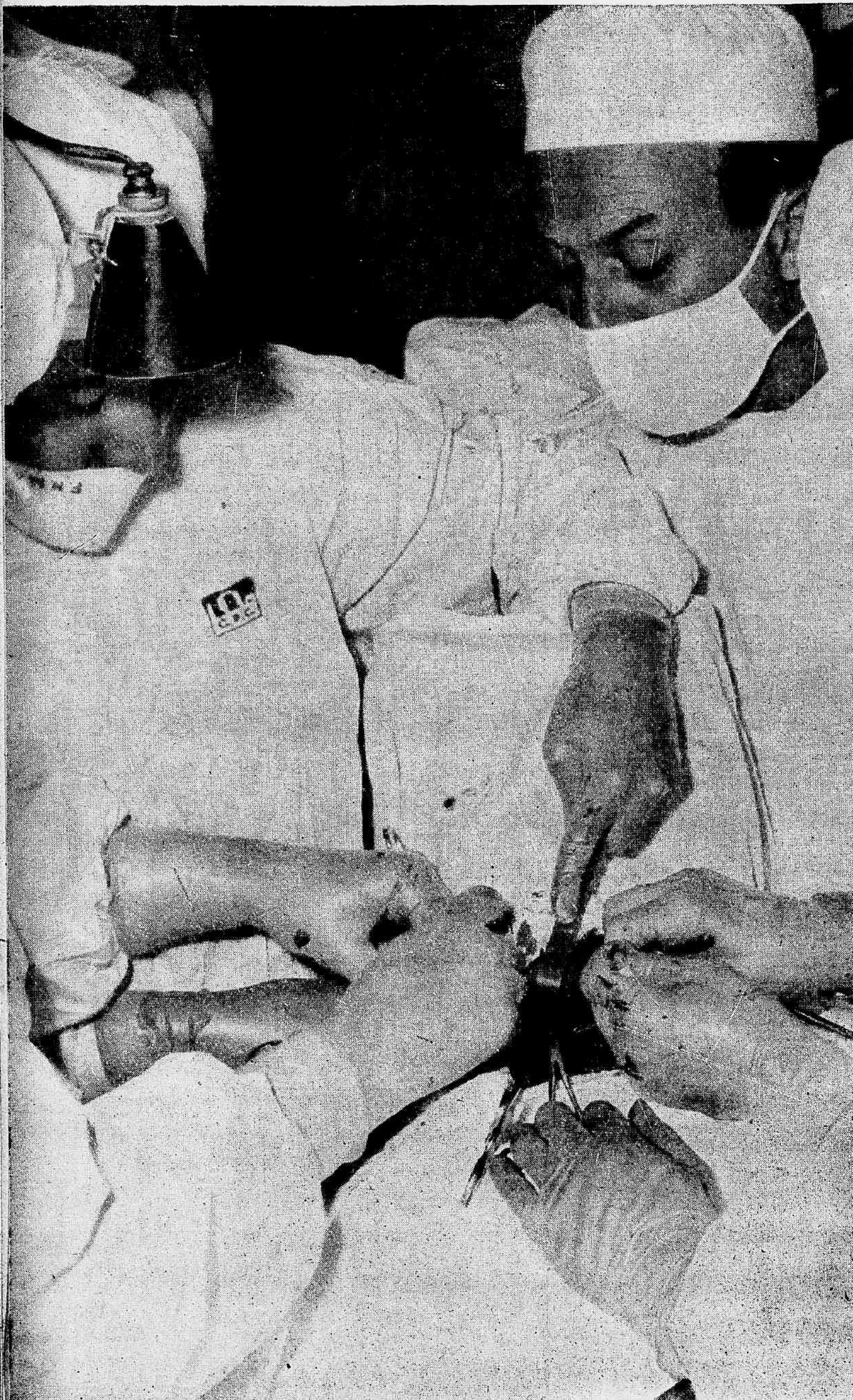
A CIENCIA ATOMICA EMPOLGA A MOCIDADE

em todos os países em que é a mesma divulgada popularmente, sem a preocupação misteriosa quando de sua aplicação em caráter militar e, evidentemente, secreto. Há poucos dias abriram os laboratórios do "Brookhaven National Laboratory", para uma visita pública. Deram mesmo a êsse ato o nome significativo de "Visitors' Day", para que todo mundo que dispusesse de tempo e tivesse curiosidade, fôsse ver como se "dominam" os senhores átomos.

E' claro que a maioria da assistência que tomou de assalto aquêle instituto de pesquisas científicas foi constituída por estudantes das escolas secundárias. Guiados pelos seus mestres de cultura científica, pelos professôres dos colégios secundários, vieram a Brookhaven turmas de estudantes de Nova York, Massachusetts e Pennsylvania, com a maior alegria e curiosidade.

E, na verdade, ninguém se queixou do sacrifício. Viram, através de complicados aparelhos, os cosmotrons, ciclotrons, como se agitam os átomos em tôrno de seu núcleo e se processa científica e matemàticamente sua dissociação sob cargas elétricas fulminantes.





FOTOGRAFADA UMA OPERAÇÃO DE TIREOIDE

Vem de realizar-se, entre 1 e 8 do corrente, no Hospital Moncorvo Filho sob a direção do Prof. Alfredo Monteiro e com o mais completo êxito científico, uma série de trabalhos englobados na "Semana de Tireóide". Aproveitando essa iniciativa de largo alcance cultural, nossa reportagem conseguiu fixar em uma série de sensacionais flagrantes fotográficos — com as respectivas explanações do Prof. Alfredo Monteiro e de seus competentes auxiliares — tôda a continuidade de uma dessas importantes intervenções cirúrgicas. Trata-se da extração de um bócio, operação à qual foi submetida uma senhora naquele nosocômio. E' sabido a importância de uma enfermidade dêsse gênero, particularmente nas representantes do sexo feminino. No curso dessa delicada intervenção, o Prof. Luis Gentil Feijó teve ocasião de citar a famosa frase de Maragnon: — "A mulher é mais mulher pelo tireóide que pelo ovário". Na gravura, um detalhe da operação, e no próximo número, a sua descrição pormenorizada, com amplo serviço ilustrativo, para o qual, desde agora, chamamos a atenção do leitor estudioso.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Mundo, vasto mundo... (Armando Pacheco) 4/6
Novas Catacumbas em Roma (Celestino Silveira) 10/11
As Memórias Completas de Humberto de Campos (Carlos Tenório) 19/21
Sacerdotisa e Ritmos Vodú (Sabino Canalini) 26/31

CURIOSIDADES

Trygve Lie, o homem das controvérsias (George Barrett) 3
Como os pintores se vêem a si mesmos 8/9
A Tôrre da Paz em Ottawa 14/15
14 de Julho — Data Universal (Robert Christophe) .. 24/25

LITERATURA

Semana Literária (Edmundo Lys) 12/13
Noite Trágica (Yvonne de Miranda) 22
Uma Aventura em Barbacena (Antônio N. dos Santos) 32

FEMININAS

Vestidos de Algodão 34
Casacos Modernos 35
«Tailleurs» Clássicos 36
Manhãs Frias 37
Veludo 38
Variados 39
Variações 40
Conjuntos 41
«Week-End» na Cozinha ... 42/43

HUMORISMO

Recenseamento (Théo) 18
Raiva (Nicodemus) 23

TEATRO

O Impacto 16/17

FOLHETIM

Antes do meu casamento .. 51

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista 7
Personagem da Semana ... 7
Música (Roberto Lyra Fº) 44
A Saúde do Bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 45
Correio da Revista 47
Puxe pelo cérebro 48
Palavras cruzadas 49
Tudo isto aconteceu 56/57

★

FOTOS

Arnaldo Vieira — Celestino Silveira — Antônio Lima — Avulsas

★

ILUSTRAÇÃO

A. Zaluar

★

BONECOS

Rafael

★

NA CAPA

YVONE DE CARLO
(Universal-International)

RESPOSTAS AO TESTE

1 — Por terem os gaúchos amarrado ali os cavalos.
2 — Juiz de Fora.
3 — Banho nos pés.
4 — Por ter exercido o lugar de Juiz.
5 — Santo Huberto.
6 — Distribuição gratuita de trigo ao povo.
7 — O turco.
8 — Terebintina.
9 — A Escrava Isaura.
10 — Seu nascimento.
11 — Brasileira.
12 — Bocage.
13 — Islândia.
14 — Sete anos (1821-1828).
15 — Em Lisboa.
16 — Lord Roger Keyes.
17 — William S. Hart.
18 — Lilliam Tritton.
19 — Rio Grande do Sul.
20 — Colibri.



MOBILIÁRIOS E DECORAÇOES

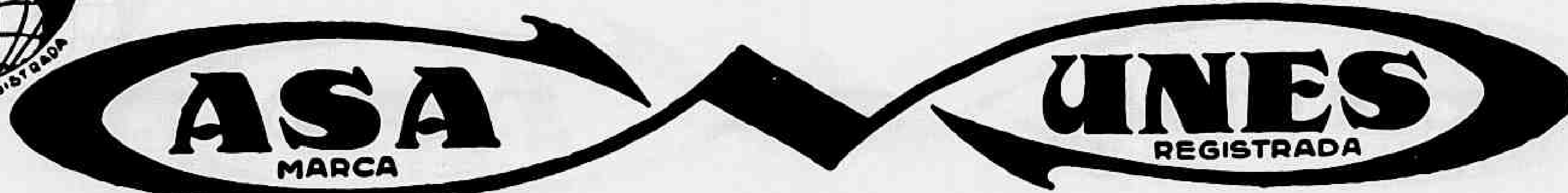
Orçamentos executados por técnicos especializados

GRUPOS ESTOFADOS

para entrega imediata



TAPETES E PASSADEIRAS de todo o mundo,
fabricados especialmente para a



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

O Iate Club Rio de Janeiro congrega entre seus sócios a melhor sociedade carioca.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Uma lancha veloz ou esguio veleiro... uma companhia agradável... o deslumbramento panorâmico da Guanabara — e um cigarro Hollywood, para realçar os prazeres da vida. Fumos cuidadosamente escolhidos, hàbilmente combinados, fazem de Hollywood o cigarro que já é uma tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**